



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE
CAMPUS DE SÃO CRISTÓVÃO
PRÓ-REITORIA DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA - PROHIS

GIGLIELE PEREIRA FONTES

**MACEIÓ NA GUERRA: O COTIDIANO DA CAPITAL ALAGOANA DURANTE A
SEGUNDA GUERRA MUNDIAL (1942-1943)**

SÃO CRISTÓVÃO-SE

2025

GIGLIELE PEREIRA FONTES

**MACEIÓ NA GUERRA: O COTIDIANO DA CAPITAL ALAGOANA DURANTE A
SEGUNDA GUERRA MUNDIAL (1942-1943)**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação em História da Universidade Federal de Sergipe, como pré-requisito para a obtenção do título de Mestre em História.

Orientador: Prof. Dr. Fábio Maza.

SÃO CRISTÓVÃO-SE

2025

FOLHA DE APROVAÇÃO

GIGLIELE PEREIRA FONTES

MACEIÓ NA GUERRA: O COTIDIANO DA CAPITAL ALAGOANA DURANTE A SEGUNDA GUERRA MUNDIAL (1942-1943)

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação em História da Universidade Federal de Sergipe, como pré-requisito para a obtenção do título de Mestre em História.

BANCA EXAMINADORA

Data da aprovação: ____/____/____.

Prof. Dr. Fábio Maza (orientador)

Prof. Dr. Carlos de Oliveira Malaquias (examinador interno)

Prof. Dr. Pedro Abelardo de Santana (examinador externo)

Aos meus pais: José Vieira Fontes (*in memoriam*) e Albertina Bezerra Pereira, pelo amor, educação, zelo e dedicação incondicionais.

Aos meus irmãos: Gisele, Gigliane e Jeandson, pelo amor, carinho e incentivo.

Aos meus sobrinhos: Anthony José, Chrystian, Ghael e Melynda Maria, por fazer barulhenta e alegres nossas manhãs.

A todos os queridos professores, pela dedicação, seriedade, incentivo e confiança.

**FICHA CATALOGRÁFICA ELABORADA PELO SIBIUFS
UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE**

F683m Fontes, Gigliele Pereira
Maceió na guerra : o cotidiano na capital alagoana durante a
segunda guerra mundial (1942-1943) / Gigliele Pereira Fontes ;
orientador Fábio Maza. – São Cristóvão, SE, 2025.
135 f. : il.

Dissertação (Mestrado em História) - Universidade Federal de
Sergipe, 2025.

1. História. 2. História – Maceió (AL). 3. Guerra Mundial, 1939-
1945 – Maceió (AL). I. Maza, Fábio, orient. II. Título.

CDU 94(813.5)"1939/1945"

AGRADECIMENTOS

“Deleite-se no Senhor e Ele atenderá aos desejos do seu coração”, Salmos 37:4. Alguns anos foram necessários para o desenvolvimento e finalização deste trabalho, que hoje representa não apenas o fim de um ciclo acadêmico tão almejado, mas também uma grande realização pessoal e profissional. Hoje compreendo porque os agradecimentos devem ser feitos por último, pois ao longo dessa jornada, que as vezes se mostra solitária ao pesquisador, muitos me auxiliaram, pessoal e virtualmente. Em primeiro lugar, agradeço a Deus pelo dom da vida e por me permitir realizar sonhos, a Ele toda honra e toda glória, e por proporcionar o princípio, meio e fim.

A minha família “Pereira Fontes”. Aos meus pais José (*in memoriam*) e Albertina, pelo amor, dedicação e incentivo de sempre. Aos meus irmãos, Gisele, Gigliane e Jeandson pelo apoio e carinho. Aos meus pequenos e carinhosos sobrinhos Anthony José, Cristhyan, Ghael e Melynda Maria, por tornar nossos dias mais coloridos, barulhentos e alegres. Aos meus cunhados Cristiano Marques e Givaldo Gonçalves.

Aos queridos amigos que me acompanharam nesse trajeto, a vocês meus sinceros votos de gratidão, em especial Vitor Rafael Monteiro, Tatiane Rodrigues e Fernando Júnior pelo suporte na construção do projeto de mestrado, bem como conversas, sugestões e ideias.

Aos colegas da graduação, pelas contribuições ao longo do curso, assim como partilha em nossas viagens técnicas e momentos de riso e descontração.

Aos colegas de trabalho pela cooperação, fomento e compartilhamento de sugestões e ideias, além de ensinamentos para a vida. A Weslamy G. Vilarindo, que para além do carinho e confiança, interveio diretamente na realização desta, sendo sua atuação fundamental.

A todos os professores que tive a oportunidade de conviver e aprender um pouco que fosse, da Educação Básica ao Ensino Superior, meus agradecimentos pelo empenho, dedicação e afago. Esse trabalho é também resultado do trabalho de vocês, por acreditarem que é possível realizar o que sonhamos e, mais que isso, “ver” e fazer “ser visto” a capacidade de cada aluno, permitindo que este “se enxerge” dentro de suas potencialidades, percebendo-se, pois, como sujeito atuante em sua própria história. As linhas que escrevo são singelas, mas representam o carinho e admiração que tenho para com todos que exercem essa difícil profissão. Difícil sim, pois envolvida em muitos desafios, que somente aqueles que estão no “chão de sala” o (re)conhecem bem, diariamente; mas por outro lado, permeada com vigor e nutrida pela esperança de um mundo mais justo e igualitário. Obrigada Daniela, Edvane Bandeira, Clecia Rodrigues, Sheyla Farias, Vladimir Dantas, Elter C. Vale, Pedro Abelardo, Alan Marinho,

Sheila Lidiane, Manoel Pereira, Carla Taciane, Ana Margarida, Sara Angélica, Ana Cristina, Gustavo Gomes, Anderson S. Almeida, Liliana Pereira, Uílder Celestino, Flávio Moraes.

Aos professores do PROHIS, em especial aqueles que tive oportunidade de cursar alguma disciplina, Augusto da Silva, Pablo Magalhães, Carlos de Oliveira Malaquias, Edna Matos, Augusto Silva e Cristiano Christillino. Assim como ao meu orientador, Fábio Maza, pelas discussões e colocações sempre tão pontuais, pelo empenho, paciência e interação.

À turma do curso de mestrado em História de 2023, pelos momentos de debates e reflexões construídas na UFS, em especial à querida Juliana Ameno pelo apoio e carinho.

À banca avaliadora, pela disponibilidade, contribuição e sugestões.

Às bibliotecas da UFAL e da UFS, assim como à Biblioteca Municipal Ieda Damasceno Nascimento em Delmiro Gouveia-AL, por seu variado acervo material e concessão de espaço propício e acolhedor a seus leitores e pesquisadores, assim como aos seus respectivos funcionários, pela atenção, disponibilidade e gentileza.

Às instituições guardiãs da memória, nas figuras especiais de seus funcionários que abriram as portas para me recepcionarem e tornar possível esse trabalho: o Arquivo Público de Alagoas, o Instituto Histórico e Geográfico de Alagoas e a Associação dos Ex-Combatentes do Brasil – Secção Alagoas. Ademais à Hemeroteca Digital Nacional, por estar disponível remotamente e viabilizar acesso a tamanho material catalogado.

RESUMO

O presente trabalho tem como objetivo discutir alguns aspectos e desdobramentos da Segunda Guerra Mundial, na capital Maceió, em Alagoas. Parte-se do entendimento da política da Interventoria Góis Monteiro e de suas estratégias frente à guerra até os impactos e transformações no cotidiano de Maceió, a partir do *blackout*, carnaval e afundamento do navio mercante Itapagé. Entendemos, aqui, que a leitura destes impactos da guerra será realizada em seus diversos espaços de experiência na capital. Assim sendo, esta pesquisa tem como aporte documental, principalmente, jornais (em especial nas Hemerotecas do Arquivo Público e do Instituto Histórico e Geográfico de Alagoas), livros de memória militar e Relatórios produzidos pela Interventoria Góis Monteiro no início da década de 1940. Do diálogo historiográfico, há mediação com produções da História Social Cultural, da História Política e História Militar.

Palavras-Chave: Segunda Guerra Mundial. Maceió. Cotidiano.

ABSTRACT

The present work aims to discuss some aspects and developments of the Second World War, in the capital Maceió, in Alagoas. It starts from understanding the political of Interventoria Góis Monteiro and its strategies against the war to the impacts and transformations in the daily life of Maceió, from the blackout, carnival and sinking of the Merchant ship Itapagé. We understand, here, that the reading of these impacts of the war Will be carried out in its different spaces of experience in the capital. There fore, this research has as document Ary support, mainly, news papers (especially in the Hemerotecas of the Public Archive and the Historical and Geographical Institute of Alagoas), military memory books and Reports produced by Interventoria Góis Monteiro in the early 1940s. The historiographical dialogue is mediated by productions from Social Cultural History, Political History and Military History.

Keywords: World War II. Maceió. Daily.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1	Navios brasileiros torpedeados durante a Segunda Guerra Mundial.....	37
Figura 2	Notícia do torpedeamento do Navio Itapagé na costa alagoana.....	46
Figura 3	Desfile dos náufragos do <i>Itapagé</i> em Maceió.....	56
Figura 4	Pormenores do torpedeamento.....	59
Figura 5	Monumento em homenagem aos ex-combatentes da Segunda Guerra Mundial em Maceió-AL.....	60
Figura 6	Alagoanos mortos em combate.....	61
Figura 7	Estrangeiros presos e submetidos a trabalhos forçados no Canal de Bebedouro.....	77
Figura 8	Alagoas contra a quinta-coluna – os chamados “súditos do Eixo” trabalhando no canal da malária.....	78
Figura 9	O curso em Maceió – rumo ao banho de mar à fantasia na Avenida da Paz.....	99

LISTA DE SIGLAS

20° B.C. – 20° Batalhão de Caçadores

22° B.C. – 22° Batalhão de Caçadores

AL – Alagoas

APA – Arquivo Público de Alagoas

CPDOC – Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea do Brasil

DEIP – Departamento Estadual de Imprensa e Propaganda

DIP – Departamento de Imprensa e Propaganda

DNS – Departamento Nacional de Saúde

EUA – Estados Unidos da América

FAB – Força Aérea Brasileira

FEB – Força Expedicionária Brasileira

FGV – Fundação Getúlio Vargas

IAA – Instituto do Açúcar e Alcool

IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística

IHGAL – Instituto Histórico e Geográfico de Alagoas

LBA – Legião Brasileira de Assistência

N. P. O. R. – Núcleo de Preparação dos Oficiais da Reserva

PANAIR – Pan American Airways do Brasil

PROHIS – Programa de Pós-graduação em História

S. D. P. A. Ae. – Serviço de Defesa Passiva Antiaérea

TCC – Trabalho de Conclusão de Curso

U-BOOT – Unterseeboot

UFAL – Universidade Federal de Alagoas

UFS – Universidade Federal de Sergipe

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	11
2 O BRASIL E ALAGOAS NO CENÁRIO DA SEGUNDA GUERRA MUNDIAL (1942-1943).....	19
2.1 Governo Vargas e a conjuntura da Segunda Guerra Mundial	20
2.2 Interventoria alagoana: inserção política dos Góis Monteiro	27
3 A GUERRA CHEGOU: TORPEDEADO O NAVIO ITAPAGÉ EM ÁGUAS ALAGOANAS.....	33
3.1 Atentado nazista em Alagoas	35
3.2 Pormenores e reação popular pós torpedeamento	47
4 O COTIDIANO DE MACEIÓ NA GUERRA	62
4.1 A guerra e a cobertura nos jornais da capital	63
4.2 “Apaguem suas luzes ao sinal de alarme” ¹	82
4.3 O carnaval em tempos de guerra	97
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS	105
REFERÊNCIAS.....	108
ANEXOS	118
ANEXO 1 – LISTA DO ITAPAGÉ.....	119
ANEXO 2 – ALAGOAS INTEGRADA NO ESTADO NACIONAL E NO ESFORÇO DA GUERRA	122
ANEXO 3 – APAGUEM SUAS LUZES AO SINAL DE ALARME	123
ANEXO 4 – COM ARMAS OU SEM ARMAS SABEREMOS LUTAR.....	124
ANEXO 5 – INSTRUÇÕES PARA O “BLACK-OUT” EM MACEIÓ.....	125
ANEXO 6 – OCUPADA PELOS INGLEZES	126
ANEXO 7 – INAUGURADA A RODOVIA LIGANDO AS DUAS BÁSES AÉREAS DE MACEIÓ.....	127
ANEXO 8 – COMO FOI ATACADO E AFUNDADO O “ITAPAGÉ”	128
ANEXO 9 – TORPEDEADO NA COSTA ALAGOANA O NAVIO “ITAPAGÉ”	129
ANEXO 10 – DEFENDENDO A BOLSA DO POVO CONTRA A EXPLORAÇÃO... 	130
ANEXO 11 – COMPREENDAMOS QUE ESTAMOS NA GUERRA.....	131
ANEXO 12 – CONTRA O CARNAVAL	132
ANEXO 13 – A FALTA TEMPORÁRIA DE TRANSPORTES NÃO DEVE OCASIONAR A MORTE DO BANGUÊ	133

1 INTRODUÇÃO

“Por que estou preocupado com o que estou preocupado?” Essa foi uma das questões provocadoras colocadas por um dos docentes do Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal de Sergipe (UFS), ao longo das aulas do Mestrado Acadêmico. Esse questionamento muito me inquietou enquanto estudante e pesquisadora, e por vezes a pergunta continua a ecoar, afinal de contas, por que estou preocupada com o que estou preocupada? Por que estudar Maceió? Por que a Segunda Guerra Mundial? Por que analisar o cotidiano? Por que essas correlações? Confesso que não tenho uma resposta objetiva, simplificada ou mesmo concisa para esta pergunta. Tenho na verdade, alguns talvez, afinal, “justificar um tema é antes de tudo assinalar as suas conexões” (Barros, 2012, p. 69).

Expor a escolha de um tema é subjetivo e complexo, pois remete a pensar sobre como desenvolvemos interesse em determinado assunto em detrimento a outro. Talvez o arroubo se dê pelo fato de verificar na escrita da história, vivências de pessoas e situações que não podemos alterar, apenas observar, conhecendo seu desfecho. O fato é que, ao pensar na escrita da história, rememorei para um passado distante, que julgo curioso aqui relatar para melhor compreensão do leitor. À época do ensino fundamental, um professor da disciplina de História, (não recordo o nome do professor, nem o ano letivo) passou uma atividade de pesquisa para casa.

Atividade na qual, o aluno deveria entrevistar anciãos, para que eles falassem a respeito da formação do pequeno povoado em que vivíamos, abordando tópicos, como: sua origem, primeiros habitantes, designação do nome local, seu significado e importância para o município. À época foram trabalhos a realizar tal proposta escolar, visto que era uma criança muito reservada e tímida. Nesse ínterim, obtive um recorte de jornal, que contava com algumas entrevistas sobre o município, assim como entrevistei um simpático senhor. É curioso pensar, como esta memória esteve por tanto tempo retida e somente após muitos questionamentos, consegui acessá-la novamente. Apesar de não recordar o nome do senhor entrevistado na ocasião, compartilhando suas memórias e vivências, a uma jovem estudante do ensino fundamental, fico feliz em saber que de algum modo, as suas narrações me instigaram a continuar estudando sobre. No último ano do ensino fundamental, durante as aulas de História e após a leitura do livro infantil juvenil, *A mala de Hana: uma história real*, de Karen Levine, minha curiosidade continuou aguçada a buscar mais sobre a temática da Segunda Guerra Mundial.

Alguns anos depois, ingresso no curso de licenciatura plena em História pela Universidade Federal de Alagoas (UFAL) – Campus Sertão, e me deparo com um trabalho

acadêmico a ser realizado, o TCC. Surge, pois, o questionamento: sobre o quê pesquisar? A sugestão dos professores é buscar temáticas, que de algum modo nos instigue, algo de que gostemos. Após muito pensar e pesquisar, me deparo com alguns vídeos sobre o torpedeamento do navio Itapagé em Alagoas durante a Segunda Guerra Mundial. Coloco-me a buscar, recebo auxílio dos professores com sugestões de leituras em livros e artigos acadêmicos. Entre conversações, surge a probabilidade de existência de algumas fontes documentais. São periódicos publicados pelos jornais da capital alagoana, ao longo da década de 1940, que se encontram em alguns arquivos guardiões da memória em Maceió, acerca de 300km de onde resido. No receio se seria exequível ou não essa pesquisa, ouço a fala de uma querida professora: “que isso minha filha, não desista, há abundância na escassez”. Entre escassez e abundância, escrevo estas linhas.

Segundo o historiador Marc Bloch, “[...] já o bom historiador se parece com o ogro da lenda. Onde fareja carne humana, sabe que ali está a sua caça” (Bloch, 2002, p. 54). O autor descobriu a ideia da História como sendo uma ciência que estuda o passado, uma vez que o principal objeto de estudo da História é o Homem. Para tal, a história não se limita ao passado, pois, o homem enquanto seu objeto de estudo, encontra-se num contínuo processo de construção e reconstrução. A História enquanto "Ciência dos homens", "dos homens, no tempo" (Bloch, 2002, p. 55), busca interpretar a ação do homem, no sentido de levantar as causas que determinaram uma dada ação. A História está imbricada num processo global, totalizante e temporal das sociedades, “porque nada há fora da história” (Aróstegui, 2006, p. 289). Ao mesmo tempo em que apresenta permanências, é constituída de mudanças/rupturas com o passado, contudo é preciso observar, pois, toda mudança advém de um movimento, mas nem todo movimento gera mudança. Dentro dessa concepção, “[...] História, com maiúscula, é o resultado de que a sociedade humana é uma realidade no tempo” (Aróstegui, 2006, p. 297), sendo que não é possível dissociar o social e o histórico.

A Segunda Guerra Mundial (1939-1945) pode ser compreendida como um dos conflitos de maior impacto no século XX, decorrente de suas particularidades. Como afirmou Carl Von Clausewitz, em conhecida frase, “a guerra é a continuação da política por outros meios”, verifica-se, pois, que eventos a princípio inerentes ao campo político-estratégico acabam causando grandes impactos no meio social, como os decorrentes das duas grandes guerras mundiais. Tem-se, portanto, a divisão das grandes potências mundiais em dois blocos antagônicos: países do Eixo e Aliados. Neste sentido, tem-se um crescente desenvolvimento da indústria bélica, ampliação do contingente humano mobilizado, assim como acirradas disputas no campo estratégico militar, midiático, tecnológico e cultural desses países.

A Primeira Guerra Mundial (1914-1918) foi umas das causas da Segunda, de modo que “envolveu todas as grandes potências e, na verdade, todos os Estados europeus, com exceção da Espanha, os Países Baixos, os três países da Escandinávia e a Suíça” (Hobsbawm, 1995, p. 30-31). Ao final da Primeira Guerra, os países vencidos sofreram diversas sanções econômicas e militares. Nesse período foi celebrado o chamado Tratado de Versalhes, espécime de paz punitiva à Alemanha, baseado em cinco pontos, como se sabe, o tratado falhou.

Porquanto, decorrente da quebra da Bolsa de Valores de Nova Iorque, em 1929, a economia dos países capitalistas é afetada. Os países sofrem uma drástica recessão econômica, obrigando-os a buscar medidas protetivas quanto à crise. No caso norte americano, um plano de ação foi colocado em prática, o *New Deal*. De caráter político, econômico e estratégico, esse plano interferia diretamente na produção agrícola e industrial, e buscou combater o desemprego exorbitante. Segundo Conceição (2015, p. 26):

[...] o papel do Estado, na vida econômica, mudaria consideravelmente. Parte do pensamento liberal seria aos poucos reformado por uma política de intervencionismo direto do poder público. Foi assim com os Estados Unidos, a Inglaterra, a França e com a Alemanha e a Itália.

O conflito, a princípio europeu, acabou por envolver um grande número de países do mundo e o Brasil foi um deles. O reflexo da economia ganha impactos no mundo da política, sendo que os anos 1930 viram surgir os governos autoritários ganhando força, tendo como principais exemplos, Alemanha, Itália, Espanha e Portugal. A Segunda Guerra Mundial eclode, pois, enquanto consequência de um sistema imperialista em colapso.

Entre finais da década de 1930 e meados de 1940, o cenário político brasileiro passa por um novo momento, quando “[...] em outubro de 1930, um movimento armado conduz o gaúcho Getúlio Dornelles Vargas à Presidência da República. A Primeira República conhece seu ocaso e tem início a Era de Vargas” (Seitenfus, 1985, p. 1). A chegada de Vargas ao poder configura uma ruptura com o sistema político existente, culminando consequentemente na deposição do presidente Washington Luís e no protagonismo de novas figuras políticas no cenário nacional (Osvaldo Aranha, Góis Monteiro, Eurico Gaspar Dutra, Juarez Távora e José Américo de Almeida).

Com a crise de 1929, o Brasil encontra-se numa situação crítica, a exportação do café declina vertiginosamente, colocando em risco a economia nacional (que à época era baseada na monocultura cafeeira). A partir deste momento, “a implantação de um complexo siderúrgico tornou-se um dos elementos-chave do programa getulista, condicionando a atitude brasileira

em relação à Alemanha e aos Estados Unidos durante a Segunda Guerra Mundial” (Seitenfus, 1985, p. 04-05).

No decorrer dos anos 1930, o Brasil mantém relações comerciais com Alemanha, Itália e Estados Unidos. A aproximação com a Alemanha verifica-se no meio político, policial, militar e diplomático, resultante de acordos comerciais firmados, convergência de pensamentos quanto à luta anticomunista e o crescente nazi-germanismo no país. Esse estreitamento de laços faz surgir no governo dos EUA certa desconfiança e a necessidade de uma maior aproximação com o Brasil e os demais países latinos. O Presidente norte-americano, Franklin Roosevelt, estabelece a chamada política da boa vizinhança, que consiste na cooperação mútua dos países americanos, consistindo numa estratégia política, econômica e militar, que visa tanto ampliar os acordos comerciais, como barrar a influência europeia nas Américas (Seitenfus, 2003). Em decorrência da conjuntura apresentada, o Presidente Vargas é pressionado por ambos os lados e, esse busca barganhar seu poder de influência na América do Sul, em troca de financiamento para a construção da siderúrgica nacional, assim como rearmar o Exército Brasileiro.

Para tanto, alguns encontros e conferências são realizados ao longo dos anos 1930-40 no continente americano. Em 1936, por exemplo, na Conferência de Buenos Aires, é apresentado o projeto de defesa continental, que consiste na recomendação de que o ataque a um Estado americano corresponde a um ato de agressão aos demais. Nas reuniões que se seguiram, a recomendação foi ratificada. Com a eclosão da guerra, em 01 de setembro de 1939, o governo brasileiro sofre demasiada pressão sobre quem deverá apoiar no conflito. Observando-se mesmo certa divergência da ala governista, pois uma parte – Góis Monteiro e Gaspar Dutra –, tinham afeição ao modelo político alemão e a outra – Osvaldo Aranha – ao modo de vida estadunidense.

Em dezembro de 1941, a base americana de Pearl Harbor é atacada e os Estados Unidos entram na guerra. No ano seguinte, ocorre a III Reunião dos Chanceleres no Rio de Janeiro, e o governo norte-americano cobra o cumprimento dos acordos de solidariedade assinados anteriormente. Neste sentido, o Brasil manifesta apoio aos norte-americanos, rompendo relações com o Eixo.

Entre os dias 15 e 19 de agosto de 1942, sete embarcações são torpedeadas em pleno mar territorial brasileiro, sendo seis brasileiras e uma estrangeira. Os navios: Baependí, Araraquara, Aníbal Benévolo, Itagiba, Arará e a barcaça Jacira são afundados ao longo das costas sergipana e baiana. Os ataques foram realizados por submarino alemão, como represália à decisão brasileira de declarar solidariedade aos norte-americanos. Com os torpedeamentos dos navios, vários corpos (entre eles mulheres e crianças) boiaram e amontoaram-se nas praias,

o que gerou terror e espanto na população. A guerra marítima que teve como palco o litoral nordestino se mostrou terrível e devastadora (Agressão, 1943), (Cruz, 2012), (Robatto, 2009), (Sander, 2011), (Pedreira, 2021), (Cansação, 1987), (Silveira, 2004).

Frente aos ataques realizados, diversos grupos sociais se mobilizam em solidariedade aos naufragos, assim como cobrando uma atitude incisiva do governo.

O torpedeamento dos cinco navios brasileiros causou a maior surpresa e indignação em todo o país. A 19, grande massa popular foi ao palácio Guanabara levar ao Senhor Presidente da República o seu protesto contra a brutalidade da agressão à soberania brasileira (Agressão, 1943).

A destruição dos navios [...] põe em xeque as últimas resistências dos defensores da neutralidade. Vargas, até então mantido a uma certa distância dos acontecimentos, vê-se na obrigação de reagir. A 22 de agosto, o Gabinete se reúne e decide reconhecer a existência de um estado de beligerância com a Alemanha e Itália. Tal tomada de posição havia sido precedida, na véspera, de correspondência expedida pelo Itamaraty a Berlim e a Roma, em que o Brasil declara que, em virtude dos múltiplos ataques sofridos pelos navios mercantes e de passageiros brasileiros, existe “uma situação de beligerância, que somos forçados a reconhecer na defesa da nossa dignidade, da nossa soberania e da nossa segurança e a da América. A 31 de agosto, a beligerância se transforma em estado de guerra entre o Brasil, a Alemanha e a Itália (Seitenfus, 2003, p. 298-299).

Tanto na capital federal, como na alagoana, houve mobilização contra o Eixo. Na publicação de 18 de agosto de 1942, com a manchete intitulada de “Extraordinárias manifestações populares”, o *Jornal de Alagoas* informa sobre uma grande passeata realizada no dia anterior contra o Eixo. A passeata dispôs de estudantes e populares e mobilizou ainda autoridades locais a se pronunciarem contra o medonho atentado à integridade brasileira. Além dos pronunciamentos ao longo do percurso, houve grande exaltação patriótica. Os sentimentos aflorados pela revolta, provocou ainda a retirada de placas das casas comerciais dos estrangeiros (alemães e italianos) residentes nesta capital, como também um enérgico “morras” ao nazifascismo.

Como em todo o país, causou o maior sentimento de revolta, em Alagoas, a notícia do torpedeamento de mais cinco unidades de nossa marinha mercante.

Numa demonstração de sua repulsa à barbaria do Eixo e do quanto tocou à nossa alma o atentado nazista à soberania de nossa pátria, grupos de estudantes e populares arrancaram as placas das casas comerciais dos súditos da Alemanha e da Itália aqui residentes (Extraordinárias manifestações populares. *Jornal de Alagoas* – Maceió – Terça-feira, 18 ago. 1942. IHGAL).

Após a declaração de guerra, outros navios nacionais foram afundados ao longo de sua costa e diversas situações do cotidiano passaram por alterações devido a condição política-belílica. O trabalho aqui apresentado tem como objetivo discutir alguns desses aspectos e desdobramentos da Segunda Guerra Mundial, na capital Maceió, em Alagoas (1942-1943). Para

tal, verificar como os alagoanos (Estado, mídia e homens comuns) reagiram ao desenrolar da guerra. Parte-se das medidas políticas da Interventoria Góis Monteiro e de suas estratégias frente à guerra, com consequentes modificações no cotidiano da cidade, como os blecautes, o carnaval e o afundamento do navio Itapagé.

Esta pesquisa tem como aporte documental, principalmente, jornais (em especial nas Hemerotecas do Arquivo Público e do Instituto Histórico e Geográfico de Alagoas), livros de memória militar e literata, além de Relatórios produzidos pela Interventoria Góis Monteiro. Do diálogo historiográfico, há mediação com produções da História Social Cultural, da História Política e História Militar. A metodologia utilizada baseia-se na análise documental das fontes e no cruzamento de dados, relacionados com extenso referencial bibliográfico, que buscou analisar a inserção de Alagoas durante a Segunda Guerra Mundial.

A tensão da guerra nos leva a verificar diversas situações cotidianas sendo alteradas. Para tanto, as populações litorâneas sofrem com o constante medo de invasões inimigas e consequentemente cria-se um receio do mar. O consumo das famílias é radicalmente alterado, por vezes, faltam-se diversos gêneros de primeira necessidade, como pão, feijão, açúcar e carne; como também peças do vestuário (Cytrynowicz, 2002; Cruz, 2012).

No decorrer da guerra, as manifestações culturais sofreram algumas alterações ou foram centro de discussões. A realização de festas populares contrastava com a mobilização nacional motivada pelo conflito, para tanto, o carnaval configurou o epicentro do antagonismo social, como aponta Moutinho (2002, p. 55), visto que “o controle e a regulamentação em torno do samba e do Carnaval se manifestaram das mais variadas formas, da mudança temática nas letras das músicas à disciplinarização e “militarização” dos enredos e dos desfiles”.

Ao longo de 1942 e 1943, os jornais alagoanos: *Jornal de Alagoas*, *Gazeta de Alagoas*, *A Notícia* e *O Semeador*, trazem em suas manchetes notícias diversas sobre a guerra, desde informes que acompanham o desenrolar da guerra na Europa (libertação de territórios invadidos, bombardeios aéreos, sátiras ao governante nazista), como questões de cunho nacional, por exemplo, a defesa nacional, discursos do Presidente, a Batalha da Produção, o bônus de guerra, o incentivo à extração de borracha e plantação da mangabeira em Alagoas, orientações para realização dos blecautes, mobilização e passeata na capital alagoana em decorrência dos navios afundados em Sergipe e Bahia, entre outros. Em janeiro de 1943, uma enquete é proposta pelo *Jornal de Alagoas*, para discutir sobre a realização ou não do carnaval. Intelectuais, comerciantes, jornalistas e funcionários públicos da capital participam avidamente da enquete, expressando suas opiniões. Por se tratar de um período tenso, inseguro, mesmo as divergências elucidadas vão de encontro em busca pelo bem comum da população.

O presente trabalho será disposto em três sessões. Além da introdução e considerações finais, têm-se: a segunda sessão intitulada de “O Brasil e Alagoas no cenário da Segunda Guerra Mundial (1942-1943)”, verifica o Governo Vargas e o posicionamento brasileiro perante o conflito, bem como a relação do Brasil com os países Aliados e do Eixo. Assim como, a inserção de Alagoas no contexto nacional, observando a atuação política do Interventor Federal Ismar de Góis Monteiro.

Na terceira sessão, “A guerra chegou: torpedeado o navio Itapagé em águas alagoanas”, averigua-se o torpedeamento do navio mercante em 1943, próximo ao pequeno povoado de Lagoa Azeda, nas imediações da capital, partindo para compreensão da agressão, resgate aos náufragos, receios e reação popular frente ao ataque alemão. A partir das entrevistas cedidas pelas vítimas resgatadas, descrever as minúcias do ocorrido.

Já na última sessão, “O cotidiano de Maceió na guerra”, analisam-se as transformações ocorridas na capital ao decorrer do evento bélico. Verificando-se, portanto, como os meios de comunicação (em especial os jornais) abordavam a temática da guerra no contexto local; as medidas de segurança coordenadas pelo Estado em decorrência do conflito (ampla divulgação do proceder da população local em possíveis casos de ataque aéreo, com orientações diversas, desde instruções aos pedestres e condutores, como a interrupção de serviços básicos, como fornecimento de energia elétrica, água e telefone). Em possíveis casos de incêndios (contava-se com a ajuda da população, visto que a capital não dispunha de Corpo de Bombeiros), a atenção demandada em relação ao porto, o controle e averiguação de informações (para com os especuladores, ditos boateiros) e os blecautes enquanto medida de treinamento militar (Instruções para o “black-out” em Maceió. *Jornal de Alagoas* – Maceió – Terça-feira, 16 jun. 1942. IHGAL. Defesa passiva anti-aérea. *Jornal de Alagoas* – Maceió – Quinta-feira, 9 jul. 1942. IHGAL).

Logo, a relevância acadêmica desta pesquisa encontra-se na análise de inserção de Alagoas num contexto belicoso mundial, a princípio europeu. De modo geral, a historiografia da Segunda Guerra Mundial é abordada e estudada em larga escala, por diversos pesquisadores, contudo, no que tange o contexto local, pouco se tem discutido da guerra e suas marcas no cotidiano. A pesquisa em questão busca esses apontamentos, observando para as mudanças e perpetuações, num período marcadamente conturbado da história do século XX. Em suma, esta pesquisa possui também relevância social, posto que elucida para um período pouco debatido, dando visibilidade às histórias e modificações do contexto local.

Como observa-se, alguns talvez me levam a escrever, talvez seja justamente esse incômodo e inquietação, sobre um período tenso e inimaginável para aqueles que apenas

sobrevivem; assim como por verificar que no meu estado natal, pouco se tem escrito sobre a guerra. Como se sabe, os conflitos se propagaram na esfera terrestre, aérea e marítima, havendo mesmo diversas ações relacionadas a chamada Batalha do Atlântico e o Nordeste brasileiro com seu saliente, passível de trampolim para a vitória. Em alusão ao mar, suas águas trazem calma ao mesmo que fúria e indisciplina, de essência vital e atrevida é, também, símbolo de mistérios e lendas, revoltoso e incontornável. Em sua canção, *Romance da Bela Inês*, uma das faixas do álbum *Leque Moleque*, de 1986, o cantor e compositor pernambucano Alceu Valença, nos traz um misto de sentimentos que envolvem esse elemento da natureza, permeado de variadas nuances, fluidez e muitas histórias.

“[...], mas eu tenho um espelho cristalino
Que uma baiana me mandou de Maceió
Ele tem uma luz que me alumia
Ao meio dia, clareia a luz do sol

Apesar dos pesares não esquece
Nosso sonho real e atrevido
Bela Inês tem o peito dividido
Entre o porto seguro e o além-mar”.

2 O BRASIL E ALAGOAS NO CENÁRIO DA SEGUNDA GUERRA MUNDIAL (1942-1943)

Domingo na praça

Em três altas ondas a fonte desata
na negra bacia
suas longas madeixas de prata.

Entre o lago e as flores, desliza alegria
nas areias quietas:
cantos de ciranda, sapatinhos brancos,
aros velozes de bicicletas.

Depois dos canteiros, dois a dois, sentados,
falando em sonho, sonhando acordados,
os namorados enamorados
dizem loucuras, pelos bancos.

Ah, Deus, - e a grande lua antiga,
que volta de viagens, saindo do oceano,
ouve a alegria, ouve a cantiga,
ouve a linguagem de puro engano,
ouve a fonte que desata
na negra bacia
novas madeixas de prata ...

As águas não eram estas,
há um ano, há um mês, há um dia ...
Nem as crianças, nem as flores,
nem o rosto dos amores ...

Onde estão águas e festas
anteriores ?

E a imagem da praça, agora,
que será, daqui a um ano,
a um mês, a um dia, a uma hora... ?
(Maireles, 2015, p. 122)

No poema acima, a escritora Cecília Meireles reflete quanto as alterações ocorridas na capital alagoana em dado recorte temporal (Tenório; Dantas, 2008, p. 72). Em retorno a referida cidade, a encontra diferente daquilo que outrora conheceu, que para além das alterações espaciais, a verifica muito diversa na questão humana, não reencontrando mesmo pessoas queridas que ali viviam e/ou circulavam pelas suas ruas. Decorrente das duas grandes guerras, o século XX é assinalado por grandes modificações, desde as de caráter humano, a espaços estruturais, urbanísticos e militares (Tenório; Dantas, 2008), (Pedrosa, 1998), (Júnior, 1976), (Jambo, 1998). Não à toa, a autora alude as perceptíveis mudanças inerente à praça, num escopo que segue do micro ao macro para as novas configurações sociais. Como efeito da guerra, novas

demandas emergem enfaticamente, como a necessidade de ampliação bélica (carros blindados, submarinos, bomba atômica), mobilização humana, desenvolvimento e ampliação dos meios de comunicação (jornais, rádios, cartas, cartões postais, computadores), assim como produções no campo cultural (cinema, teatro, música), entre outros. Numa guerra de variados *fronts*, as diversas nuances suscitam redimensionamentos rápidos e eficazes conforme o momento experienciado. Neste sentido, na segunda sessão deste trabalho serão analisados a conjuntura mundial perante a Segunda Guerra Mundial, o Governo Vargas e a inserção de Alagoas no conflito, partindo-se da Interventoria Góis Monteiro.

2.1 Governo Vargas e a conjuntura da Segunda Guerra Mundial

A Segunda Guerra Mundial (1939-1945) pode ser compreendida como um dos conflitos de maior impacto no século XX, pelas suas particularidades e especificidades (Hobsbawm, 1995, p. 30-31). Neste conflito, as potências mundiais se dividiram em dois blocos antagônicos: países do Eixo e Aliados. Os países do Eixo configuram uma aliança estabelecida entre Alemanha, Itália e Japão (o acordo data de 1936, com a relação da Alemanha e Japão na luta anticomunista, a Itália adere a causa em 1937. A partir de 1939, a aliança configura-se num acordo militar). Já os Aliados correspondem à aliança entre França, Inglaterra, Estados Unidos e posteriormente União Soviética. Para tanto, tem-se um crescente desenvolvimento da indústria bélica, assim como amplia-se o contingente humano mobilizado, seja para as indústrias, seja para compor as fileiras de seus respectivos Exércitos Nacionais.

Para o historiador britânico Eric Hobsbawm, a guerra se configura em um único evento, estendido por 31 anos. Portanto, esse evento eclodiu aos 28 de julho de 1914 com o assassinato do arquiduque Francisco Ferdinando e findou-se aos 14 de agosto de 1945, com a rendição incondicional do Japão, após os ataques das bombas atômicas de Hiroshima e Nagasaki (Hobsbawm, 1995, p. 30-31). Por questões de leitura histórica adota-se aqui a conceituação usual de referir-se à Primeira Guerra Mundial como um período distinto da Segunda (cada uma referenciada no seu tempo e espaço).

Para compreender o contexto social, político e econômico das sociedades do século XX, faz-se necessário analisar as guerras mundiais que marcaram o período e a humanidade. Antes da Primeira Guerra Mundial (1914-1918), os conflitos bélicos estavam limitados a algumas potências e em geral eram resolvidos num curto período de tempo (estimado em meses ou mesmo semanas). A partir da Primeira, uma nova perspectiva emergiu sobre as guerras, trazendo uma visão de total destruição da humanidade. As estimativas de perdas humanas chega

a marca de milhões, referindo-se tanto aos combates nos *fronts*, campos de concentração e campos de extermínio. As mortes compreendem tanto aos civis como militares, entre eles homens, mulheres e crianças. A guerra fez-se constante nos variados espaços (terrestre, aéreo e marítimo).

A Primeira Guerra, assinalasse como a Grande Guerra, relacionada diretamente pelas suas terríveis condições, com grande número de mortos, feridos e desfigurados, além das vivências traumáticas e aterrorizantes dos soldados nas trincheiras (tendo que lidar com uma série de intempéries, como o medo, frio, fome, sujeira e a morte). Este primeiro conflito de dimensão internacional, “envolveu todas as grandes potências e, na verdade, todos os Estados europeus, com exceção da Espanha, os Países Baixos, os três países da Escandinávia e a Suíça” (Hobsbawm, 1995, p. 30-31). Sendo, portanto, uma das causas da Segunda Guerra Mundial, nesta última praticamente todos os Estados independentes participaram.

Com o advento da guerra e a crescente necessidade em busca da vitória total, houve grande avanço tecnológico, nos campos da química e física, com ascensão também da aeronáutica, indústria bélica (blindados, submarinos), computadores e a bomba atômica. Na guerra do tudo ou nada, o *front* expandira. Apesar dessa evolução técnica e tecnológica emanada pela situação global, os impactos humanos são incalculáveis, com seu exorbitante número de mortos e feridos, sem contar os refugiados, e os recursos financeiros e naturais despendidos.

Ao final da Primeira Guerra Mundial, a Alemanha sofreu diversas sanções econômicas e militares. Nesse período foi celebrado o chamado Tratado de Versalhes, que se impunha como o estabelecimento de uma paz punitiva, no qual o Estado alemão fora acusado de ser o único responsável pela guerra, sendo, portanto privado de ter uma Marinha e Força Aérea, com um Exército limitado a 100 mil homens, tendo privação de suas colônias ultramar (estas foram redistribuídas), além de realizar ressarcimento pecuniário. O Tratado em questão baseava-se em cinco pontos: 1- conter a Revolução Russa (1917); 2- controlar a Alemanha; 3- redefinir o mapa europeu (objetivando enfraquecer o Estado alemão, assim como preencher os espaços deixados pelos Impérios Russo, Habsburgo e Otomano); 4- tratar dos interesses dos países vencedores, em especial Grã-Bretanha, França e Estados Unidos; e 5- criar um acordo de paz, que evitasse que uma guerra como essa voltasse a acontecer (Hobsbawm, 1995, p. 30-31). Como se sabe, o Tratado falhou.

O início da década de 1930 trouxe uma nova conjuntura ao globo terrestre. Com a quebra da bolsa de valores de Nova Iorque, em 1929, a economia dos países capitalistas fora afetada drasticamente, uma vez que muitos deles deviam fortunas aos EUA, como por exemplo, no caso dos países europeus, que fizeram empréstimos para se reestruturarem no pós guerra. A

crise gera uma grande tensão, de modo que os países afetados buscaram formas de proteção e ampliação de sua economia. Conceição (2015, p. 26) assinala que,

[...] o papel do Estado, na vida econômica, mudaria consideravelmente. Parte do pensamento liberal seria aos poucos reformado por uma política de intervencionismo direto do poder público. Foi assim com os Estados Unidos, a Inglaterra, a França e com a Alemanha e a Itália.

No caso alemão e italiano teve-se a ascensão do militarismo de extrema direita, representados nas figuras de Adolf Hitler e Benito Mussolini, respectivamente.

No caso de alguns países europeus, utilizou-se de mecanismos políticos de natureza autoritária para sair da crise. A Alemanha e a Itália são os dois maiores exemplos. Economias frágeis, mas com governos dispostos a enfrentar os limites demarcados pelo imperialismo do século XIX, como a falta de mercado externo por conta da sua tardia consolidação enquanto Estado, os prejuízos obtidos por conta da Primeira Guerra Mundial, a onda de desemprego e da queda econômica da pequena burguesia, somada à falta de perspectiva de amplos setores sociais, acabaram solidificando a ideia de um governo forte, dirigido por um partido também forte, como único remédio contra a crise e com condições de bloquear a influência socialista soviética, pesadelo maior das democracias liberais (Conceição, 2015, p. 26-27).

Já no caso norte-americano, sob o governo de Franklin Delano Roosevelt, um plano de ação foi colocado em prática, o chamado *New Deal*. De caráter político, econômico e estratégico, esse plano visava uma interferência direta do Estado na economia, na produção agrícola e industrial, assim como no combate ao desemprego exorbitante ocasionado pela Grande Depressão. Como medidas intervencionistas, tem-se a criação de sindicatos, previdência social, concessão de empréstimos a pequenos agricultores e a criação de obras de infraestrutura.

A crise que se instaura em 1929 afeta a maioria dos países capitalistas, de modo que a Segunda Guerra Mundial eclodirá como consequência de um sistema imperialista em colapso. Já no caso brasileiro, o cenário político também passa por redimensionamentos, quando “[...] um movimento armado conduz o gaúcho Getúlio Dornelles Vargas à Presidência da República. A Primeira República conhece seu ocaso e tem início a Era de Vargas” (Seitenfus, 1985, p. 1). A chegada de Vargas ao poder configura uma ruptura com o sistema político existente, culminando consequentemente na deposição do presidente Washington Luís e no protagonismo de novas figuras políticas no cenário nacional (Oswaldo Aranha, Pedro Aurélio de Góis Monteiro, Eurico Gaspar Dutra, Juarez Távora e José Américo de Almeida).

A Era Vargas é comumente dividida em três períodos: Governo Provisório (1930-1934); Governo Constitucionalista (1934-1937) e Estado Novo (1937-1945). Por estarmos tratando do

Brasil durante a Segunda Guerra Mundial, nos ateremos ao último período e, portanto, algumas de suas características devem ser pontuadas, como por exemplo, a intervenção estatal, o autoritarismo, combate ao comunismo e a centralização do poder na figura do Presidente.

Nos primeiros anos de administração, o governo não contou com mudanças radicais e/ou revolucionárias, como se fez pensar a princípio; na verdade, preconizou questões políticas, de forma que a democracia e a anistia aos presos políticos ganharam destaque. Quanto ao primeiro, três pontos foram buscados: inserir o voto secreto, erradicar as fraudes eleitorais e formular uma nova Constituição. No que tange ao segundo, a questão é ambígua, pois alguns presos políticos foram libertados, contudo, posteriormente novas prisões foram realizadas (Seitenfus, 2003, p. 1-5).

Em consonância aos demais países capitalistas, o Brasil vê-se numa situação de entevero, com a crise mundial. A base econômica do país está atrelada diretamente ao setor agroexportador, com a cultura cafeeira. Devido a nova situação internacional, e por não ser um gênero de primeira necessidade, a exportação do café brasileiro declina vertiginosamente, colocando em risco toda a economia nacional. Neste ínterim, uma das medidas adotadas pelo governo para amenizar o colapso do mercado interno, consiste em comprar as plantações cafeeiras e após a colheita queimar o produto. Como assinala Seitenfus (1985, p. 9-10): “queimam-se assim, durante os dois últimos meses de 1929 e nos anos seguintes, quase cinco milhões de toneladas de café, o que representa três anos do consumo mundial. As caldeiras das locomotivas brasileiras correm então a goles de café...”. A crise que se instaura com o *crash* da bolsa de valores, evidencia a fragilidade “de uma economia centrada na exportação de produtos primários” (Diniz, 1981, p. 96). A partir deste momento, “a implantação de um complexo siderúrgico tornou-se um dos elementos-chave do programa getulista, condicionando a atitude brasileira em relação à Alemanha e aos Estados Unidos durante a Segunda Guerra Mundial” (Seitenfus, 2003, p. 4-5).

Ante a instauração do Estado Novo, o país passa por um período de crise política, de cunho hegemônico e ideológico, com tensões regionais. Para tanto, faz-se necessário uma reformulação da estrutura de poder, com um executivo forte. Neste caso, personaliza-se o poder na figura do Presidente Vargas, que dentro do complexo jogo administrativo, busca contemplar interesses e conflitos tão diversos, “[...] o Estado forte e altamente centralizado iria absorvendo o sistema decisório, desestruturando suas bases regionais, num esforço de nacionalização das decisões estratégicas do ponto de vista do funcionamento global da economia” (Diniz, 1981, p. 107).

Há, portanto, no campo político o estabelecimento de um governo autoritário,

centralizado e monolítico, que visa a limitação do poderio regional, canalizado para o central. Marca desse período também o processo de afirmação da identidade nacional. No campo econômico, almeja-se uma maior uniformidade e transição, partindo da economia agroexportadora para a urbano industrial, com a inserção de uma nova burguesia emergente: os industriais. Coube a Vargas, o trabalho estratégico de coalizão entre as classes divergentes.

Um dos mecanismos utilizados pelo estadista fora o uso midiático (jornais, rádios, cinemas, teatros) para propagar sua imagem de Chefe da Nação, forte, próximo ao povo sob uma ótica paternalista. Para tanto, em 1939, houve a implementação do DIP, que funcionava como órgão regulador de censura e propaganda. Nas seções estaduais contava-se com o DEIP, a existência dessas filiais garantia ao departamento nacional informes de todos os estados da federação.

Em se tratando das relações comerciais exteriores, o país mantinha negócios com a Alemanha, Itália e os EUA. A aproximação com a Alemanha verifica-se no meio político, policial, militar e diplomático, sendo resultante dos acordos comerciais firmados, convergência de pensamentos quanto à luta anticomunista e o crescente nazi-germanismo no território brasileiro (Seitenfus, 2003, p. 10-11).

Diante da tensão emanada perante a eclosão de um novo conflito bélico, o Presidente Vargas fora pressionado por ambos os lados, e este busca barganhar seu poder de influência na América do Sul, em troca de financiamento para a construção da siderúrgica nacional, assim como rearmar o Exército Brasileiro. Dentro da própria cúpula governamental há divergência de alinhamento ideológico, pois parte da ala governista – Góis Monteiro e Gaspar Dutra –, tinham afeição ao modelo político alemão e a outra – Osvaldo Aranha – ao modo de vida estadunidense. Perante a grande mídia, Vargas mostra-se reservado, não evidenciando seu posicionamento, tanto que quando “[...] visita Blumenau, importante centro de imigração alemã, ele enfatiza que o ‘Brasil não é inglês nem alemão. É um país soberano, que faz respeitar suas leis e defende seus interesses. O Brasil é brasileiro’” (Seitenfus, 2003, p. 207).

Contudo, esse estreitamento de laços entre o Brasil e a Alemanha, faz surgir no governo dos Estados Unidos certa desconfiança e a necessidade de uma maior aproximação com o país e os demais países latinos. O presidente norte-americano, busca implementar a chamada política da boa vizinhança, que consiste na cooperação mútua dos países americanos, consistindo numa estratégia política, econômica e militar, que visa tanto ampliar os acordos comerciais, como barrar a influência europeia nas Américas (Seitenfus, 2003), (Disponível em: <https://cpdoc.fgv.br/producao/dossies/AEraVargas1/anos30-37/RelacoesInternacionais/BoaVizinhanca>. Acesso em: 22 jun. 2019).

No período entreguerras algumas conferências foram realizadas na América Latina para assegurar o plano proposto. Em 1933, a VII Conferência Pan-americana em Montevideú, no Uruguai; em 1936 a Conferência Interamericana de Consolidação da Paz em Buenos Aires, na Argentina e, em 1938, a VIII Conferência Pan-americana em Lima, no Peru. Em se tratando da primeira convenção, o principal item ficou assim redigido, “nenhum Estado tem o direito de intervir nos assuntos internos ou externos de outro”. (Disponível em: Getulio Vargas (fgv.br). Acesso em: 28 ago. 2024, p. 57). Já em 1936, ao recepcionar o presidente norte-americano no Rio de Janeiro, em sua viagem a Buenos Aires, “Vargas reiterou o compromisso de apoiar a proposta norte-americana de formalizar o conceito de segurança coletiva continental” (Disponível em: Getulio Vargas (fgv.br). Acesso em: 28 ago. 2024, p. 83). Para tanto, “adotou-se uma recomendação segundo a qual uma agressão, ou uma ameaça de agressão, a um Estado do continente por um Estado extracontinental seria considerada agressão ao conjunto do Novo Mundo” (Seitenfus, 2003, p. 187).

Nas reuniões que se seguiram, a recomendação foi ratificada. Veja-se: “A I Reunião de Consulta das Repúblicas Americanas foi realizada no Panamá, em 1939”, sendo acordada na ocasião a neutralidade americana frente ao conflito europeu (A ERA Vargas: dos anos 20 a 1945. CPDOC. Disponível em: <https://cpdoc.fgv.br/producao/dossies/AEraVargas1/anos30-37/RelacoesInternacionais/BoaVizinhanca>. Acesso em: 22 jun. 2019). Já na Conferência de Havana, em 1940, foi determinado “que qualquer tentativa de um Estado não-americano contra a integridade ou inviolabilidade do território, soberania ou independência política de um Estado americano seria tomada como uma agressão a todos os demais” (A ERA Vargas: dos anos 20 a 1945. CPDOC. Disponível em: <https://cpdoc.fgv.br/producao/dossies/AEraVargas1/anos37-45/AGuerraNoBrasil/ConferenciasInteramericanas>. Acesso em: 22 jun. 2019.)

Em dezembro de 1941, a base norte-americana de Pearl Harbor fora atacada pelos japoneses e os EUA entram na guerra. No ano seguinte, ocorre a III Reunião dos Chanceleres no Rio de Janeiro, e o governo norte-americano cobra o cumprimento dos acordos de solidariedade assinados anteriormente. Neste sentido, o Brasil manifesta apoio aos Estados Unidos, rompendo relações com o Eixo (Bonet, 2008). Contudo, este ameaça “caso o Brasil, ou qualquer outro Estado latino-americano, venha romper relações diplomáticas e comerciais com o Eixo, seguir-se-ia a *eclosão da guerra efetiva*” (Seitenfus, 2003, p. 267).

A represália consolida-se em agosto de 1942, quando sete embarcações (seis delas nacionais) são torpedeadas ao longo das costas sergipana e baiana, entre os dias 15 a 19. A tensão da guerra nos leva a verificar diversas situações cotidianas sendo alteradas. Para tanto, as populações litorâneas sofrem com o constante medo de invasões inimigas e

consequentemente, cria-se um receio do mar (Cruz, 2012; Barros, 2016).

O torpedeamento dos cinco navios brasileiros causou a maior surpresa e indignação em todo o país. A 19, grande massa popular foi ao palácio Guanabara levar ao Senhor Presidente da República o seu protesto contra a brutalidade da agressão à soberania brasileira (Agressão, 1943).

Tanto na capital federal, como na alagoana, houve mobilização contra o Eixo. Em publicação de 18 de agosto de 1942, o periódico *Jornal de Alagoas* informa sobre uma grande passeata realizada no dia anterior. A passeata contou com a participação de estudantes e populares e mobilizou ainda autoridades locais a se pronunciarem contra o medonho atentado à integridade brasileira. Além dos pronunciamentos ao longo do percurso, houve grande exaltação patriótica, os sentimentos aflorados pela revolta provocaram a retirada de placas das casas comerciais dos estrangeiros (alemães e italianos) residentes em Maceió, como também um enérgico “morras” ao nazifascismo (Extraordinárias Manifestações Populares. *Jornal de Alagoas* – Maceió – Terça-feira, 18 ago. 1942. IHGAL).

Como em todo o país, causou o maior sentimento de revolta, em Alagoas, a notícia do torpedeamento de mais cinco unidades de nossa marinha mercante. Numa demonstração de sua repulsa á barbaria do Eixo e do quanto tocou à nossa alma o atentado nazista á soberania de nossa pátria, grupos de estudantes e populares arrancaram as placas das casas comerciais dos súditos da Alemanha e da Itália aqui residentes (Extraordinárias Manifestações Populares. *Jornal de Alagoas* – Maceió – Terça-feira, 18 ago. 1942. IHGAL).

Após a declaração de guerra, outros navios nacionais foram afundados ao longo de sua costa e diversas situações do cotidiano passaram por alterações devido à condição político-belíca. Em suma, para além do fornecimento de matérias-primas e produtos estratégicos, o país viu-se envolto pela guerra, com alto prejuízo financeiro e irreparáveis perdas humanas. Participando da defesa do Atlântico, da rota Natal-Dacar e em 1944, com o envio da FEB, sob o comando de Mascarenhas de Moraes, para combater na Itália (Seitenfus, 2003, p. 296-301).

Partindo-se da Interventoria Góis Monteiro será possível vislumbrar algumas nuances e desdobramentos da Segunda Guerra Mundial, na capital Maceió, em Alagoas. Observando, pois, como os alagoanos (Estado, mídia e homens comuns) reagiram ao desenrolar da guerra e seus impactos e transformações no cotidiano local.

2.2 Interventoria alagoana: inserção política dos Góis Monteiro

O território alagoano passou por significativas modificações ao longo de sua formação histórica, em especial no campo político partidário, remetendo por vezes a tensionamentos e disputas pelo poder local, em geral empreendido por grupos e/ou famílias tradicionais. Uma marca dessas contendas refere-se ao período colonial, quando grupos litigantes disputam acerca da transferência da capital alagoana para Maceió, sendo sua sede até então em Santa Maria Madalena de Alagoas do Sul (atualmente Marechal Deodoro). O povoado estende-se, circulava cada vez mais pessoas e mercadorias, em grande medida decorrente do seu ancoradouro natural do Jaraguá, o que acarretou ciúmes da antiga sede. Em 1839, a vila de Maceió passa a ser a capital da Província, num movimento que se desloca do centro para o litoral. Esse episódio evidencia as desavenças políticas locais, bem como o caráter por vezes violento com que estas eram resolvidas.

O alvorecer do século XX assinalou modificações no panorama social e político do estado. As mudanças, em grande medida, refletiam na sua capital, visto seu crescente desenvolvimento urbano (aumento populacional), educacional (implantação da biblioteca pública municipal, aumento do número de escolas primárias, faculdade de Direito), cultural (formação de grupos e sociedades), midiático (jornais, telefone e cinemas), tecnológico (implantação de energia elétrica) e assistencial (Costa, 2001). Se de um lado, a capital evidenciava seu desenvolvimento, de outro, questões de cunho estrutural também se destacavam, como a falta de saneamento básico, de pavimentação das ruas, bem como áreas alagadas no período chuvoso e uma arquitetura destoante das atuais necessidades da cidade (Santos, 2021).

Com a implementação do processo de urbanização, a sociedade de caráter eminentemente rural ganha novos espaços, traços e costumes. Marca desse período a construção de prédios públicos e praças na capital, bem como há maior circulação de pessoas, mercadorias e notícias. A zona portuária e o centro da cidade assinalam a maior movimentação popular, visto seu caráter comercial. No caso do primeiro, contando-se com o constante embarque e desembarque de mercadorias, além de abrigar importantes repartições públicas, como a Alfândega, Recebedoria Central, Juízes do Distrito, Telégrafos entre outros estabelecimentos nas imediações do porto, como a Escola de Aprendizes de Marinheiros e a Capitania dos Portos. Em se tratando do segundo, com suas diversas lojas de miudezas (ferragens, móveis, calçados, armarinhos, louças, escritórios, entre outros) (Tenório, 1997, p. 18-39).

Surgem os clubes e sociedades esportistas e recreativas, bem como demanda-se uma

maior preocupação quanto a formação educacional, de modo especial aos filhos das tradicionais famílias. Vale citar, que no período correspondido, segundo o recenseamento de 1900, a maioria da população do Estado era analfabeta (Avelar, 2023, p. 51). Neste sentido, os chefes de família, passaram a despender maior atenção a formação de seus herdeiros, com isto eleva-se a circulação de notícias, uma vez que “o número de jornais, em 1900, é alto: havia mais de duas dezenas em todo o Estado” (Tenório, 1997, p. 33-34). Decorrendo, pois, da escrita estudantil, visto que os jovens buscavam demonstrar suas potencialidades e talentos através dos periódicos. Nesse escopo, tem-se, portanto, um verdadeiro *boom* da carreira jornalística no espaço urbano que se forma. Tendo ainda a imprensa alagoana desde a sua formação, forte elo com a política partidária. A implementação de mais profissionais no mercado de trabalho e de estudantes mais ligados à escrita e oratória, ocorreu ao desenvolvimento de novos espaços culturais na capital, como cinemas, teatros, agremiações e associações (Tenório, 1997, p. 18-39).

Em se tratando da economia, esta é de cunho agrário, atrelada em grande medida ao cultivo e exportação da cana de açúcar e seus derivados (açúcar, álcool, rapadura e aguardente). Contando-se também com a cultura algodoeira, ambas assinaladas por ciclos sazonais, fazendo com que o preço dos produtos, variem conforme a necessidade de mercado consumidor e gerem instabilidade econômica, situação discutida pelos produtores rurais e dirigentes estaduais. Neste sentido, em alguns momentos da história, o algodão teve seu *boom*, produzindo-se em grande escala, bem como houve a implementação de diversas fábricas têxteis espalhadas do sertão ao litoral. Em alguns lugares, a cultura algodoeira foi tamanha, que ainda hoje prevalece suas marcas, como por exemplo a cidade de Ouro Branco, tendo recebido esse nome em alusão ao período áureo do algodão (Tenório; Lessa, 2013, p. 47-56). Em se tratando de cidades do interior, vale citar as atividades desenvolvidas por Delmiro Gouveia, no então povoado Pedra e a instalação de uma fábrica têxtil. Observa-se, pois, os momentos de ascensão e declínio das monoculturas. Tanto a produção açucareira como algodoeira escoavam pelo porto de Jaraguá, para abastecer outras regiões do país e do mundo. Ao longo dos anos 1920-1930, novas produções são implementadas e/ou extendidas, como por exemplo, café, fumo e borracha (Tenório, 1997, p. 40-61). Sendo esta última, amplamente incentivada durante a Segunda Guerra Mundial, devido às necessidades da indústria bélica.

Ao longo do século XIX, a capital alagoana contava com a circulação de trens pela cidade, “com duas locomotivas à vapor, dois carros para passageiros e seis vagões para carga” (Disponível em: História do transporte urbano por bondes em Maceió – *História de Alagoas*. Acesso em: 12 maio 2025). Estes realizavam o trajeto por importantes áreas da cidade, numa constante circulação e movimentação de indivíduos e mercadorias. Os bondes elétricos

assinalavam para o crescimento e desenvolvimento urbano da cidade, trafegando por diferentes pontos e logradouros, inclusive nos trapiches. Os veículos de tração animal também adentravam a cidade, em especial aqueles que vinham de diferentes cidades do interior, com destino ao porto. Os populares carros de boi, se estendiam pelas artérias da cidade, num movimento vagaroso e constante, no seu ranger habitual, carregando diversos produtos, como açúcar, algodão e fumo, ou diverso material de construção, pondo em evidência seus condutores, em geral homens fadigados e maltrapilhos, numa constante labuta pela sobrevivência. As suas marcas na paisagem local permanecem, com curvas sinuosas, que muito provavelmente não se apagaram, assinalando uma relação constante entre o passado e presente (Júnior, 1976, p. 101-114). Em se tratando de iluminação pública, a capital contava com eletricidade já em finais do referido século, contudo sua real disponibilidade por toda a cidade ocorreu de forma gradativa, ao longo dos anos 1940-1950. Neste escopo, espaços residenciais mais distantes (e carentes) do centro e do ancoradouro, dependiam de gás ou velas para serem iluminados. Data da década de 1940, a publicação do poema *O Acendedor de Lampiões*, do escritor alagoano Jorge de Lima, numa acepção da precariedade da vida nos subúrbios e as desigualdades sociais.

No campo político, as rixas e cisões são uma constante, acarretando situações por vezes violentas, como destruição de espaços, perseguições, torturas e/ou mortes. Em dados momentos da história, as oligarquias se prolongam no poder devido sua forte influência política e econômica, e manipulação de massa, através do eleitorado, como no período maltino, durando mais de uma década na gestão estadual. Por outro lado, em dados momentos a administração estadual passou por diferentes signatários num curto período de tempo.

As dissidências políticas da era Malta e seus opositores marcam um triste registro na história local, quando a ala oposicionista numa ação virulenta, persegue as casas de culto afro-brasileiro, num episódio de violência e intolerância político-religiosa. A quebra de xangô, representou o espólio e destruição das casas, bem como perseguições, constrangimentos e prisões aos seus praticantes. Parte destes se deslocaram para outras regiões, com medo do que pudesse acontecer e aqueles que permaneceram, passaram a cultivar na surdina, no chamado “xangô rezado baixo” (Júnior, 1997, p. 105-127). O declínio da era maltina não representou o fim das oligarquias locais, na verdade evidenciou a chegada de outras personas ao governo do Estado, como Clodoaldo da Fonseca, Fernandes Lima, Álvaro Paes, Costa Rego, representando continuidades e adensadas rixas políticas (Júnior, 1997, p. 128-132). Neste processo de modificações, Tenório assinala:

[...] Há uma variável comum em situações políticas diferentes, com famílias

proeminentes incrustadas no leme do poder, mesmo no movimento salvacionista que produziu a queda dos Malta. Há conflitos internos, disputas de interesses pessoais ou de grupos, rompimentos, alianças, uniões, paradoxos. Os Malta passam, erroneamente, a simbolizar a única oligarquia da História alagoana. Na verdade, a estrutura de poder, os mesmos grupos, as mesmas famílias continuam a ter o domínio das decisões governamentais e o acesso privilegiado aos eventuais detentores do poder, e a ser consultadas e atendidas nas questões fundamentais. O patriciado rural, sobretudo o ligado ao açúcar, detém o controle do processo político (Tenório, 1997, p. 130-131).

O movimento armado que conduz Getúlio Vargas à Presidência da República em 1930, inicia uma nova fase na política nacional, pondo fim a chamada República Velha. Neste movimento, conta com a participação e colaboração de diversos apoiadores e amigos pessoais, entre eles o primogênito da família Góis Monteiro (Seitenfus, 1985, p. 28). As relações que se estabelecem demonstram o elo de amizade e fidelidade para com Vargas ao longo de sua existência. Pedro Aurélio de Góis Monteiro, contribuiu para o êxito da Revolução de 1930, bem como exerceu o cargo de Ministro de Guerra e atuou na execução e manutenção do Estado Novo, eventos que culminaram na expansão do poderio familiar no estado (Avelar, 2023).

A família Góis Monteiro instituiu-se em Alagoas em finais do século XIX, através da união matrimonial de Pedro Aureliano Monteiro e de Constança Cavalcanti de Góis. Ele nascido no atual município de Marechal Deodoro, formou-se em medicina e atuava como médico sanitaria. Ela, filha de senhor de engenho, nasceu no Engenho Castanha Grande em São Luís do Quitunde. Os cônjuges tiveram nove filhos, sendo duas mulheres e sete homens. Os filhos do casal são: Pedro Aurélio de Góis Monteiro, Manuel César de Góis Monteiro, Cícero Augusto de Góis Monteiro, Durval de Góis Monteiro, Silvestre Péricles de Góis Monteiro, Edgar de Góis Monteiro, Ismar de Góis Monteiro, Rosa de Góis Monteiro e Conceição de Góis Monteiro. A maioria dos filhos do casal teve formação militar e obteve destaque no meio político, tanto estadual quanto nacional (Famílias na política alagoana no século XX (III): Góis Monteiro. *História de Alagoas*. Disponível em: <https://www.historiadealagoas.com.br/familias-na-politica-alagoana-do-seculo-xx-iii-gois-monteiro.html>. Acesso em: 23 abr. 2019), (Avelar, 2023).

Durante a Era Vargas (1930-1945), o estado alagoano passou por poucos momentos de estabilidade, no referido período doze mandatários passaram pela administração estadual, numa grande rotatividade de gestores (Silva, 2022, p. 28-31). Com o advento da Revolução de 1930 e a implantação do governo provisório, os governadores passam a ser nomeados pelo Presidente Vargas para ocupar o cargo. Não houve de fato, a chegada de revolucionários ao poder em Alagoas, havendo pois, uma espécie de “metamorfose das oligarquias”, transformando “monarquistas em republicanos e, da mesma forma, em revolucionários de 1930” (Carvalho,

2021, p. 301).

Segundo Carvalho, o período pode ser dividido em três fases: a primeira de 1930 a 1934, com o governo provisório; a segunda de 1934 a 1941, com a administração de Osman Loureiro (sogro de Edgar de Góis Monteiro), tendo, pois, a bênção do General Góis Monteiro e a terceira de 1941 a 1946, quando os irmãos Ismar e Edgar de Góis Monteiro assumiram diretamente o governo do estado. Durante a década de 1930, Osman Loureiro articula com o apoio familiar, as forças conservadoras num novo pacto, para tanto cria-se o Partido Republicano de Alagoas, buscando atender as correntes políticas locais. Entretanto, um dos membros da família fica de fora, Silvestre Péricles. Discordando do pacto, estabelece aliança com o grupo do ex-governador Fernandes Lima. Marca desse período a cisão política no seio familiar (Carvalho, 2021, p. 301-305).

Em se tratando do irmão mais novo, Ismar de Góis Monteiro, este ingressou na Escola Militar de Realengo em 1924, tendo, portanto, como seus irmãos, formação militar. De aspirante de infantaria chegou à patente de General de Brigada. Atuou enquanto Interventor Federal e Senador por Alagoas, assim como foi Presidente do diretório regional do PSD no estado (Monteiro, Ismar de Góis. FGV. Disponível em: <http://www.fgv.br/cpdoc/acervo/dicionarios/verbete-biografico/monteiro-ismar-de-gois>. Acesso em: 13 maio 2019).

Aos 19 de fevereiro de 1941, é nomeado pelo Presidente Vargas para o cargo de Interventor Federal de Alagoas, permanecendo no cargo até finais de 1945 (*Revista do Instituto Histórico e Geográfico de Alagoas*, v. 47, Maceió, 2009, p. 242-243). Empossado, declama:

Não tenho muito o que dizer, porque tenho muito mais o que fazer. Já não é mais o tempo dos programas pomposos e falsos, dos homens cheios de si, de promessas nunca cumpridas. O programa do Estado Nacional, somente ele, atende às solicitações das realidades brasileiras. É preciso que Alagoas se integre definitivamente no Novo Regime. É preciso que o seu engrandecimento e a sua prosperidade sejam o fruto do trabalho de todos os homens capazes e honestos (Ordem e Trabalho: Síntese das realizações do governo Ismar de Góis Monteiro (1941-1943). Divulgação n. 1 – Departamento Estadual de Imprensa e Propaganda. Maceió –1943).

Verifica-se, portanto, a busca de integração de Alagoas perante o plano nacional do Estado Novo e de como decorrerá as ações da interventoria. Para Tenório, a escolha do interventor foi bem planejada e assertiva:

O irmão mais novo dos Góis Monteiro, Ismar, foi escolhido interventor em 1941, por estar longe dos acontecimentos e ter bom relacionamento com os dois grupos litigantes. Sua meta principal era esfriar o tórrido clima político e combater, sem tréguas, a violência. Para atingir esse objetivo administrativo, trouxe alguns auxiliares

de fora, inclusive Muniz Falcão, para aplicar a legislação trabalhista tão repudiada pelos poderosos e para assumir a Secretaria do Interior e Segurança Pública, Ari Boto Pitombo, delegado de polícia do Rio de Janeiro, que reduziu a violência a níveis normais, acabando, como fizera Costa Rego, com a impunidade e os privilégios, fonte do quisto maligno (Tenório, 2007, 103).

Como assinalado anteriormente, as tensões políticas adentravam ao campo da violência, de modo que a escolha do novo interventor federal teve como papel principal o apaziguamento das partes opositoras. O que assinala êxito, visto o período que este se manteve no poder estadual. Para além das questões internas, a administração de Ismar de Góis Monteiro teve que lidar com as novas demandas ocasionadas com a eclosão da Segunda Guerra Mundial. No contexto alagoano, percebe-se os esforços empreendidos pela interventoria federal para tal empreitada, suas medidas administrativas visavam combater os altos índices de violência, repressão ao porte de armas, organização dos setores de trabalho, assistência para com o menor em situação de vulnerabilidade social e econômica, produção agrícola e o combate ao quintacolonismo. Além da contratação de pessoal especializado de fora do Estado para lhe auxiliar. No que tange a administração da prefeitura municipal de Maceió, não foi diferente, uma vez que o interventor convidou seu tio para assumir o cargo, o senhor Francisco Abdon de Arroxelas, que permaneceu no cargo de março de 1941 a abril de 1945 (Júnior, 1981).

Durante a década de 1940, muitas medidas são tomadas pela interventoria federal para alinhar-se às necessidades do país, para tanto diversos relatórios são produzidos e enviados ao Chefe da Nação, para mostrar a dedicação e alinhamento. Na quarta sessão deste trabalho, pode-se vislumbrar algumas medidas e modificações do cotidiano local decorrente do conflito bélico internacional, numa consonância entre o governo federal e estadual. Apesar das dificuldades, o Estado empreendeu ações que visavam o bem-estar e a segurança pública.

3 A GUERRA CHEGOU: TORPEDEADO O NAVIO ITAPAGÉ EM ÁGUAS ALAGOANAS.

Pelo caminho, meus olhos se voltavam para o mar, que o crescente ia alumando com o seu brilho frouxo. Aiava mais triste, na noite densa, aquele mar tranquilo, parado, sem lendas de naufrágios, de afogamentos, de peixes-monstros. [...] O menino sentimental, esquisito, tristonho tinha os olhos fitos no mar e retalho de lua errante pelo azul. A semiclaridade do luar não tirava à noite o seu fundo e grave mistério. O ciclo das palmas do coqueiral batidas pelo vento mareiro trazia escuras mensagens ao espírito do guri contemplativo. Como que toda a natureza, àquela hora, dava à luz o imenso mistério que lhe pejava o ventre. O mistério brotava da voz soturna do mar, do tataral dos coqueiros ao vento, do coaxar dos sapos a distância, do cricrido rangente dos grilos, dos vaga-lumes que palpitavam na sombra, até das palhoças dos pescadores, alumadas pela chama oscilante das candeias. O dono da noite andava rondando, incansável, invisível, dentro da noite. [...] “Cada noite tem seu dono...” (Holanda, 2022, p. 125-126).

O trecho acima alude a um fragmento do conto *Dois Mundos*, do escritor, professor e lexicógrafo, Aurélio Buarque de Holanda. Escrito entre 1939 e 1941, observamos o encantamento do próprio, enquanto sujeito que nos narra suas recordações e percepções do local em que vivia e transitava no litoral alagoano, trazendo detalhes quanto aos animais e seus sons, os pescadores e suas casas, assim como os mistérios que envolviam o céu, a noite e o mar. Em suas lembranças, rememora parte da sua infância juntamente a sua família, em especial seu pai, quando aos domingos o acompanhava em leituras grupais entre amigos, criando desde então um elo entre os livros e o mar. Este último, ambiente sagaz, carregado de dualidade, pois se em parte é sereno e acolhedor, de outro é enigmático, instável e furioso, sendo, pois, absoluto.

Diferentemente das reminiscências do jovem garoto que observa e contempla o mar em sua grandeza, este na década de 1940, constituiu-se para muitos como espaço de tremor, de sobressaltos, quando nos idos da Segunda Guerra Mundial. Em verdade, ao longo do tempo, o mar foi visto com fascínio e desconfiança, sendo componente desafiador e decisório em dados momentos da história humana. Na Idade Média, a título de exemplo, algumas populações o consideravam como elemento hostil, orlado de recifes inumanos, seja agitado em grandes ondas ou calmo em seu repouso, este inspira cuidados, visto que constitui verdadeira incógnita, mesmo para aqueles que o navegavam. O cotidiano dos marinheiros é permeado por intempéries, sujeitos a longas viagens, mudanças de rota, deterioração dos alimentos, doenças diversas, mudanças climáticas (tempestades, ciclones), além do cansaço e tédio. Em contrapartida a essas condições, através das viagens empreendidas e estudos realizados neste espaço geográfico, foi possível a escalada técnica da cartografia e da construção naval (Delumeau, 2009, p. 54-71).

Em se tratando do conflito bélico, este trouxe consigo mudanças nas relações humanas, sendo as populações expostas a situações adversas em maior escala e cotidianamente. A morte, por exemplo, inerente a natureza dos seres vivos e emblemática aos homens, apresentava-se como uma constante, espécime de sombra aqueles nas trincheiras, como para aqueles em campos de concentração e extermínio. No caso das trincheiras, a palavra em si constituía-se como um tabu, não sendo mesmo pronunciada, tanto que o verbo utilizado para tal referência era “sobrar”, evitando-se mesmo citar o nome dos colegas que haviam perecido (Neto, 2009, p. 89-102).

Verifica-se, assim, o redimensionamento da vida humana diante do evento decorrente, sendo as populações cada vez mais expostas às novas demandas da guerra. Para tal, precariza-se cada vez mais a vida, há escassez de alimentos, a carestia eleva-se, os boatos e especulações tomam as ruas, a inquietação e o medo passam a fazer parte do dia a dia. Neste ínterim, os blecautes surgem como parte da dinâmica urbana, fecham-se as portas e apagam-se as luzes; sujeitos e automóveis com horários limitados à circulação; o receio inerente aos quinta-colunas; construção de bases aéreas na capital e chegada de militares norte-americanos para auxílio da defesa nacional; a vida outrora pacata e tranquila, reformula-se diante da conjuntura belicosa (Pedrosa, 1998).

Em se tratando do conflito bélico e suas inferências no Nordeste brasileiro, alguns estudiosos elucidam acerca das nuances e desdobramentos da guerra. A título de exemplo, tem-se os trabalhos de Cruz (2012) quanto a cidade de Aracaju. Neste analisa a conjuntura da capital sergipana, a partir dos torpedeamentos de navios mercantes em 1942. Verificando a atuação dos *u-boots* eixistas na Batalha do Atlântico, o posicionamento brasileiro, as implicações da guerra na cidade (as ações da interventoria estadual, os blecautes, o comércio dos naufragos, a estrutura arquitetônica de algumas residências de estrangeiros), assim como o cenário dantesco dos corpos nas praias, acarretando no medo coletivo que se institui enquanto imperativo social. Elucida também, para as memórias daquele triste agosto, com entrevistas de pessoas que viviam do mar e estiveram por perto, vendo e/ou ouvindo as histórias dos “malafogados” de Aracaju.

Nesta perspectiva de medo e alterações emanadas pelo conflito mundial, o Morro de São Paulo, em Salvador, também passou por significativas mudanças sociais como aponta Moutinho (2002). Em sua dissertação de mestrado, o autor aborda a problemática do medo e da sobrevivência local durante o período bélico e, como essas mudanças alteraram o comportamento, convívio e consumo da população morrista. No escopo das tensões emanadas, o medo se fez presente e atuante no cotidiano local, fosse este o medo da morte, da fome ou dos possíveis traidores da Pátria, que estavam à espreita.

Em se tratando de Alagoas, tem-se os estudos do professor Conceição (2015), acerca dos ex-combatentes alagoanos que foram enviados para combater na Itália. Em sua dissertação de mestrado, elucida para a política e posicionamento brasileiro frente a guerra, da decisão de se formar um Corpo Expedicionário, a seu envio para a Europa. Neste sentido, observa-se a atuação do Estado alagoano frente as novas demandas militares e políticas (convocação, alistamento e treinamento dos indivíduos). Parte de seu trabalho é composto por História Oral, buscando-se assim, recuperar as memórias e reminiscências daqueles que compuseram o quadro da FEB em Alagoas.

Analisar o cotidiano de Maceió durante a Segunda Guerra Mundial permite-nos lançar um novo olhar sobre a guerra e suas interfaces. Em consonância ao movimento empreendido pela Escola dos Annales, na primeira metade do século XX, observa-se a existência de uma história problema, tendo como objeto final da pesquisa histórica, o Homem (Bloch, 2002). Tal concepção permite-nos aludir a novas abordagens, métodos, fontes e documentos, observando o evento bélico para além das fronteiras europeias, percebendo-o na verdade intrínseco à História do Brasil durante o decênio de 1930 a 1940, numa escalonada que vai do macro ao micro. O que se segue, busca vislumbrar um pouco quanto essas ocorrências em Maceió, observando a população neste tempo e espaço através dos vestígios cooptados (Bloch, 2002).

3.1 Atentado nazista em Alagoas

As baleeiras quatro e sete demandavam terra. Os homens estavam confiantes. O litoral aparecia ali perto, sete ou oito milhas apenas, o que lhes dava confiança. Ligeiramente ferido o comandante orientava os seus homens.

Uma jangada veio vindo em direção aos naufragos. Uma vela branca, muito branca, e um vulto acenando misteriosamente. Um grito venceu o barulho das ondas:

– Quem são vocês?

– Brasileiros. Naufragos do Itapagé... Fomos torpedeados há pouco...

A jangada se aproximou mais e mais. Agora, Manoel Cipriano, “chefe dos praieiros” de Lagôa Azêda, assumiu o comando dos barcos. Deu ordens. Evitou que lages submersas e “quinta colunas” espatifassem as baleeiras. Era mais ou menos dezoito horas e o mar começava a se fazer escuro e sombrio. Atravessaram uma passagem estreita entre arrecifes traiçoeiros. Outros pescadores se aproximaram da pequena frota. Guiaram os naufragos através das pedras. Já ancladas as baleeiras em terra firme transportaram, em seus ombros, os sobreviventes para locais enxutos. Era noite. Lamparinas de querosene, obtido com mil e uma dificuldades, tremularam nas humildes casas de palha, ao contacto do sopro frio que vinha do oceano. As mulheres dos pescadores coaram café. Não havia alimento em abundância, mas o pouco foi equitativamente repartido. Os meninos olhavam espantados para aqueles homens sujos de óleo, cansados, estropiados. Lagôa Azêda fica aproximadamente a 20 quilômetros de Jiquiá da Praia, o local mais próximo da sede municipal: São Miguel dos Campos. Enquanto os naufragos dormiam nos miseráveis “girásus” alguns “portadores” seguiram para Jiquiá. Iam transmitir para o mundo, para a civilização mais um crime das fôrças bárbaras e reacionárias de “herr Hitler” (Aguiar, Augusto.

Os soldados e os marujos do Brasil marcharão juntos para vingar o ultrage nazista. *Jornal de Alagoas* – Maceió – Domingo, 3 out. 1943. APA).

Em variados momentos da história, o homem buscou desvendar o mar, seja para compreender o mundo subaquático, e/ou recuperar bens afundados. A partir da curiosidade e imaginação humana, os avanços tecnológicos foram possíveis. No século XIX, surgiram os primeiros submarinos, sendo estes acompanhados com interesse por intelectuais e entusiastas do período (Cruz, 2012).

Dentre eles, vale citar o escritor francês, Júlio Verne, que entre outras obras escreveu, *Vinte mil léguas submarinas*, de caráter ficcional (sendo parte dos informes técnicos relacionados aos conhecimentos da época, juntamente com a suntuosa imaginação do autor), a obra aborda as aventuras do capitão Nemo, em seu submarino pelos remotos mares do globo terrestre.

Em se tratando da aceção dos novos desenvolvimentos e seus consequentes melhoramentos, os submarinos foram vistos por alguns engenheiros, como meio de resgatar os bens alvejados durante a Primeira Guerra Mundial, para outros, porém, como potencial armamento naval (Cruz, 2012). Como era de se imaginar, este fora utilizado pela indústria bélica ao longo da Segunda Guerra Mundial.

No que condiz a embarcações nacionais durante o conflito mundial, mais de 30 foram afundadas por submarinos alemães e/ou italianos, na chamada Batalha do Atlântico. Esta consistia na interrupção do abastecimento de suprimentos aos países Aliados pelo Eixo. Os denominados submarinos ou *u-boots* (para a tradução alemã) atravessavam parte do globo em grandes investidas para cessar o tráfego marítimo de seus inimigos, causando incontáveis perdas materiais e humanas (Cruz, 2012; Sander, 2011).

Figura 1 - Navios brasileiros torpedeados durante a Segunda Guerra Mundial

NAVIOS BRASILEIROS TORPEDEADOS										
N.º	NAVIOS Nomes	COMANDANTES BRASILEIROS	Data do Ataque	N.º de		Mortos ou Desaparecidos			SUBMARINOS	COMANDANTES ALEMÃES
				Tripulantes	Passageiros	Tripulantes	Passageiros	Total		
1	<i>Cabedelo</i>	Pedro V. Silveira	14.02.42	54	—	54	—	54	<i>Leonardo da Vinci</i>	Longanesi - Catani
2	<i>Buarque</i>	José J. Moura	16.02.42	74	11	—	1	1	<i>U-432</i>	Heinz O. Schultze
3	<i>Olinda</i>	Jacob Banemond	18.02.42	46	—	—	—	—	<i>U-432</i>	Heinz O. Schultze
4	<i>Arabutã</i>	Anibal A. Prado	07.03.42	51	—	1	—	1	<i>U-155</i>	Adolf C. Piening
5	<i>Cairu</i>	José M. Pequeno	09.03.42	75	14	47	6	53	<i>U-94</i>	Otto Ites
6	<i>Parnaíba</i>	Raul F. Diegoli	01.05.42	72	—	7	—	7	<i>U-162</i>	Jürgen Wattenberg
7	<i>Comandante Lira</i>	Severino S. Oliveira	18.05.42	52	—	2	—	2	<i>Barbarigo</i>	Enzo Grossi
8	<i>Gonçalves Dias</i>	João B. G. Figueiredo	24.05.42	52	—	6	—	6	<i>U-502</i>	Jürgen V. Rosentiel
9	<i>Alegrete</i>	Eurico G. de Souza	07.06.42	64	—	—	—	—	<i>U-156</i>	Werner Hartenstein
10	<i>Pedrinhas</i>	Ernesto M. Vidal	26.06.42	48	—	—	—	—	<i>U-203</i>	Rolf Mützelburg
11	<i>Tamandaré</i>	José M. Oliveira	26.07.42	52	—	4	—	4	<i>U-66</i>	Friedrich Markworth
12	<i>Piave</i>	Renato Ferreira Silva	28.07.42	35	—	1	—	1	<i>U-155</i>	Adolf C. Piening
13	<i>Barbacena</i>	Aécio T. Cunha	28.07.42	61	1	6	—	6	<i>U-155</i>	Adolf C. Piening
14	<i>Baependi</i>	João S. Silva	15.08.42	73	233	55	215	270	<i>U-507</i>	Harro Schacht
15	<i>Araraquara</i>	Augusto Teixeira Santos	15.08.42	74	68	66	65	131	<i>U-507</i>	Harro Schacht
16	<i>Anibal Benévolo</i>	Henrique J. M. Silveira	16.08.42	71	83	67	83	150	<i>U-507</i>	Harro Schacht
17	<i>Itagiba</i>	José Ramos Nunes	17.08.42	60	121	10	26	36	<i>U-507</i>	Harro Schacht
18	<i>Arará</i>	José Coelho Gomes	17.08.42	35	—	20	—	20	<i>U-507</i>	Harro Schacht
19	<i>Jacira</i>	Norberto H. Santos	19.08.42	5	1	—	—	—	<i>U-507</i>	Harro Schacht
20	<i>Osório</i>	Almiro G. de Carvalho	27.09.42	39	—	5	—	5	<i>U-514</i>	Hans Jürgen Auffermann
21	<i>Lajes</i>	Oswaldo S. da Silva	27.09.42	49	—	3	—	3	<i>U-514</i>	Hans J. Auffermann
22	<i>Antonico</i>	Americo Moura Neves	28.09.42	40	—	16	—	16	<i>U-516</i>	Gerard Wiebe
23	<i>Porto Alegre</i>	José F. P. Medeiros	03.11.42	47	—	1	—	1	<i>U-504</i>	Frist Poske
24	<i>Apaloide</i>	José Santos Silva	22.11.42	57	—	5	—	5	<i>U-163</i>	Kurt E. Engelmann
25	<i>Brasílide</i>	Eurico G. Souza	18.02.43	46	4	—	—	—	<i>U-518</i>	Friedrich W. Wissmann
26	<i>Afonso Pena</i>	Euclides A. Basílio	02.03.43	89	153	33	92	125	<i>Barbarigo</i>	Roberto Rigoli
27	<i>Tutóia</i>	Acácio de A. Faria	30.06.43	37	—	7	—	7	<i>U-153</i>	Friedrich Guggenberger
28	<i>Pelotasíde</i>	Jony Pereira Máximo	04.07.48	42	—	5	—	5	<i>U-590</i>	Werner Krüer
29	<i>Boagé</i>	Arthur Monteiro Guimarães	31.07.43	107	27	20	8	28	<i>U-185</i>	August Maus
30	<i>Itapagé</i>	Antônio da Barra	26.09.43	70	36	18	4	22	<i>U-161</i>	Albrecht A. Achilles
31	<i>Campo</i>	Mário Amaral Gama	23.10.43	57	6	10	2	12	<i>U-170</i>	Gunther Pieffer
32	<i>Cisne Branco</i>	(Particular)	28.09.43	10	—	4	—	4	<i>U-170</i>	Gunther Pieffer
33	<i>Imediato João Silva</i>		Mar/41	—	—	—	—	—		Gunther Pieffer
				1.744	758	473	502	975		

Fonte: Cansação, Elza. *E foi assim que a cobra fumou*. Rio de Janeiro: Imago, 1987. p. 20.

Á época, muito se discutiu quanto à autoria dos ataques, especulando-se mesmo que os norte-americanos fossem responsáveis por tais atos, como maneira de pressionar o Brasil a entrar na guerra (Cruz; Aras, 2013). Essa tese, porém, é inverídica, verificando-se assim, que os boatos disseminados configuravam dois pontos: o primeiro diz respeito à admiração que parte dos apoiadores tinham com relação à ideologia nazista e, negavam a todo custo que os alemães fossem capazes de tamanha barbárie e; o segundo corresponde aos opositores do governo varguista, que atacando a imagem carismática do Dirigente, buscariam desestabilizar as bases do governo (Cruz; Aras, 2013).

Os *u-boots* eram também conhecidos pelos marinheiros como “terror dos mares”, “lobos cinzentos” e “vacas leiteiras”. Este último aludia aos submarinos tanques, responsáveis por reabastecer os outros com mantimentos, água, combustível, torpedos, medicamentos, além de evacuar os enfermos e feridos. A reunião dava-se em mar aberto, em pontos pré-determinados anteriormente (Cruz, 2012). Nota-se, pois, os motivos de temer o mar durante a guerra. Além dos navios torpedeados, mercadorias e indivíduos naufragados, mortos e feridos, os *u-boots* rondavam e espreitavam o litoral brasileiro, numa ameaça constante, que se fez sentir por todo o país (Cruz, 2012; Robatto, 2009).

Após o ataque japonês à base norte americana de Pearl Harbor, em dezembro de 1941, os países sul americanos sofrem com a pressão estadunidense de cumprir os acordos firmados anteriormente, parte da chamada política da boa vizinhança. Neste sentido, a agressão a um país americano, configura um ataque a todo o continente. A Argentina e o Chile negam-se a aderir a este plano, evidenciando assim cisões políticas no campo continental.

No caso brasileiro, observamos a pressão norte americana, e o país encaminhado a esta órbita, tanto que o rompimento com os países eixistas dá-se em dois âmbitos, o primeiro de cunho diplomático e comercial em janeiro de 1942; e o segundo no campo político belicoso, em agosto do mesmo ano, após embarcações nacionais serem alvejadas em mar territorial (Agressão, 1943), (Silveira, 2004). Estas ações configuram-se enquanto represália ao posicionamento brasileiro em apoiar os Estados Unidos na guerra. Apoio este condicionado, visto que o país obteria recursos financeiros para implementação de uma usina siderúrgica, além de reequipar o Exército Nacional (Seitenfus, 2003). Entre as imposições, o Brasil deveria ceder bases aéreas e navais para receber os militares estrangeiros no país, num trabalho de cooperação mista que visava a segurança do continente americano (Cruz, 2012, p. 40-41).

Dentro das representações militares à época, o Saliente Nordeste assinalava-se enquanto possível porta de entrada para os inimigos, de forma que as medidas de segurança, tanto nacional como continental, focalizaram este espaço geográfico. O Saliente consiste numa parte do território nordestino que se sobressai em direção ao Oceano Atlântico, sendo a rota marítima mais próxima ligando a América e a África. O Saliente abrange os seguintes estados da federação: “Rio Grande do Norte, Paraíba, Pernambuco e Alagoas, incluindo-se aí as ilhas de Fernando de Noronha e de Trindade, além do atol das Rocas.”. Ao longo da guerra, o Saliente ganhou algumas denominações, como “Cinturão da Vitória”, “Pote de ouro” e “Trampolim da Vitória”, uma vez que era uma área de transição, permitindo ir de um ponto a outro (Cruz, 2012, p. 47-48).

Como se sabe, em toda a Segunda Guerra Mundial, o país não foi invadido por tropas inimigas, mas o temor disso acontecer foi suficiente para aumentar o efetivo militar na região nordestina. Em se tratando do Rio Grande do Norte, por exemplo, além das bases nacionais (aérea e naval), houve também a fundação da base norte americana, *Parnamirim Field*. Consistindo na decolagem e pouso de aeronaves que iam combater no *front*, sendo esta a maior base aérea fora dos EUA. Marca desse período as mudanças no cotidiano da capital potiguar, como o aumento populacional, o desenvolvimento e crescimento urbanístico da cidade (Cordeiro *in* Pedreira, 2021, p. 139-165).

Entre as mudanças perceptíveis no contexto alagoano, tem-se em março de 1943, a inauguração em Maceió, da rodovia que liga as duas bases aéreas contidas nesta capital, num percurso de 22 km. O empreendimento, segundo noticia o *Jornal de Alagoas*, fora uma iniciativa da Panair do Brasil S. A., em parceria com o Governo do Estado. A obra decorreu em torno de 20 meses¹ para ser finalizada e representou uma melhoria no tráfego urbano, permitindo a dinamização da circulação de veículos (militares e civis) e transeuntes, além de mercadorias. Em sua estreia, contou com a presença de diversas autoridades locais, para conclamar o momento de solenidade. Em discurso, o engenheiro Aloisio Freitas Melro, associado da Panair, consagra a obra e a parceria entre o Brasil e os Estados Unidos.

Um exemplo dessa imensa cadeia de solidariedade continental, temol-a presente, senhores na inauguração desta rodovia ligando as nossas duas modernas bases aereas, as quais de tão consideravel utilidade se veem tornando, nos lances da aviação do Brasil a dos Estados Unidos, em luta contra o agressor comum, e, numa conjugação de esforços bem dirigidos e bem dignos da amizade firme existente entre os dois países. Amizade cimentada, não só pro influencia de fatores economicos, mas, sobretudo, pelo sentido que encerra a doutrina consagrada de Monroe, proclamando nossa, exclusivamente nossa, a America portentosa fonte das liberdades cívicas (Inaugurada a rodovia ligando as duas bases aéreas de Maceió. *Jornal de Alagoas* – Maceió – Domingo, 7 mar. 1943. IHGAL).

Nota-se, assim, as relações existentes entre os dois países em prol da segurança continental diante o inimigo comum. O engenheiro prossegue sua fala afirmando que,

A estrada de rodagem que hoje inauguramos, senhores, si tem por fim principal facilitar o transito entre postos afastados, que servem de bases ao volumoso movimento aereo, que as atuais condições de beligerancia nos impõe e a grande nação amiga presta-se, ainda, á finalidades outras de evidente interesse local. Não só ao publico, em seu labor quotidiano, estendem-se os seus beneficios. (Inaugurada a Rodovia ligando as duas bases aéreas de Maceió. *Jornal de Alagoas* – Maceió – Domingo, 7 mar. 1943. IHGAL).

O redimensionamento na infraestrutura local assinala contributos deixados pela guerra, que para além do imaginário social daqueles que vivenciaram suas tensões e agruras, assinalou marcas urbanísticas às gerações posteriores, evidenciando assim a dinamização no limiar social e cultural dessas populações. A propósito da construção de estradas de rodagem, temos a ampliação das “artérias” da cidade, ligando e melhorando entrepostos necessários ao seu bom

¹A partir da publicação jornalística é possível supor que o início das obras tenha se dado em julho de 1941, contudo as negociações comerciais entre o Brasil e os EUA provavelmente ocorreram antes, devido os entraves, somatória despendida e a burocracia usual. O que nos leva a evidenciar o estreitamento de laços americanos muito antes do rompimento diplomático brasileiro com os países do Eixo e, antes mesmo dos ataques a base de Pearl Harbor, em dezembro de 1941 e os torpedeamentos de agosto de 1942.

funcionamento, nota-se assim, a atuação estrangeira no país, através do capital financeiro e humano. Ainda a respeito da inauguração, o advogado da Panair, Arthur Acioly, fala também sobre os elos de cooperação e amizade que ligam os governos americanos.

– “A existencia destas bases aéreas que a Panair do Brasil S. A. construiu com o pensamento na defesa do continente americano, não quer apenas dizer que nos preparamos para enfrentar o inimigo que nos bate à porta. Não constituem apenas demonstrações inequívocas de que tudo é lícito esperar da nossa capacidade para a luta, das reservas inesgotáveis de que dispomos e que estamos decididos a sacrificar, até o fim, até a vitória definitiva das Nações Unidas.

Estas bases representam, sobretudo, marcos inconfundíveis da política da Boa Visinhança, que vem aproximando sempre e cada vez mais o Brasil da América do Norte, confirmando tradições históricas e preservando o mesmo patrimônio civilizador e cultural. Bases que consolidarão, nesta hora decisiva para o futuro da América Latina, o pacto de honra que na Conferência de Natal, em nome do Brasil e da América do Norte, acabam de firmar o Presidente Roosevelt e o Presidente Vargas. [...] As bases aéreas que ora se articulam honrarão, os compromissos assumidos no memorável encontro de Natal, não permitindo, custe o que custar, a invasão do hemisfério através do nordeste ou da bacia do Amazonas (Inaugurada a rodovia ligando as duas bases aéreas de Maceió. *Jornal de Alagoas* – Maceió – Domingo, 7 mar. 1943. IHGAL).

No discurso acima, observamos alguns pontos referentes ao evento militar. O primeiro diz respeito ao medo de uma invasão inimiga, esta sempre a espreita, “batendo na porta”, estando mesmo o país disposto a se sacrificar para vencer. É possível que tal sacrifício aluda aos planos desenvolvidos ao longo do período, como na chamada Batalha da Produção e/ou na convocação e envio de soldados da FEB para a Itália. O segundo ponto remete à política da boa vizinhança, na qual os países americanos buscam proteger-se em caso de ataque extracontinental. A construção das bases aeronavais evidenciam as preocupações belicas, assim como trazem à tona uma nova dinâmica social, com a constante presença de estrangeiros em Maceió, seja em voos (pousos e decolagens), seja dos efetivos militares ali destacados. O terceiro alude à exaltação do patriotismo, que consiste no fortalecimento do sentimento nacional pelo país e suas representações ao aspecto “civilizador e cultural” das Américas.

Apesar das medidas de segurança empreendidas, o país sofreu diversos ataques marítimos. Além de possuir uma zona litorânea de dimensão continental, nem todos os navios dispunham de aparelhagem adequada para proteção, tornando, pois, as embarcações nacionais alvos fáceis aos submarinistas atacantes. Um método utilizado foi a viagem em comboios, no qual navios norte-americanos equipados, trafegavam juntamente a navios nacionais, resguardando sua integridade física e com capacidade de revide, em caso de ataque, além de contarem com o sobrevoo de aeronaves aliados, garantindo maior apoio. Entretanto, no intercurso da Segunda Guerra Mundial, dezenas de navios brasileiros foram atacados e

afundados pelo Eixo, matando centenas de pessoas (Agressão, 1943; Sander, 2011; Cansanção, 1987).

Vários *u-boots* circularam pelos mares territoriais do país, entre eles estava o U-161, pertencente a *Kriegsmarine* – Marinha de Guerra alemã. Comandado pelo Capitão Albrecht Achilles, foi o responsável por torpedear e afundar o Itapagé nas imediações de Maceió. Entre as ações empreendidas pelo submarino ao longo de sua existência, consta o ataque a diversas embarcações estrangeiras, causando avarias e afundamentos.

Itapagé, nome de origem tupi, significa pedra que cura. Construído em 1927, em estaleiros franceses, o navio fazia parte da Companhia Nacional de Navegação Costeira² e realizava diversas viagens nacionais, indo de norte a sul do país. Com mais de 112 metros de comprimento e enquadrado na categoria pacote, realizava o transporte de cargas e passageiros. Com 4.998 de tonelagem bruta e 3.612 líquida; possuía 1^a, 2^a e 3^a classes, o navio comportava quase 300 passageiros (Torpedeado o Itapagé, por um submarino alemão, em águas de Alagoas. *Jornal de Alagoas* – Maceió – Sábado, 2 out. 1943. APA).

Com a eclosão da guerra e a decorrente crise de transportes instaurada, realizava-se o tráfego marítimo segundo as recomendações de segurança, que consistia na chamada navegação de cabotagem, que compreende navegar sem perder de vista a costa terrestre.

De modo geral, após a partida, os navios faziam escalas em quase todos os portos do litoral brasileiro, até seu destino final. Contudo, ao zarpar do Rio de Janeiro, em 22 de setembro de 1943, com destino a Belém, no Pará, o navio faria uma parada em Recife sem maiores escalas (Aguiar, Augusto. Os soldados e os marujos do Brasil marcharão juntos para vingar o ultraje nazista. *Jornal de Alagoas* – Maceió – Domingo, 3 out. 1943. APA).

Outro ponto que assinala essa última e fatídica viagem do mercante, diz respeito ao reduzido número de passageiros, contando com 37, dos quais 28 desembarcariam em Recife e os outros 09 em Belém. A tripulação do navio consistia em 70 pessoas, o que somado aos passageiros, totalizava em 107 indivíduos (Como foi atacado e afundado o Itapagé. *Gazeta de Alagoas* – Maceió – Domingo, 3 out. 1943. APA).

² Ficou conhecida popularmente como A Costeira, teve seu apogeu entre os anos 1920-1950, trafegando de norte a sul do país, transportando pessoas e mercadorias. A maioria de suas embarcações iniciavam com o prefixo “Ita”, que em tupi significa, pedra. Os pacotes era tão frequentes nos portos nacionais que inspiraram a canção *Peguei um Ita no Norte*, de Dorival Caymmi (1945), assim como a obra *Capitão de longo curso*, de Jorge Amado, e a inclusão do termo/palavra “ita” no dicionário Aurélio (Gerodetti, João Emilio; Cornejo, Carlos. **Navios e portos do Brasil**: nos cartões-postais e álbuns de lembranças. Coordenação editorial e gráfica Silvia Rita dos Santos; produção geral Fábio Luis de Jesus. São Paulo: Solaris Edições Culturais, 2006, p. 100-108). Consultar também: Disponível em: Novo Milênio: Rota de Ouro e Prata - Companhia Nacional de Navegação Costeira. Acesso em: 06 abr. 2025.

Diferentemente da relação publicada pelo *Diário de Notícias*, aos 02 de outubro de 1943, que assinala um total de 105 pessoas ocupantes no navio quando do atentado, o que nos leva a alguns questionamentos: quem eram as pessoas cujos nomes não foram publicados? Estariam de fato embarcadas? Ou fora apenas erro de digitação do periódico? Teria o Itapagé mais vítimas? Não se sabe ao certo, ficando, pois, a dúvida em evidência. Apesar do reduzido número de passageiros, o navio transportava grande carga de objetos, contendo “2 mil caixas de cerveja, 30 mil panelas, remédios, perfumes, pneus e dois caminhões” (Sander, 2011, p. 296). Além de caixas de ácido e “trinta mil painéis destinados aos trabalhos da “batalha da borracha” foram também perdidos” (*Revista do Instituto Histórico e Geográfico de Alagoas*, v. XXXIII, Maceió, 1977, p. 45-91).

A viagem no pacote decorria de modo corriqueiro, próximo à costa, devido aos acontecimentos anteriores. Vale lembrar que no ano anterior, 1942, o país sofrera grandes perdas humanas e financeiras. Diversos navios foram atacados por submarinos alemães e italianos em alto mar, como também dentro do mar territorial brasileiro. Em agosto de 1942, sete embarcações foram torpedeadas entre Bahia e Sergipe, sendo seis delas brasileiras. Nos ataques daquele triste agosto, centenas de pessoas foram vitimadas (Agressão, 1943).

Em decorrência dos torpedeamentos, a população saiu às ruas da capital federal (e algumas capitais estaduais), cobrando um posicionamento incisivo do governo, diante de tamanha barbárie. O espírito mobilizatório envolve as populações locais, que demonstram repulsa ao nazifascismo, saindo às ruas em comícios e passeatas enaltecendo o Brasil. Estas são acompanhadas por autoridades locais, e contam com grande número de simpatizantes, que discursam e cantam o hino nacional pelas ruas. Em alguns casos de exaltação, indivíduos arrancaram as placas de estabelecimentos comerciais no centro de Maceió, estes pertencentes a indivíduos alemães e italianos (Extraordinárias manifestações populares. *Jornal de Alagoas – Maceió – Terça-feira, 18 ago. 1942. IHGAL*).

Apesar da nova conjuntura, a vida cidadina seguia dia após dia. Barcaceiros, saveiristas, pescadores em geral madrugavam nos areais, seguindo para o trabalho ao sol, ao sal e ao mar. Outros seguiam para a pesca de sururu nas lagoas próximas. Os trabalhadores das fábricas, trapicheiros, estivadores, carregadores, caixeiros viajantes, bancários, empregadas domésticas, atendentes em geral etc., mantinham sua habitual labuta outrora estabelecida.

Com o conflito e o aumento exarcebado de preços dos itens de primeira necessidade (alimentação, vestuário, moradia), manter-se empregado era essencial para prover o ambiente doméstico (Carvalho *in* Pedreira, 2021, p. 89-114). Nesse ínterim, tem-se o trabalho dos vendedores ambulantes, com seus pregões disparados pelas ruas da capital: “Laranjas!

Laranjas! Especiais de Coruripe” (Júnior, 1976). Vendendo-se uma enorme variedade de produtos, que vão de alimentos frescos, recém coletados, como: sururu, peixe, camarão, miúdos bovinos; a itens de produtores locais e cidades circunvizinhas, como: ovos, leite, banha, pães, tapioca, mel, batata, inhame, maçãs; assim como preparados: ervas, garrafadas, raízes e outros produtos da medicina popular. Havia também o fabrico de guloseimas e venda de: balas, bolos, cocadas, sorvete, sem contar a comercialização de itens pessoais (anéis) e decorativos (espelhos). Além da prestação de serviços, como engraxate, por exemplo. Em suma, grande diversidade de gêneros circulava pelas ruas, num comércio que se buscava a sobrevivência diária, acirrada pelo evento bélico.

Retomando a rota do Itapagé, este seguia em águas territoriais alagoanas, na tarde de domingo, do dia 26 de agosto de 1943. O navio estava a altura de Lagoa Azeda (pequeno povoado de pescadores) quando o mar demonstrava certa agitação, devido seus fortes ventos. Após o almoço, passageiros e alguns tripulantes descansavam. Outros membros da tripulação, como o radio telegrafista, Sinézio Guilherme de Oliveira, mantinham-se em seus postos de serviço. Este em entrevista ao repórter Augusto Aguiar, relata o momento do ataque.

– No momento do ataque eu estava de quarto, na cabine de rádio. Ali ouvi a explosão do primeiro torpedo. O choque jogou-me com a cadeira pelos ares. Todos os aparelhos de radio-recepção e transmissão foram totalmente destruídos, sendo então impossível transmitir qualquer mensagem de socorro e de aviso aos demais barcos que navegassem pelas proximidades (Aguiar, Augusto. Os soldados e os marujos do Brasil marcharão juntos para vingar o ultrage nazista. *Jornal de Alagoas – Maceió – Domingo, 3 out. 1943.* APA).

O torpedeamento do Itapagé deu-se sem aviso prévio, tendo seu público embarcado sido pego de surpresa com tal investida. Por volta das 13:30, passageiros e tripulantes sentem um grande impacto na embarcação. O que estava acontecendo? Antes mesmo de conseguirem raciocinar sobre o acontecido, outro impacto devastador. Os minutos que se seguem são repletos de pânico. Algumas pessoas são atingidas por estilhaços, ferindo-se gravemente ou mesmo indo a óbito, como nos narra Antônio Alves de Souza.

– Na primeira explosão, um caminhão, que estava depositado no convés, foi elevado aos ares e ficou suspenso a um braço de um guindaste. O navio adernava. Começou a navegar desordenadamente. Balançava de uma maneira espantosa. Eu e o primeiro piloto ficamos olhando, admirados, para tudo aquilo. Murmurei então: “Precisamos nos salvar. – Nesse momento verificou-se a segunda explosão. Uma das rodas do referido caminhão foi violentamente lançada fóra do eixo a atingiu o primeiro-piloto que teve morte imediata (Os soldados e os marujos do Brasil marcharão juntos para o ultrage nazista. *Jornal de Alagoas – Maceió – Domingo, 3 out. 1943.* APA).

Ante a constatação de torpedeamento, o próprio capitão do navio, Antônio da Barra, acreditava que o navio passava por um abarcamento: “Não pensei em tórpedo. Julguei que fosse um abalrcamento. O abalo foi terrível” (O comandante Antônio da Barra descreve o naufrágio do Itapagé. *Jornal de Alagoas* – Maceió – Quarta-feira, 6 out. 1943. APA). Outro tripulante do navio fala sobre o choque dos torpedos, o taifeiro José Ferreira da Silva, 43 anos de idade, natural de Pernambuco.

Estava tomando banho quando senti o choque do primeiro torpedo. Pensei que fôsse o fim do mundo ou alguma coisa parecida. Despido como estava deixei o banheiro, no momento exato em que o segundo torpedo explodia. Atirei-me ás águas e fui recolhido por uma baleeira (Os soldados e os marujos do Brasil marcharão juntos para vingar o ultrage nazista. *Jornal de Alagoas* – Maceió – Domingo, 3 out. 1943. APA).

O torpedeamento traz em si a percepção do fim, seja o fim do mundo, da tranquilidade, da labuta, do abrigo ou mesmo da vida. Neste sentido, o Itapagé simboliza para sua tripulação uma série de vivências relacionadas aos mares e suas agruras, tendo os marinheiros neste espaço, sua casa quando necessário e seu ambiente de trabalho. Sendo assim, o fim deste também representa o término de uma vida, não apenas no sentido físico, mas no aspecto subjetivo e pessoal das inter-relações estabelecidas, de maneira que marca profundamente a vida, memória e história desses sujeitos.

A água invade rapidamente o convés e os camarotes, o pacote começa a afundar. O desespero aflige os indivíduos que buscam meios de salvarem-se, alguns jogam-se ao mar, como o referido comandante. Das baleeiras integrantes a embarcação, apenas duas conseguiram ser desprendidas para auxiliar no salvamento das vítimas, as de numeração 4 e 7, tendo uma delas suas amarrações cortadas a canivete. Nestas, couberam 73 naufragos, dos quais a maioria estavam feridos (leve ou gravemente). Em aproximadamente quatro minutos, o navio afundou completamente, arrastando consigo mercadorias e pessoas. Da população constante no navio, 22 ficaram entre mortos e desaparecidos.

Dos passageiros em questão, pelo menos sete eram crianças, sendo cinco salvas e, duas mortas. As crianças viajavam com suas respectivas famílias. A senhora Jenura Honorato da Silva, 23 anos, casada e natural de Pilar (município alagoano), em fala ao jornalista Aguiar, discorre sobre o torpedeamento, o desespero das pessoas e como se deu seu salvamento e dos seus três filhos.

– Esses tres guris que o senhor está vendo são meus filhos: Newton, José e Neuza. Na hora do torpedeamento encontrava-me com o mais novo no convés, quando o mesmo foi jogado ao mar. Era a explosão do primeiro torpedo. Houve um principio de panico.

Senti-me alucinada. Onde estavam os meus filhos? – Sem saber como encontrei-me numa baleeira. Procurei-os. Apenas o meu espôso e Newton e Neuza encontravam-se comigo. Meu marido, sem sentidos, a um canto da embarcação e os meninos olhando, sem compreender, tudo quanto acontecia. Com os olhos procurava José nas águas revoltas, por entre destroços e homens que nadavam. Foi nesse momento que eu vi as duas crianças boiando. Senti um ódio imenso em meu coração. Pensei na mãe desses inocentes. Ela se encontrava conosco, na baleeira. Desmaiada. Os braços arranhados. Os cabelos flutuando ao vento. Um homem salvou José. Apertei-o contra o peito e fechei os seus olhos. Não queria que êle visse as crianças mortas e compreendesse que elas haviam sido assassinadas por indivíduos que também teem filhos e esposas... (Aguiar, Augusto. Os soldados e os marujos do Brasil marcharão juntos para vingar o ultrage nazista. *Jornal de Alagoas* – Maceió – Domingo, 3 out. 1943. APA).

As outras duas crianças salvas correspondem aos filhos do senhor Flávio Cunha de Farias, Sérgio de um ano e sete meses e Fernando com sete meses de idade. A família viajava com destino a Belém, no qual o patriarca iria ocupar o cargo de Inspetor de Caça e Pesca e, chefiar o serviço local. Seu filho Fernando fora o mais jovem entre os naufragos. Por fim, as duas crianças, filhas da senhora Estelita Almeida Pereira da Rocha, não tiveram a mesma sorte que as supracitadas anteriormente. A criança mais velha tinha quatro anos de idade e teve a cabeça esvaçada por destroços; a caçula tinha um ano e dois meses. A mãe dos pequenos encontrava-se numa das baleeiras de salvamento, estando a mesma ferida e desmaiada (*Revista do Instituto Histórico e Geográfico de Alagoas*, v. XXXIII, Maceió, 1977, p. 45-91).

É provável que a senhora Estelita Almeida Pereira da Rocha seja a mesma que Estelita Pereira de Barros, possivelmente nome de solteira e, constante na lista publicada pelo *Diário de Notícias*, aos 02 de outubro de 1943. Não há relatos que seu esposo, Amaro José da Rocha estivesse na embarcação, constando apenas que o mesmo residia no Rio de Janeiro, sem maiores menções quanto a residência da família, o que nos leva a algumas perguntas. A família residia em algum município da região Norte ou Nordeste? As crianças juntamente com sua mãe estariam de regresso, após uma temporada na capital brasileira? O patriarca estaria também no navio? Por que sua esposa estava registrada com outro nome? Infelizmente essas e outras questões quanto a família ficaram em aberto. Cruzando-se os dados e informes existentes, é possível supor que os nomes das crianças fossem: Wilson Pereira de Barros e Roub Pereira de Barros (No litoral de Alagoas foi torpedeado o navio “Itapagé”. *Diário de Notícias*. Rio de Janeiro-RJ, 2 de outubro de 1943. Fundação Biblioteca Nacional – Hemeroteca Digital Brasileira).

Os sentimentos experienciados são um misto de medo, ódio e aflição, visto o desespero e busca pela sobrevivência, diante dos acontecimentos. Sendo estes potencializados pelas cenas dantescas que se presenciou concomitantemente: o navio sendo tragado pelas águas, pessoas

em desespero, súplicas de socorro, vários feridos, corpos de crianças boiando, atacantes nazistas rindo e fotografando suas vítimas.

Na efervescência dos acontecimentos suscitados, diversas implicações são geradas. De tal maneira que, a população mobiliza-se contra as ações do Eixo, com conseguinte repulsa a indivíduos desses países, inclusive mesmo para aqueles que nada tinham com o ataque. A dinâmica cidadina, portanto, é redimensionada a repelir o inimigo agressor com furor, assim como amparar os seus em ato de solidariedade e benevolência.

Figura 2 - Notícia do torpedeamento do Navio Itapagé na costa alagoana

Diário de Notícias
SEGUNDA SECÇÃO Sábado, 2 de Outubro de 1943

O ataque ao navio da Costeira foi realizado em pleno dia, por um submarino alemão, a seis milhas apenas da vila da Barra de São Miguel

Cerca de trinta pessoas, entre passageiros e tripulantes, acham-se mortas ou desaparecidas — Mulheres e crianças entre as vítimas — Requite de selvageria do comandante do corsario nazista — Esteve em perigo outra unidade mercante — Varias notas

Comunique-nos o Departamento de Imprensa e Propaganda: "No dia 26 de setembro foi torpedeado, ao largo da costa nordeste, o navio "Itapagé" da Companhia Nacional de Navegação Costeira. O navio conduzia 35 passageiros, dos quais 29 já chegaram a salvamento. Da tripulação ainda estão desaparecidos dezenove homens".

CARACTERÍSTICAS DO NAVIO
O navio da Costeira, agora afundado, fora construído em 1927, nos estaleiros de Ruão, na França. Deslocava 4.998 toneladas brutas. Média de comprimento 112,77 metros; 6,96 de calado.

Fonte: *Diário de Notícias* – Rio de Janeiro, 2 out. 1943, p. 7. Manchete: No litoral de Alagoas foi torpedeado o navio "Itapagé". Fundação Biblioteca Nacional (Hemeroteca Digital Brasileira).

À medida que a notícia do afundamento circula pelas ruas de Maceió, esta é recebida com incredulidade e embasbacamento. Não à toa, equipes de reportagem se mobilizam para averiguar o foco dos mexericos e saber se há algo de verídico em tais boatos, ou se é apenas alguma ação zombeteira e de má fé. No tópico que se segue, verificamos os detalhes do torpedeamento através de entrevistas com os naufragos e a reação dos concidadãos maceioenses, diante da macabra façanha nazista em Alagoas.

3.2 Pormenores e reação popular pós torpedeamento

O telefonezinho, que liga São Miguel dos Campos a Jiquiá da Praia, soou estranhamente aquela noite. O funcionário do Departamento dos Correios e Telegrafos atendeu bocejando. Logo mais ficou nervoso, aperrado, agitou os braços, gritava:

– Como? Submarino alemão? Alô? O que mais?...

Do outro lado do fio vinha a voz apressada:

– E? Submarino. Mortos. Alguns feridos. Estão em Lagôa...

– Náufragos?... Torpedeamento?... Está bem. Avisarei imediatamente o tenente da guarnição...

E o tenente comandante da pequena guarnição federal seguiu incontinentemente, acompanhado de alguns praças, para Jiquiá da Praia.

Era domingo á noite. A notícia propalou-se imediatamente pela pequena cidade (Aguiar, Augusto. Os soldados e os marujos do Brasil marcharão juntos para vingar o ultrage nazista. *Jornal de Alagoas* – Maceió – Domingo, 3 de outubro de 1943. APA).

O jornalista Augusto Aguiar, enviado pela *Agência Meridional* realizou uma cobertura completa quanto ao afundamento do Itapagé e como se deu o salvamento dos náufragos. Este repórter realizou diversas entrevistas com as vítimas do ataque, tanto passageiros como tripulantes, tendo uma matéria ampla sobre os pormenores da investida alemã. Publicada inicialmente em Maceió, pelo *Jornal de Alagoas* e em seguida por outros periódicos que integravam os *Diários Associados*, como *Diário de Notícias* e *Diário da Noite*. Há também citações do referido ataque em jornais argentinos, censurando, pois, a ação nazista em território brasileiro (Homens e máquinas concentrados para a maior batalha do Dnieper. *Diário de Notícias* – Rio de Janeiro – Terça-feira, 05 out. 1943, p. 2. Fundação Biblioteca Nacional – Hemeroteca Digital Brasileira).

Em sua matéria ao periódico alagoano, Aguiar nos relata as primeiras notícias do torpedeamento. Estas começaram a circular pela capital, ao alvorecer do dia seguinte ao ataque. A cidade foi invadida por uma série de boatos, os mais descontraídos possíveis, falando-se mesmo em ataque a um comboio inteiro. Buscando verificar os acontecimentos que desencadeavam nesses falatórios pelas ruas da cidade, e também, é claro, garantir um “furo” jornalístico, a equipe de comunicação em questão, busca as autoridades locais para maiores esclarecimentos. Tentam estabelecer contato com os militares responsáveis pela região, sem, contudo, obter êxito (Aguiar, Augusto. Os soldados e os marujos do Brasil marcharão juntos para vingar o ultrage nazista. *Jornal de Alagoas* – Maceió – Domingo, 3 out. 1943. APA).

Em meio a essa busca, conseguem uma “pista” que, a priori, os levam a São Miguel dos Campos. Chegando lá teriam de seguir viagem para Jequiá da Praia (algo em torno de 30km a serem percorridos), para finalmente encontrarem o foco das notícias que corriam a cidade. Isto contudo não foi necessário, pois em São Miguel dos Campos mesmo, com auxílio de outros

colegas de profissão, encontraram os primeiros náufragos, que seriam conduzidos a Maceió para atendimento médico adequado. Averiguando a situação e os fatos decorridos naquele triste domingo, o jornalista consegue colher entrevistas diversas dos sobreviventes. Cada qual narrando seu desespero e aflição em meio ao caos estabelecido e, como se procedeu seu consequente salvamento.

A princípio, se noticiou acerca de que os agressores teriam metralhado os náufragos que buscavam salvamento nas baleeiras, entretanto, comprovou-se que esse recorte era inverdade. Alguns sobreviventes relatam sobre a tripulação inimiga sair do submarino e do alto da torre de comando, fotografar as cenas seguintes ao afundamento, sem, contudo, haver disparo de armas de fogo.

Essas informações desencontradas nos levam a observar o medo estabelecido no imaginário social, diante dos acontecimentos bélicos que se seguiam. Sem dúvidas, o medo condiz com a conjuntura experienciada e o trauma recente, porém eleva as especulações a grande (ve)voracidade, sem constatação dos fatos e aversão à figura de outrem. Como o caso que se segue, quando da notícia do afundamento do Itapagé, um frade alemão teria sorrido com a notícia, sendo este preso e conduzido a capital para prestar depoimento. (Torpedeado o Itapagé, por um submarino alemão, em águas de Alagoas. *Jornal de Alagoas* – Maceió – Sábado, 2 out. 1943. APA). Teria de fato o religioso ficado feliz, sorridente com o ataque? Difícil responder tal questionamento, visto que a partir do olhar de quem observa, qualquer alteração facial, poderia significar uma resposta, podendo esta ser condicionada pelos sentimentos (exaltados ou não) do observador.

Outro ponto que assinala o ataque sofrido por Alagoas é a demora em se publicizar o ocorrido. Os fatos deram-se aos 26 de setembro, sendo as primeiras notícias oficiais divulgadas para a população, apenas no início do mês de outubro (quase uma semana depois do atentado). O que nos levar a indagar algumas possibilidades. A primeira remete a especulação dos boateiros, como o próprio jornalista alega ter receio de cair numa espécie de “pegadinha”, quando da circulação das primeiras notícias na capital; a segunda condiz com a dificuldade em se chegar próximo ao local do ocorrido, pois além da necessidade de se utilizar um transporte relativamente rápido e seguro para tal, as estradas não eram asfaltadas e possuíam irregularidades do terreno, o que limitava a velocidade dos veículos, de 50 a 60km. Vale ressaltar que os náufragos aportaram a quilômetros da cidade mais próxima, sendo estes em verdade socorridos e alimentados num primeiro momento pelos pescadores locais; a terceira expede sobre a necessidade de autorização do DIP para se publicar qualquer notícia dessa natureza.

Após o telegrama de aviso quanto a existência de náufragos brasileiros em São Miguel dos Campos, as autoridades militares competentes, dirigiram-se até a supracitada cidade para averiguar a situação e seus pormenores. Estes foram informados, ainda durante a noite, de domingo, dia 26. Além dos militares, médicos e farmacêuticos foram designados para tal deslocamento, tendo em vista a necessidade de cuidados de alguns sobreviventes, como do transporte urgente de casos mais graves. Num primeiro momento, alguns médicos fizeram o trajeto a pé, cerca de 30km até Lagoa Azeda para tratar dos feridos, o que se destaca dificultoso, tanto pela distância a ser percorrida, estradas sem asfalto, escuridão noturna, pois, apesar de estar-se na primavera, as noites sem a presença da lua, são puro breu. No ínterim dos primeiros socorros, houve ainda a utilização de automóveis e ambulâncias do Exército, Polícia e mesmo aviões do Aero Clube de Alagoas. Vale citar o caso de dois náufragos que vieram a óbito depois de chegarem a Maceió (Aguiar, Augusto. Os soldados e os marujos do Brasil marcharão juntos para vingar o ultrage nazista. *Jornal de Alagoas* – Maceió – Domingo, 3 out. 1943. APA. O comandante Antônio da Barra descreve o naufrágio do Itapagé. *Jornal de Alagoas* – Maceió – Quarta-feira, 6 out. 1943. APA. Como foi atacado e afundado o Itapagé. *Gazeta de Alagoas* – Maceió – Domingo, 3 out. 1943. APA).

O disparo do primeiro torpedo deu-se em torno das 13h:30min, horário pós almoço e quando parte da tripulação e dos passageiros estavam repousando. O segundo disparo fora logo em seguida, aturdindo a todos de maneira mais enfática. Como citado por um dos tripulantes, a sala do rádio fora totalmente danificada, impedindo assim a emissão de alerta ou mesmo pedido de socorro junto às autoridades portuárias. Com a explosão dos torpedos, algumas pessoas morreram de imediato, outras conseguiram salvar-se, atirando-se ao mar. O declínio do Itapagé deu-se rapidamente. O senhor João Soares de Pinho, segundo maquinista do pacote e a mais de duas décadas trabalhando para a Companhia Nacional de Navegação Costeira, relata o torpedeamento em minúcias.

Como não estivesse de serviço, logo após o almoço recolhi-me ao meu camarote e deitei-me. Seguramente às 15,30 horas ouvi uma pancada forte e surda. Levantei-me. Pensei que alguma máquina tivesse se quebrado, não obstante os serviços de reparação sofridos recentemente pelo nosso barco. Assim sendo procurei me dirigir para a casa das máquinas. Abro a porta e olho para o exterior. As águas passeavam pelo convés e invadiam os camarotes. Nesse tudo-nada o segundo torpedo explodiu e tódo o carregamento do porão foi atirado ao mar. Uma fumacinha começou a se fazer notar, no convés, sendo de se notar que o Itapagé viajava com um grande carregamento de acidis e de óleo. Percebi logo que se tratava de um torpedeamento e assim sendo procurei alcançar a amurada. Uns fiosinhos de metal, que não sei donde vieram, embaralhava-me o andar. Atirei-me ao mar e procurei distanciar-me o mais possível do navio. Não pensei em baleeira, em balsa, nem em me segurar a alguma tabua ou caixa que flutuava perto de mim. Recordei-me apenas que o vacuo produzido pela imersão poderia me atrair para o fundo do mar. Nadei durante muito tempo,

aproximadamente uns 10 minutos até avistar a baleeira sete, que, no momento procurava apanhar outros sobreviventes e então navegamos em direção ao litoral (Aguiar, Augusto. Os soldados e os marujos do Brasil marcharão juntos para vingar o ultrage nazista. *Jornal de Alagoas* – Maceió – Domingo, 3 out. 1943. APA).

Continuando sobre os detalhes, acrescenta ter visto os agressores nazistas, estes sobre o submarino, enquanto olhavam e fotografavam os naufragos.

– Sim, eu vi o inimigo quando já me encontrava na baleeira. Ficamos alguns momentos borbejando á procura dos nossos companheiros. A uns 200 metros de onde estávamos avistamos um barulho surdo. O inimigo emergiu lentamente. Era relativamente grande e estava pintado de cinzento, sendo que a pintura parecia fresca e largando em alguns pontos. Na torre de comando apareceram tres homens, alvos, vestidos com calça escura e peito nu. Um deles usava gorro de oficial. Bateram algumas fotografias e voltaram para o interior do barco. Enquanto o inimigo submergia visou rapidamente a meia náu e seguiu para o mar alto (Aguiar, Augusto. Os soldados e os marujos do Brasil marcharão juntos para vingar o ultrage nazista. *Jornal de Alagoas* – Maceió – Domingo, 3 out. 1943. APA).

Outro tripulante ratifica ter visto o submarino alemão após o declínio da embarcação. José Monteiro da Silva, 18 anos, taifeiro, natural de Jaboatão, Pernambuco, narra ao jornalista sua visão do inimigo.

– Depois da explosão do primeiro torpedo eu tive consciência que o negócio estava feio, não tive duvida. Saí para o convés com uma vontade louca de observar o movimento. Aí foi quando o segundo torpedo explodiu. Fui jogado ao mar. Pedacos de tabuas, caixas de não-sei-o-que, oleo ao redor de mim e uma baleeira ali perto. Nadei com uma vontade imensa de alcança-la. Já estava cansado, e aquilo não havia demorado nem uns trinta segundos quando consegui içar-me para o seu bôjo. Sentei-me calmamente na prôa e olhei para o mar largo. Uma coisa escura, como uma baleia ou um tubarão muito grande, vinha a tona. Era o submarino. Estava pintado de cinzento e não trazia nenhuma inscrição. Na torre de comando apareceram uns homens alvos, distante de nós apenas uns trezentos metros. Pareceu-me que eles tiravam fotografias e um deles se perfilou e levantou o braço. Logo mais desapareceram no interior do submarino. Esfreguei os olhos pensando que fôsse uma alucinação. Olhei novamente para aquelas bandas e nada vi. Acreditei estar ficando louco. Entretanto meus companheiros falavam do submarino, que tinha uma cor cinzenta e que viera á superfície por alguns momentos... (Aguiar, Augusto. Os soldados e os marujos do Brasil marcharão juntos para vingar o ultrage nazista. *Jornal de Alagoas* – Maceió – Domingo, 3 out. 1943. APA).

O sobressalto do caos em órbita, o medo e a aflição condizem com a natureza humana sendo levada ao extremo devido ao trauma. A situação recém experienciada faz com que a realidade seja questionada, ao ponto de o tripulante imaginar ter visões do inimigo. Em outros relatos de torpedeamento, cita-se o desespero e alucinação de sujeitos, que estando em tábuas e/ou resquícios do navio ou de suas cargas, atiram-se ao mar, alegando ir embora para casa.

(Agressão, 1943, p. 91-92). Entretanto, no caso alagoano a visualização do inimigo é confirmada por outros sujeitos, que também o viram de perto.

O fato de o submarino agressor ter se aproximado e fotografado a situação, provavelmente foi o que desencadeou uma onda de comentários que aludiam a ter náufragos metralhados mesmo após o ataque do navio, situação desmentida pelos próprios sobreviventes. O senhor João Soares de Pinho assegura:

– O submarino não metralhou os sobreviventes nem disparou nenhum tiro de canhão contra o nosso barco. Apenas lançou os dois torpedos, que atingiram o barco por boroeste, presumivelmente entre os porões dois e quatro. Após a segunda explosão a embarcação virou sôbre o mesmo lado da explosão e, em poucos segundos, foi tragada pelas águas. Nunca pensei que um navio tão grande e tão bom afundasse tão rapidamente (Aguiar, Augusto. Os soldados e os marujos do Brasil marcharão juntos para vingar o ultrage nazista. *Jornal de Alagoas* – Maceió – Domingo, 3 out. 1943. APA).

Quanto ao salvamento nas baleeiras e o auxílio dos pescadores de Lagoa Azeda, complementa dizendo:

– Das oito baleeiras que existiam no Itapagé apenas duas foram utilizadas, a quatro e a sete, as demais ficaram amarradas aos turcos e foram levadas para o bôjo do oceano. Poucos minutos depois nada mais restava do Itapagé, exceto as duas baleeiras, destroços vários e uma mancha de óleo na superfície do mar. Içamos as velas e começamos a remar em direção ao litoral. Depois de tres a quatro horas encontramos com alguns pescadores que nos guiaram até um pequeno ancoradouro, situado em Lagôa Azêda. Se não fôsse a ajuda desses praieiros muitos mais teriam morrido. Em Lagôa Azêda fomos para as residências desses pescadores. Gente pobre, sem recursos, entretanto nos trataram de uma maneira admirável. Alimentaram-nos. Deram-nos roupas e agasalhos. Puzeram suas camas a nossa disposição. Aliás eu deverei frizar que o tratamento que recebemos, em todos os locais onde passamos, foi magnífico (Aguiar, Augusto. Os soldados e os marujos do Brasil marcharão juntos para vingar o ultrage nazista. *Jornal de Alagoas* – Maceió – Domingo, 3 out. de 1943. APA).

Estando as baleeiras lançadas ao mar, e passado o desespero inicial, as pessoas buscam a costa terrestre, iniciando, assim, o remo em direção a orla, o que se supõe não ter sido nada fácil, visto a grande quantidade de pessoas alocadas em cada baleeira, a distância a ser velejada e o fato de os náufragos terem passado horas sob o sol (em torno de três a cinco horas), sem alimentação, sem água potável e feridos (leve ou gravemente). Como observa o marítimo, Manoel Evangelista da França, “se o ataque tivesse sido realizado á noite todos nós teríamos perecido, pois fômos torpedeados sem aviso” (Aguiar, Augusto. Os soldados e os marujos do Brasil marcharão juntos para vingar o ultrage nazista. *Jornal de Alagoas* – Maceió – Domingo, 3 out. 1943. APA).

Ademais, a situação traumática e adversa dos náufragos, outro problema se apresentava, à extensa barreira de corais que permeia o litoral alagoano, as baleeiras iam-se lançando sobre estas sem terem conhecimento de sua existência e risco. Caso tivesse acontecido, provavelmente haveria mais mortos e feridos graves em decorrência desse outro sinistro a população embarcada. Felizmente, isso não ocorreu. Quando da proximidade das baleeiras aos arrecifes, surge a figura de Manoel Cipriano, pescador local que vai ao encontro dos náufragos para alertar do perigo e os conduzir a terra em segurança. O capitão do navio, Antônio da Barra, narra a respeito desse segundo momento de sobressalto e a essencial atuação do jangadeiro em questão, sem a qual não teriam obtido êxito.

– [...] Nas duas baleeiras que tivemos oportunidade de usar, a quatro e a sete, passamos cêrca de cinco horas no mar, conseguindo, finalmente, aportar em terra firme, graças á dedicação do praieiro Manoel Cipriano, que, numa simples jangada, nos indicou o roteiro da salvação e nos salvou de perecer nos arrecifes. Logo mais fômos auxiliados por outros pescadores residentes em Lagoa Azeda, onde fômos alimentados e abrigados.

– Se não fôsse a dedicação de Manoel Cipriano teríamos perecidos nos arrecifes, avistando terra do Brasil, e próximos, muito próximos da salvação (Aguiar, Augusto. Os soldados e os marujos do Brasil marcharão juntos para vingar o ultrage nazista. *Jornal de Alagoas* – Maceió – Domingo, 3 out. 1943. APA).

A complacência de Manoel Cipriano deu-se em conjunto a outros pescadores locais, que de imediato se prontificaram ao auxílio das vítimas. Após aportarem nos areais da praia, estas foram acolhidas pelos moradores, sendo conduzidas as suas casas. Em sequência alimentadas, hidratadas e vestidas, para depois descansarem um pouco. Apesar da humildade de alimentos que dispunham, e de limitado abrigo, todas foram recolhidas e servidas com o que se tinha disponível.

Ao aportar no povoado, o Capitão, busca meios de entrar em contato com as autoridades responsáveis para informar o ocorrido. Em declaração cedida aos repórteres dos *Diários Associados*, e publicada no dia 06 de outubro de 1943, pelo *Jornal de Alagoas*, o comandante trata a respeito do ataque e o essencial auxílio dos moradores de Lagoa Azeda no trato e amparo aos náufragos.

– Era seis e meia, quando saltamos. Procurei a autoridade local, que mandou um emissário a Jequiá da Praia, afim de telefonar para São Miguel dos Campos. Os que estavam feridos foram socorridos pelas familias dos pescadores de LagoaAzêda. Os que estavam menos feridos ficaram na barca do peixe, coberta de palha de coqueiro. O colchão tambem era palha de coqueiro. Passei a noite na banca do peixe. Por volta das três horas da madrugada chegou o Tte. Vital, comandante do destacamento de São Miguel dos Campos, que levou recursos médicos (O Comandante Antônio da Barra descreve o naufrágio do Itapagé. *Jornal de Alagoas* – Maceió – Quarta-feira, 6 out. 1943. APA).

Após breve pausa, retoma suas declarações e alude para a chegada das autoridades competentes ao povoado e o itinerário percorrido do pequeno e distante povoado de Lagoa Azeda até a capital, Maceió.

– A’s seis horas chegaram o cel. Xavier de Oliveira, comandante da Fôrça Policial, o sr. Luiz Ramalho, agente da Costeira, o Corpo de Médicos do Exército, ambulancias, medicamentos. Com esses auxílios chegamos a Jequiá da Praia, distante 12 quilômetros de Lagôa Azêda. A primeira refeição servida aos náufragos foi na fazenda dos irmãos Medeiros. Descansamos um pouco e continuamos a viagem para São Miguel dos Campos, onde chegamos ao meio-dia. Estavam nos esperando na cidade as autoridades militares de Alagoas. Uma hora depois viemos para Maceió. Aqui os feridos foram para o Pronto Socorro, para uma casa de saúde e os menos feridos foram para a Comissão Estadual da Legião Brasileira da Assistência. Em consequência dos ferimentos recebidos, faleceu o moço de convez Domingos Santos e depois um passageiro (O Comandante Antônio da Barra descreve o naufrágio do Itapagé. *Jornal de Alagoas* – Maceió – Quarta-feira, 6 out. 1943. APA).

Ainda em entrevista, o capitão fala a respeito de uma espécie de rede misteriosa que impedia os movimentos do remo, e que somente a custo conseguiram se livrar desta. “– Não sei explicar direito. A rêde era muito grande e os fios muito fortes. Foi com muito esforço que nos livramos. Penso que seja para arrastar os náufragos.” Este alude também para os prejuízos financeiros sofrido com o ataque, visto que pessoalmente perdera dinheiro (seis mil cruzeiros em espécie) e equipamentos de trabalho. Outro náufrago e tripulante da embarcação também cita a rede, o senhor João Soares de Pinho aponta, “Uns fiosinhos de metal, que não sei donde vieram, embaralhava-me o andar” (Aguiar, Augusto. Os soldados e os marujos do Brasil marcharão juntos para vingar o ultrage nazista. *Jornal de Alagoas* – Maceió – Domingo, 3 out. 1943. APA).

Após o emissário aludido chegar em Jequiá da Praia e telefonar a São Miguel dos Campos, informando as autoridades locais quanto ao torpedeamento do Itapagé e, solicitando o envio imediato de um telegrama a capital alagoana, uma “onda” de conversas assolou a cidade miguелense, e em seguida Maceió. As conversas se propagaram rapidamente, circulando e repercutindo por onde passavam, de tal modo que o ataque nazista recebeu novas projeções e implicações sociais. Os ditos boateiros elevaram a situação estarrecedora e traumática do torpedeamento, implicando nessas situações inexistentes, como por exemplo, ao afirmarem que após o afundamento do paquete, os náufragos teriam sido metralhados no mar, ou que os atacantes teriam atacado todo um comboio de navios, ou mesmo que o inimigo teria bombardeado o povoado de Lagoa Azeda. Diante de tais notícias, os sentimentos de fúria e revolta ganham maior proporção e, numa reação virulenta a população sai às ruas para “caçar”

o inimigo, este sempre sorrateiro e melindroso. Nesse cenário caótico e dantesco que se forma, a população mostra-se indignada, e busca revidar os ataques sofridos.

Um grito de guerra percorreu a cidade: “Vamos pegar alemão a unha...” – Tornou-se um dístico, uma bandeira, uma palavra-de-ordem para a população local. Homens, crianças e até mulheres partiram para Jiquiá da Praia, distante sete leguas da sede municipal (42 quilômetros), armados de foices, canos de ferro, martelos, machados, enxadas, espingardas de caça (Aguiar, Augusto. Os soldados e os marujos do Brasil marcharão juntos para vingar o ultrage nazista. *Jornal de Alagoas* – Maceió – Domingo, 3 out. 1943. APA).

O torpedeamento em si implica diversas questões sociais, como afirma o professor e pesquisador Cruz (2012, p. 18):

A história do navio não se apaga quando ele é tragado pelo mar; a experiência traumática vivida pelos sobreviventes perpassa o tempo eventual em si; os familiares e os amigos dos náufragos também se sentem atingidos; o medo do desconhecido alimenta o imaginário social; e por fim, as agressões navais tendem a despertar conflitos e alimentar o caos.

No trecho acima é possível observar o desencadear da cólera popular diante da façanha empreendida. A indignação do afundamento é tamanha que as pessoas sentem a necessidade de revidar o sofrimento causado, percorrendo um longo trajeto de estradas poeirentas, armados com o que se tem, contando mesmo com a presença de jovens e crianças, para aplacar a ira que os toma. Observa-se, ainda, que o dístico empreendido remete aos alemães, não havendo uma diferenciação entre a nacionalidade estrangeira e a ideologia nazista, estas são alocadas enquanto sinônimos. A esfera que se forma é, pois, intensa e enfurecida, de uma população contundida e irada.

Não se tem maiores referências quanto ao deslocamento dessa massa ao local do ataque e/ou os resultados desse empreendimento, que entre outras coisas simboliza a revolta ao mesmo que prontidão para com os seus concidadãos. No campo das hipóteses, é provável que as autoridades competentes tenham dissolvido a aglomeração, uma vez que a multidão constituída assinalava certos receios. O primeiro condiz com a grande quantidade de pessoas para se controlar, visto que parte do efetivo militar se encontrava a socorrer os náufragos e os conduzir a capital. Neste sentido, em caso de perseguição a um sujeito em específico, sua integridade física estaria ameaçada pela população enlutada, podendo ir as vias de fato e buscar justiça com as próprias mãos, pois como alude o trecho supracitado, a população estava armada. O segundo alude ao receio de infiltração, por assim dizer, de baderneiros para provocar arruaças ou a atuação de quintas-colunas no movimento.

Em seu livro de memórias, *E foi assim que a cobra fumou*, a Major enfermeira do Exército, Elza Cansanção alude para diversos pontos da guerra, como os torpedeamentos de navios nacionais, sua formação profissional e atuação no conflito bélico (tanto no Brasil como na Itália). Em se tratando do Itapagé, recorda detalhes de quando recebe a notícia do torpedeamento.

Estávamos em 26 de setembro de 43. Encontrava-me em Maceió, quando, ainda madrugada, começaram os sinos das igrejas a “dobrar finados” (toque fúnebre ainda usado no interior para indicar que morreu alguém importante). Casualmente, era esse o dia da missa de 7º dia de minha avó, e eu estranhei o fato de dobrarem finados também no 7º dia.

Estava no comando do 20º BC em Maceió, há bem poucos dias, o Coronel Ignácio Rolim, cuja filha Yara era minha amiga. [...] Descendo à igreja para a missa de minha avó, sussurrou-me ao ouvido a notícia, dizendo:

– Prepare-se, que vão precisar de você. Acabam de torpedear um navio na costa e há muita gente ferida. A sua requisição é de ordem de papai.

Fiquei atônita com a notícia (Cansanção, 1987, p. 36-38).

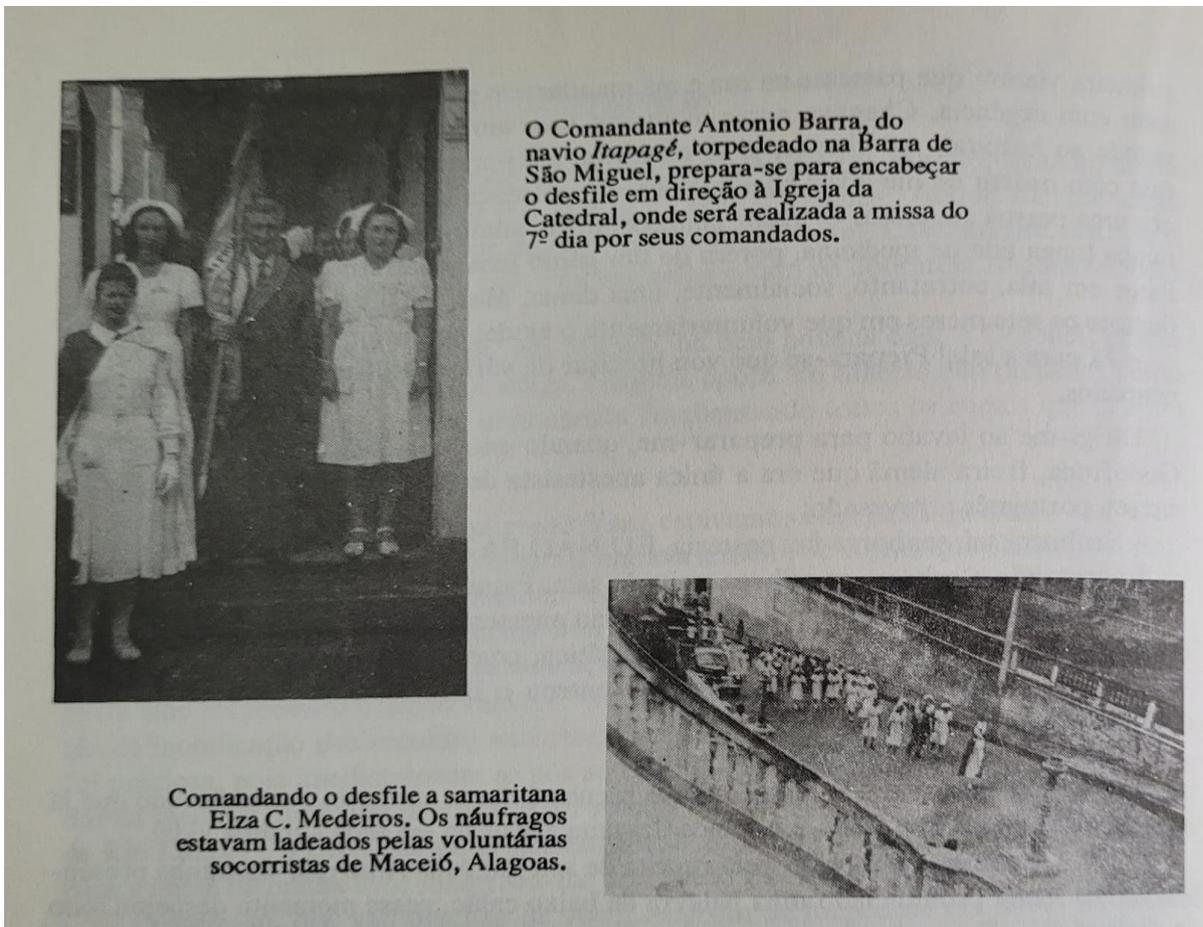
Nota-se o sobressalto da jovem enfermeira quando informada da ação atacante. Como alegou sua amiga, seus serviços foram requisitados, tanto pela LBA e logo em seguida pelo Hospital da Santa Casa. De imediato, organizou turmas de mulheres para arrecadação de roupas, alimentos, cama e colchões, tendo apoio imediato do povo. Posteriormente, atendendo a solicitação médica, partiu para o hospital, uma vez que havia vários feridos e casos graves a serem tratados, incluindo caso cirúrgico, da qual a mesma participou. “Era um caso gravíssimo de esmagamento de todos os órgãos internos e forte hemorragia, e o paciente, apesar de muito jovem e forte, veio a falecer.” Nos seus relatos, antes de iniciar o procedimento cirúrgico o paciente comenta: “– Dona, eu ainda tenho o gosto da fumaça do torpedo na boca. Quem sente uma vez não esquece nunca mais” (Cansanção, 1987, p. 36-38). É provável que o jovem que veio a óbito em terra, refira-se a Domingos Silva Santos, moço de convés, ao qual alude o Capitão Barra em trecho de sua entrevista. Diferentemente da Major, o Capitão afirma que duas pessoas morreram estando em terra, um tripulante e um passageiro (O Comandante Antônio da Barra descreve o naufrágio do Itapagé. *Jornal de Alagoas* – Maceió – Quarta-feira, 6 out. 1943. APA).

Decorrente do enterro do tripulante em questão, autoridades locais e grande massa popular (náufragos, estudantes, operários, comerciantes, jornalistas, militares e outros) acompanharam o cortejo fúnebre ao cemitério. Antes do sepultamento, algumas autoridades falaram; “sendo encerradas as homenagens com o Hino Nacional cantado por todos os

presentes” (Aguiar, Augusto. Os soldados e os marujos do Brasil marcharão juntos para vingar o ultrage nazista. *Jornal de Alagoas* – Maceió – Domingo, 3 out. 1943. APA).

Em sufrágio daqueles que padeceram no ataque, foi mandada rezar uma missa de 7º dia, contando com a presença da população em geral. A celebração foi realizada pelo arcebispo metropolitano, Dom Ranulfo Farias, na Catedral (Nota: Em sufrágio das vítimas do torpedeamento do Itapagé. *Gazeta de Alagoas* – Maceió – Domingo, 3 out. 1943. APA). Na ocasião, foi organizado um desfile dos náufragos, com o Capitão Antônio da Barra à frente carregando a bandeira do Brasil, sob comando de Elza Cansanção (Cansanção, 1987).

Figura 3 – Desfile dos náufragos do Itapagé em Maceió.



Fonte: CANSANÇÃO, Elza. *E foi assim que a cobra fumou*. Rio de Janeiro: Imago, 1987. p. 38.

Diferentemente de Aracaju, que à época criou um cemitério para os mortos dos torpedeamentos de 1942, em Maceió não há referências de tal infraestrutura. O que pode ser explicado pelo número de mortos e consequente resgate desses corpos, visto que no caso alagoano, a maioria das vítimas consta como desaparecida, tendo, portanto, como sepultura, o mar. Para aqueles que vieram a óbito em terra, não há relatos sobre o local do sepultamento, contudo pode-se supor que tenham sido enterrados no Cemitério São José, também conhecido

como “Cemitério do Caju” (devido a grande quantidade de cajueiros) ou “Cemitério dos Pobres”, localizado no bairro Prado, próximo ao centro da cidade, inaugurado em 1920, para comportar os mortos da gripe espanhola que desembarcavam na capital alagoana. Desde 1924, sua administração pertence à municipalidade (Cavalcante, 2013).

Dias após o torpedeamento, novas notícias do Itapagé ganham as páginas dos periódicos locais. São notícias diversas que tratam sobre a missa de 7º dia, a ida dos náufragos para o Recife, assim como ações do pescador Manoel Cipriano. Este, juntamente com um colega de profissão, retornam ao local do torpedeamento, verificando a possibilidade de salvamento de parte da carga ou mesmo partes do navio. Ao mergulhar no local, o jangadeiro observou alguns detalhes do pacote, como a posição em que adernou e a distância em que se encontra da praia (cerca de 24km) (Nota: Mergulhou no local onde se encontra o “Itapagé” *Gazeta de Alagoas* – Maceió – Quarta-feira, 27 out. 1943, p. 6. APA).

Se de um lado a população reagiu às ações nazistas, de outro, negociantes buscaram lucrar, visto que alguns dias após o ataque, diversas mercadorias chegaram às praias São Miguel dos Campos e de Coruripe. Entre elas latas de banha e de manteiga do sul, as quais foram recolhidas pelos pescadores locais. Em sua publicação do dia 27 de outubro de 1943, o *Jornal de Alagoas* relata: “Alguns negociantes sem escrúpulos, desta capital, compreenderam que era chegada a ocasião de aproveitar a ignorância desses pobres pescadores afim de auferirem grandes lucros, comprando a referida mercadoria por uma ninharia para revende-la por preço exorbitante” (Nota: Apreendidas mercadorias do navio “Itapagé”. *Jornal de Alagoas* – Maceió – Quarta-feira, 27 out. 1943. APA). Caso semelhante deu-se nas praias de Aracaju, quando dos torpedeamentos em 1942 e diversas mercadorias “malafogadas” davam na praia, sendo estas recolhidas e vendidas em feiras próximas (Cruz, 2012). O historiador Cruz, assim, remete à palavra comumente utilizada em Aracaju nesse período, “Malafogado representa aquilo que não se afogou completamente, que voltava à tona, trazendo, porém, a marca do mal da tragédia naval: torpedeamento ou encalhe” (Cruz, 2012, p. 146).

Houve ainda, o conhecido caso de Nelson de Rubina, ocorrendo a inquérito policial, uma vez que o mesmo furtou três anéis do corpo de uma naufraga morta, revendendo um desses anéis inclusive a um comerciante de Maceió. O caso ganhou notoriedade, pois, a vítima era esposa do então Procurador do Tribunal de Segurança Nacional, Gilberto de Andrade (Barros, 2016). Cruz (2012, p. 162) assinala, “[...] os corpos dos náufragos foram duplamente agredidos. No mar, pelos submarinos alemães. Em terra, pela avareza fratricida de homens como Nelson de Rubina”. Observa-se, assim que mesmo diante do momento sofrido, sujeitos desonestos buscam obter vantagens sobre a tragédia de outrem.

Em se tratando do caso alagoano, consta que as supracitadas mercadorias foram apreendidas e encaminhadas à capital, para então serem distribuídas a algumas instituições, sendo elas: “Orfanato São Domingos, Asilo N. S. do Bom Conselho, Hospital de Isolamento, Asilo Santa Leopoldina e Colonia Eduardo Rabelo” (Nota: Apreendidas mercadorias do navio “Itapagé”. *Jornal de Alagoas* – Maceió – Quarta-feira, 27 out. 1943. APA). O que de todo não elimina a comercialização de parte dessas mercadorias em outras localidades e/ou por outras pessoas, pois ao tempo de se recuperar e apreender parte destas, alguns itens já poderiam ter sido revendidos ou mesmo consumidos. Em comparação a Aracaju, no quesito inquérito policial ou algo similar, não se tem maiores referências, sendo necessário pois, analisar mais fontes e documentos de pesquisa, averiguando assim arquivos inerentes a pasta da Capitania dos Portos e/ou da Segurança Pública e Militar.

A publicização do pacote afundado próximo a Maceió, recebeu destaque em toda a imprensa nacional e, no caso local os periódicos compilaram verdadeiras narrações da guerra, tratando desde dados do navio (tamanho, capacidade de passageiros, tonelagem), entrevistas com náufragos, e sobrevoo ao local do ocorrido. A consternação foi grande e os cidadãos revoltos, conclamavam para que, ao menos, os prejuízos financeiros fossem ressarcidos ao país, de modo que um avião fosse comprado e doado ao Aero Club local. Não à toa, o avião se chamaria *Itapagé*, forma de homenagear os mortos e desaparecidos no ataque do *u-boot* 161. Quanto a isso o *Jornal de Alagoas* enfatizou:

Essa mancha de sangue, essa nodoa que os jangadeiros da Lagoa Azeda e do Jiquiá estão vendo a todos os instantes, é uma perene exaltação ao nosso patriotismo; porque ela pede vingança, ela reclama a destruição impiedosa daqueles que estão fazendo o mundo atravessar êsses instantes de sofrimentos e de dores. E a vingança chegará; para dela participar, o Brasil prepara o seu corpo expedicionário. Iremos á Europa, iremos á Asia, iremos aonde for preciso ir, para participar da destruição completa dos novos barbaros do século XX. Iremos uns, e outros ficarão defendendo os nossos ceus e os nossos mares, para que nunca mais outro ariano de calças curtas venha rir-se do nosso sofrimento, nem fotografar os nossos sacrificios. Os que ficarem terão um ceu amplo para lutar. E para que essa luta seja de acordo com as nossas tradições, queremos outro “Itapagé”, não será mais um “Itapagé” que carregue mercadorias para os nossos irmãos do Norte e do Sul, nem conduza crianças e homens que viajam pacificamente. Será um “Itapagé” de azas abertas em pleno ceu do Brasil, impedindo que as hordas nazistas se aproximem de nosso território, defendendo a nossa soberania e preservando a honra nacional que saberemos colocar acima de tudo, á custa de todos e quaisquer sacrificios (Nota: O outro “Itapagé”. *Jornal de Alagoas* – Maceió – Quarta-feira, 13 out. 1943. p. 2. APA).

Outrossim, a população local reclama para si, um avião que possa estar aos serviços do país, em prol de sua defesa costeira. Assinala-se, portanto, o ardor do patriotismo ferido, de maneira que o ataque deixou uma mancha de sangue nas águas claras e amenas do mar

alagoano, marcando não apenas o local, o navio atacado, os praieiros e os naufragos, mas todos os brasileiros. O revide brasileiro viria, pois, na formação e envio de um corpo expedicionário para combater os novos bárbaros no *front* externo. O corpo em questão remete a FEB, com sua formação e envio a Itália, em 1944, parte integrante de uma divisão norte-americana. Diferentemente daquele mar imemorial narrado por Holanda em suas reminiscências, os mares brasileiros presenciaram muito terror, medo, avarias, naufrágios e mortes na chamada Batalha do Atlântico, ao longo da Segunda Guerra Mundial, ficando assim na memória daqueles que vivenciaram o assombroso período bélico.

Na última sessão será discutido como os meios de comunicação (em especial os jornais) abordavam a temática da guerra no contexto local. Neste sentido, busca-se ainda verificar a realização de blecautes na capital alagoana durante o biênio estudado, assim como sobre a realização ou não de festas populares como o carnaval. Com a instabilidade gerada pelo conflito militar, questões do cotidiano passaram por significativas alterações políticas, econômicas, sociais e culturais.

Figura 4 - Pormenores do torpedeamento



Fonte: *Jornal de Alagoas* – Maceió – Domingo, 3 out. 1943. APA. Manchete: Os soldados e os marujos do Brasil marcharão juntos para vingar o ultrage nazista.

Figura 5- Monumento em homenagem aos ex-combatentes da Segunda Guerra Mundial em Maceió – AL³



Foto: Gigliele Pereira Fontes (2018).

³Em se tratando do período belicoso e dos espaços da cidade, alguns remetem/rememoram as duas Guerras Mundiais. O logradouro, Avenida da Paz, antiga rua do Saraiva (bairro Jaraguá), por exemplo, recebeu esse nome em ato comemorativo com o fim da Primeira Guerra Mundial. Nela situa-se um monumento, em homenagem aos ex-combatentes da Segunda Guerra Mundial. A estátua possui um formato triangular e alude às três forças: Exército, Marinha e Força Aérea.

Na parte superior é possível observar o busto de um soldado, logo embaixo uma mão segurando uma tocha, o que simboliza a liberdade e na parte inferior, o emblema da FEB, com uma cobra fumando. A época do conflito, alguns diziam de forma pejorativa ser mais fácil uma cobra fumar do que o Brasil entrar na guerra. O monumento conta ainda com o busto de um marinheiro, abaixo deste e em alto relevo mãos entrelaçadas, remetendo a fraternidade. E por fim, conta com o busto de um aviador, estando por baixo uma pomba alçando voo, simbolizando a paz e, debaixo também em alto relevo, o emblema da FAB, com os dizeres “Senta a pua”, que significa “mete bala”. A cidade conta também com o Museu da Segunda Guerra, a Associação dos ex-combatentes do Brasil, seção de Alagoas e o Mausoléu destes, este último localizado no Cemitério Nossa Senhora da Piedade (bairro Prado).

Figura 6 - Alagoanos mortos em combate



Foto: Gigliele Pereira Fontes (2018).

Fonte: Painel disponível na Associação dos ex-combatentes do Brasil, secção Alagoas.

4 O COTIDIANO DE MACEIÓ NA GUERRA

NOTÍCIAS

Entre mim e os mortos há o mar
e os telegramas.
Há anos que nenhum navio parte
nem chega. Mas sempre os telegramas
frios, duros, sem conforto.

Na Praia, e sem poder sair.
Volto, os telegramas vêm comigo.
Não se calam, a casa é pequena
para um homem e tantas notícias.

Vejo-te no escuro, cidade enigmática.
Chamas com urgência, estou paralisado.
De ti para mim, apelos,
de mim para ti, silêncio.
Mas no escuro nos visitamos.

Escuto vocês todos, irmãos sombrios.
No pão, no couro, na superfície
macia das coisas sem raiva,
sinto vozes amigas, recados
furtivos, mensagens em código.

Os telegramas vieram no vento.
Quanto sertão, quanta renúncia atravessaram!
Todo homem sozinho devia fazer uma canoa
e remar para onde os telegramas estão chamando
(Andrade, 2000, p. 153-154).

A capital alagoana sofreu diversas modificações ao longo da Segunda Guerra Mundial. O vultuoso fluxo de informações inerentes ao conflito bélico era corriqueiro e em parte sensacionalista, de modo que os diversos periódicos locais, noticiavam constantemente os feitos e efeitos dos Aliados na guerra, fosse no *front* interno e/ou externo. No referido poema, observamos a aflição do indivíduo, na sua solidão e medo, assim como sua relação com a morte, o mar e as notícias que chegavam constantemente. Em se tratando deste período da humanidade, diversos setores da vida humana passaram por redimensionamentos, não à toa, estima-se que ao final desta, morreram milhões de pessoas, majoritariamente civis.

As reflexões e receios do poeta condizem com o momento vivido, visto que se chega cotidianamente informes referentes a guerra e seus desdobramentos, com as notícias circulando e difundindo-se rapidamente pelas ruas. Os telegramas são, portanto, caracterizados como “frios, sem conforto”, remetendo as tragédias com suas graduais perdas materiais e humanas, sendo esta última em proporções inimagináveis e irreparáveis.

Analisar a Segunda Guerra Mundial consiste em perceber diversas faces do conflito e suas interrelações. Para além dos campos de batalha e seus *fronts*, verificam-se as mudanças no cotidiano local. Segundo Heller (2024, p. 35): “a vida cotidiana é a vida de *todo* homem”, sendo que não é possível desligar-se desta por completo. Ao nascer, o sujeito passa a fazer parte da cotidianidade, tendo sua efetivação, por assim dizer, na fase adulta, período no qual está de fato inserido no ambiental social, comportando-se integralmente naquele espaço. É quando os valores passam de fato a fazer sentido e ele os reproduz, movimentando-se por si mesmo (Heller, 2024).

Nessa acepção, a autora aponta para o indivíduo em seu aspecto amplo, sendo este ser particular e genérico, ou seja, numa análise do “eu” e do “nós”. Para tanto, a vida cotidiana esta no “centro” do acontecer histórico, uma vez que as ações cotidianas (a exemplo dos trabalhos desenvolvidos por cientistas e pesquisadores) geram consequências na cotidianidade (como a invenção da eletricidade, por exemplo). A vida cotidiana é pois, heterogênea e hierárquica, não podendo desvincular-se desta. Uma vez que se fôssemos pensar demais para realizar alguma atividade cotidiana (como atravessar a rua), não a faríamos. Ou se vivêssemos para coisas grandiosas, estas não ocorreriam, devido às necessidades cotidianas não estarem feitas, o que geraria caos (Heller, 2024).

Na ocorrência dos acontecimentos, a cidade urge com seus enigmas e demandas cada vez mais apelativos e necessários, estando dentro dessa perspectiva as medidas de treinamento implementadas com os *black-out*, acrescido de outras urgências, como a escassez de alimentos e a exacerbada carestia, além da constante solicitação da participação popular em programas difundidos pelo governo nacional. O estudo histórico se constitui a partir de narrativas experienciadas durante o conflito mundial, no caso alagoano, como este e sua população reagiram às mudanças políticas, econômicas, sociais e culturais do evento beligerante.

Como assinalou Braudel (2009, p. 8): “[...] a história do mundo não é um rio, são rios”. Para tanto, existe vasta gama de histórias relacionadas à Segunda Guerra Mundial, não limitando-se a um espaço físico, tendo assim variadas conexões geográficas implicadas, sejam por regiões, países, estados e/ou cidades. Nas linhas que se seguem abordaremos algumas implicâncias da guerra em Maceió.

4.1 A guerra e a cobertura nos jornais da capital

Os meios de comunicação (de modo especial os jornais) passaram, pois, por acentuadas modificações. Em meio à guerra na Europa, os periódicos divulgavam em larga escala informes

das batalhas, tomadas de território, movimentação estratégica militar, posicionamentos diplomáticos, entre outros. Já no chamado *front* interno, as produções jornalísticas acompanhavam a tomada de decisões do Presidente Vargas, com seus atos, resoluções e decretos no território nacional, contando assim com sua publicização e alinhamento por parte da Interventoria Federal no Estado alagoano.

As publicações assinalavam as mais diversas notícias possíveis, desde grandes manchetes a notas variadas sobre: medidas de segurança (realização dos blecautes); prisão de espíões e integralistas; apreensão de armas; encontros com autoridades militares; programas de incentivo a participação popular na guerra (batalha da produção, batalha da borracha, bônus de guerra, fomento agrícola, hortas residenciais, participação feminina, cursos de defesa passiva antiaérea, curso de enfermeiras voluntárias, convocação militar); carestia (tabelamento dos preços de produtos alimentícios, escassez de alimentos, novos impostos, preço dos aluguéis, incentivo a economia doméstica); crise dos transportes; plantação de mangabeira; comércio açucareiro; restrição a circulação de automóveis e pessoas após determinado horário e em alguns locais da cidade; informes quanto as embarcações nacionais torpedeadas; estudos quanto a navegação no rio São Francisco, assim como a discussão sobre a realização ou não de festas populares, como o carnaval, entre outros assuntos. Observa-se, pois, que cada vez mais as notícias ganhavam grifos e, títulos sensacionalistas, que buscavam prender a atenção e aguçar a curiosidade do público leitor.

Em *Imprensa e História do Brasil*, Capelato mostra o jornal enquanto fonte documental, discutindo sobre sua historicidade. Para tanto, traz questionamentos e reflexões quanto a “boa” e “má” imprensa, assim como discute sobre o papel dos pesquisadores e novas abordagens quanto a esse documento. Sendo assim, assinala que “[...] o jornal não é um transmissor imparcial e neutro dos acontecimentos e tampouco uma fonte desprezível porque permeada pela subjetividade” (Capelato, 1988, p. 21). Neste sentido, a análise deste exige que o pesquisador estabeleça uma comunicação com múltiplas personagens do período elencado, para se ter acesso a uma história mais dinâmica e viva.

Em outras análises como *História dos, nos e por meio dos periódicos*, Luca (*in* Pinsk, 2010) evidencia sobre o espaço da imprensa em estudos científicos, observando-se uma recorrente preocupação em se escrever a História da imprensa, porém com relutância sobre se escrever *por meio* dela. O receio de se utilizar tal documentação estava atrelado a busca pela “objetividade, neutralidade, fidedignidade, credibilidade, além de suficientemente distanciadas de seu próprio tempo” (Luca *in* Pinsky, 2010, p. 112). O documento jornal estava, portanto, relegado ao limbo da historiografia, visto que:

nesse contexto, os jornais pareciam pouco adequados para a recuperação do passado, uma vez que essas “enciclopédias do cotidiano” continham registros fragmentários do presente, realizados sob o influxo de interesses, compromissos e paixões. Em vez permitirem captar o ocorrido, dele forneciam imagens parciais, distorcidas e subjetivas (Luca *in* Pinsky, 2010, p. 112).

Como se sabe, a partir da Escola dos *Annales*, houve renovação historiográfica quanto aos objetos de estudos, temas, fontes e metodologias, além de abordagens interdisciplinares, o que proporcionou uma nova visão a temáticas antes relegadas ao esquecimento. Em se tratando de estudos quanto a imprensa, este não se deu de imediato, visto o receio dos estudiosos em se utilizar tal fonte. Alguns por receio em incorrer a erros, outros por não ter outras fontes de pesquisa. Há ainda aqueles que se utilizavam dos periódicos para apenas confirmar ou negar alguma informação de seus estudos/hipóteses, desvinculando por vezes, uma palavra ou linha, o que poderia levar a erros de determinada realidade, uma vez que os periódicos não são veículos de informações imparciais ou neutros, mas sim fontes documentais amplas e diversas, que dialogam com o tempo e espaço em que foram criados, acrescido ainda aos interesses dos sujeitos por trás das páginas (proprietários, editores, patrocinadores) e suas relações política, ideológica, financeira e social. Para tanto, os periódicos carecem ser analisados em sua conjuntura, visto a abrangência de conteúdos e matérias publicadas. Nesse escopo, faz-se necessário inquirir sobre as fontes, como por exemplo, sua tiragem, área de difusão, interrelações e outros (Luca *in* Pinsky, 2010).

Como afirmou Bloch (2002, p. 128): “[...] para fazer uma ciência, será sempre preciso duas coisas: uma realidade, mas também um homem”. Observa-se, pois o papel do historiador ao “questionar” e “fazer falar os documentos”, por assim dizer. Analisando e estabelecendo, pois, o diálogo com outras ciências e sujeitos, estendendo seu campo de percepção e reflexão. Vislumbrando os documentos em suas entrelinhas, sem necessariamente evidenciar seu fabrico (se este é verdadeiro ou falso), mas sim compreendê-lo em sua conjuntura, pois sua formulação representa uma funcionalidade, seja explícita ou implícita. Constitui-se, então, perceber aquilo como algo preferido ou preterido, na escrita do seu tempo e, por conseguinte, da História.

A presente pesquisa baseia-se na análise dos periódicos: *Jornal de Alagoas*, *Gazeta de Alagoas*, *A Notícia* e *O Semeador*, estes circulavam pelas ruas de Maceió ao longo da década de 1940, abordando as mais variadas notícias, do cotidiano local à guerra na Europa. Por tratar-se de um período ditatorial, do Estado Novo, as produções estavam sujeitas a averiguação e controle do DIP. A partir de janeiro de 1942, com o rompimento diplomático aos países eixistas, percebe-se um posicionamento mais incisivo por parte do governo brasileiro, trazendo em suas

manchetes, matérias em prol dos Aliados. De tal, temos enquanto elo comunicador do Estado, o *Jornal de Alagoas*, que publicizava em larga escala e grifos marcantes diversos informes, avisos, editais, entre outras notícias do escopo governamental. Percebe-se, pois, o direcionamento do periódico em enfatizar as medidas do governo, num sentimento de coalizão e ordem, necessárias ao bem comum. Para tanto, em janeiro de 1942, há publicação de uma nota oficial, aludindo ao rompimento brasileiro com o Eixo e as medidas que devem ser mantidas para com indivíduos dessas nacionalidades.

Tendo o Governo Brasileiro, deliberado romper relações diplomáticas e comerciais com o Japão, Alemanha e Itália, a Interventoria Federal está certa de encontrar nas autoridades, em todos os funcionários e na população em geral a mesma unidade de sentimentos e de pensamento que já têm demonstrado e o mesmo espírito de ordem e perfeita disciplina com que vinham até agora acompanhando o desenvolvimento da situação.

Ninguém deverá adotar atitude agressiva para com os súditos dessas nações, aqui residentes, seus bens e sua honra.

Temos no Sr. Presidente da República um guia seguro, dotado de perfeito conhecimento da realidade e de uma noção superlativa do bem público.

O melhor que cada um pode fazer consiste em acatar-lhe as ordens, seguir-lhe o exemplo e cumprir, em cada setor da vida nacional, a tarefa que lhe for distribuída (Somente ontem é que foram rompidas as relações com os países do “Eixo”. *Jornal de Alagoas*. Quinta-feira, 29 jan. 1942. IHGAL).

Através da nota, observamos o posicionamento do Interventor em ratificar as resoluções emanadas pelo governo federal, reforçando seu papel enquanto dirigente estadual e sua assimilação ao molde estadonovista. Assim como verifica-se o reforço sobre a ordem e disciplina, tão presadas e necessárias às configurações político-sociais do período. Vislumbra-se o enaltecimento à figura do Presidente Vargas, forte, seguro, inteligente, sempre em busca do melhor, para o bem da coletividade nacional. Quanto ao povo, este deve atender as solicitações, cumprindo seu dever para com o país.

No que diz respeito aos estrangeiros, há algumas observações, nas quais informa que nenhum sujeito deverá tomar atitudes contra os “súditos dessas nações”. Ao invés de remeter a essas pessoas como estrangeiros, estes são classificados como súditos, aludindo para as nomenclaturas enquanto sinônimos. Observa-se, pois, a construção que se vai perpetrando a esses sujeitos residentes e/ou instalados no país. Tanto que, nessa mesma publicação, o governo emite uma série de avisos aos estrangeiros, que deverão ser obedecidas por todo o território brasileiro, entre elas: informar no prazo de 15 dias sua residência; entregar suas armas a autoridade policial, caso possua; munir-se do salvo conduto em caso de viagem; assim como estão proibidos de: distribuir materiais em língua estrangeira (alemão, japonês e italiano); comunicar-se nesses idiomas em vias públicas e/ou reuniões mesmo em ambientes privados;

discutir ou trocar ideias sobre a situação internacional, entre outras. Tais determinações visavam manter o controle e monitoramento sobre essas populações, a princípio utilizando-se da restrição linguística-cultural. Marca desse período, a busca pela construção da identidade nacional, corroborada pelos discursos dos jornais, apelando-se aos sentimentos nacionalistas do povo brasileiro.

Outros diversos assuntos são tratados pelos periódicos, como por exemplo, a economia local. Em março de 1942, os gestores municipais reúnem-se com o Interventor Federal, para discutir assuntos inerentes a administração e a produção agrícola do estado, “esta reunião está ligada ao movimento iniciado pelo Fomento Agrícola no sentido de aumentar a produção de milho, feijão, arroz e produtos alimentícios, de acordo com as necessidades criadas pela guerra” (Trabalha-se pela solução do problema educacional. *Jornal de Alagoas* – Maceió – Quarta-feira, 11 mar. 1942. IHGAL).

Observa-se que em razão da guerra, novas demandas surgem e conseqüentemente, novos posicionamentos fazem-se necessários à administração pública, seja para solucionar e/ou amenizar as futuras demandas. Dadas as circunstâncias, o Departamento de Municipalidades e Assistência ao Cooperativismo visa a criação de cooperativas no sertão do Estado, enviando seus técnicos responsáveis a cidades do interior como Palmeira dos Índios, Santana do Ipanema, Mata Grande e Água Branca (A’s 20 horas, o sinal de alarme. *Jornal de Alagoas* – Maceió – Sábado, 11 jul. 1942. IHGAL).

Vale ressaltar para as periódicas reuniões com a Comissão de Defesa da Economia Popular, que visava estabelecer e manter o tabelamento de produtos, para salvaguardar o poder de compra da população dos chamados açambarcadores, comerciantes inescrupulosos que buscavam lucrar a qualquer custo. Não à toa, há relatos e reclamações constantes da população, queixando-se desses indivíduos. Alguns, inclusive, foram presos ao se constatar suas infrações (Crescem as adesões á campanha aviatória. *Jornal de Alagoas* – Maceió – Sábado, 29 ago. 1942. APA. No cartaz, a carne verde. *A Notícia* – Maceió – Sexta-feira, 24 jul. 1942. Ano IX, Num. 134. IHGAL. Defendendo a bolsa do povo contra a exploração. *A Notícia* – Maceió – Sábado, 25 jul. 1942. Ano IX, Num. 135. IHGAL. *Jornal de Alagoas* – Maceió – Terça-feira, 2 jun. 1942. IHGAL).

No escopo econômico também se discutiu quanto a produção e ampliação da extração do látex, no caso alagoano através da mangabeira, sendo seu cultivo incentivado pelos municípios alagoanos. Com o conflito bélico, havia por parte dos EUA, uma maior necessidade de matérias primas, em especial após terem os principais centros produtores asiáticos invadidos e dominados pelos japoneses. Para tal, entre os acordos estabelecidos com o Brasil, o país se

comprometia a vender todo excedente da borracha e seus derivados aos EUA. Neste sentido, na chamada Batalha da Produção, todos os Estados brasileiros foram incentivados pelo governo federal a produzir mais e, Alagoas buscou evidenciar seu alinhamento e contribuição, bem como ampliar e diversificar seu campo produtivo, uma vez que a economia local era pautada na cana de açúcar e algodão. O incentivo à nova cultura pelo país foi tamanho, que o mês de junho chegou a ser designado como mês da borracha (Conceição, 2015, p. 46-65).

Outro ponto que mereceu destaque no seio alagoano fora a discussão quanto a produção açucareira pela região sudeste, o que implicaria diretamente na produção nordestina. O governo federal buscava aumentar a produção em regiões menos produtoras, de maneira que seu excedente fosse comercializado com o exterior. Porém, essa medida impossibilitava a vendagem da produção entre os estados nacionais, e a produção nordestina perderia assim mercado consumidor (Conceição, 2015, p. 46-65).

O assunto ganhou os jornais e várias matérias foram publicadas quanto à questão, de forma que houve críticas quanto ao incentivo no Sudeste e a solução seria o aumento de transportes e não de novos engenhos. Em entrevista concedida ao *Jornal de Alagoas*, o senhor Messias de Gusmão, diretor comercial da Cooperativa Central de Banguzeiros e secretário da Associação dos Plantadores de Cana, assinala:

Se atualmente está faltando açúcar no sul é pela falta de transporte. Os nossos armazens estão empilhados de sacos até o teto. E quasi tudo vendido para lá mesmo. O inconcebível é que se queira resolver o caso de outra forma sem que se tente o maximo esforço no sentido de resolver a questão do transporte. Esta a unica e verdadeira solução. Solução que pode ser difícil mas nunca impossível. E enquanto não chegamos a um resultado pratico neste sentido que se racione, que se reduza em parte o consumo do açúcar entre as populações sulistas (Fundar novos engenhos no sul é condenar ao fechamento os banguês do nordeste. *Jornal de Alagoas* – Maceió – Sexta-feira, 9 abr. 1943. IHGAL).

A problemática ganha mais destaque, de modo que os banguzeiros locais reúnem-se com o Interventor Federal para discutir tal propositura. Questionando-se, assim, os rumos da economia regional e nacional com tal medida. Entre os representantes da lavoura estavam, Rui Palmeira, Messias de Gusmão, Ormindio Monte e Mario Gomes de Barros (Recebidos, ontem, pelo Interventor Federal os banguzeiros de Alagoas. *Jornal de Alagoas* – Maceió – Terça-feira, 13 abr. 1943. IHGAL). Os jornais da época, em especial, o *Jornal de Alagoas*, atua de modo incisivo e constante ao abordar a temática. Entre as publicações, consta-se mesmo um apelo ao Chefe da Nação, a fim de evitar o “aniquilamento da economia nordestina” (A falta de transportes não deve ocasionar a morte do banguê. *Jornal de Alagoas*. Maceió – Sábado, 10 abr. 1943. IHGAL).

Os produtores alagoanos viam com desconforto o aumento das quotas de produção açucareira pelo Sudeste, o que na verdade geraria para eles uma diminuição nos lucros oriundos da cana de açúcar e seus derivados. Para tanto, os produtores nordestinos defendiam a posição de que o IAA fosse um órgão controlador quanto a produção sudestina, estabelecendo assim um equilíbrio e “estabilidade industrial, garantidores, no seu modo de ver, da tranquilidade do produtor e consumidor” (Conceição, 2015, p. 57).

Ademais as notícias da guerra, alguns jornais buscavam utilizar uma dinâmica diferente para se ter um contato maior e mais próximo com seu público. De tal maneira, o *Jornal de Alagoas*, adotou em alguns momentos a utilização de enquetes, na busca pela participação popular em dados assuntos, na maioria das vezes, polêmicos.

Entre elas tem-se sobre a falta do querosene, a dificuldade da compra e o aumento contínuo dos preços, com opinião e crítica de diversos sujeitos, de vários bairros da capital. A referida entrevista se denomina enquanto relâmpago e que busca identificar as necessidades prementes da população mais humilde.

NA PONTA GROSSA.

em primeiro lugar, ouvimos o sr. Helio Peixôto, estabelecido com uma mercearia á rua Paisandu' 161, que nos declarou:

– “Há duas semanas que eu não recebo querosene. Aqui em Ponta Grossa a situação não é tão premente, pois nas ruas principais temos eletricidade. Mas, assim mesmo, o povo sofre com suas candeias inativas e suas casas na penumbra.”

PARA QUE NÃO FALTE O “GÁS”

–“Nas vendas falta querosene e o pessoal reclama” – exclamou a sra. Luiza Lima, moradora a rua da Soledade, 657. E concluindo:

–“Tornam-se necessárias providências do govêrno, para que não continue a nos faltar o gás.” (Si o inverno não for rigoroso, nunca mais haverá falta de sururú em Alagôas. *Jornal de Alagoas* – Maceió – Quarta-feira, 13 maio 1942. IHGAL).

Outro entrevistado enfatiza quanto a população mais pobre e suas dificuldades:

SURURÚ E QUEROZENE

O popular José Inacio fez “blague” sôbre o caso do querosene, dizendo-nos:

–“Vida de pobre é isso, “seu” moço. Quando tinhamos querosene, faltava sururu’; hoje temos sururu’ e nos falta querosene.” (Si o inverno não for rigoroso, nunca mais haverá falta de sururú em Alagôas. *Jornal de Alagoas* – Maceió – Quarta-feira, 13 maio 1942. IHGAL).

As entrevistas prosseguem e têm-se relatos mais categóricos quanto a escassez do produto, sua vendagem e o preço cobrado:

RECEBEU 10 LITROS

O sr. José Neto, proprietário duma bodega, sita a rua da Gloria, 123, no informou:

–“Depois de tres dias, sem gas, recebi, segunda-feira, 10 litros que já se “evaporaram”, pois vem gente até do Prado comprar querozene na Ponta Grossa.”

UM OASIS

O reporter deixou a Ponta Grossa, passou pela pracinha das Graças, um verdadeiro oasis para os namorados de suas imediações, e admirou a transformação da rua 16, onde tomou outro “eletrico” que o deixou.

NO PRADO

O popular Manuel Silva olhou surpreso para o reporter, respondendo do seguinte modo a nossa pergunta:

–“Quando aparece querozene nas vendas, é uma correria medonha do povo em busca de uma garrafa de gás, que logo se acaba. Depois, é viver no escuro, até que se descubra uma outra venda, que tenha um pouco de gás para vender.”

“E’ ESPETO”

A sra. Maria Ivete dos Santos, moradora á rua Caramuru’ teve pena do reporter e ofereceu-lhe uma cadeira para descansar um pouco, enquanto falava do gás.

–“Querozene é “espêto” – disse-nos, de inicio, a dita senhora – pois, não temos onde compra-lo. Muitas pessoas daqui vão até Ponta Grossa para adquiri-lo, e voltam bem satisfeitas quando conseguem comprar uma garrafa, que, economicamente, dá para uns tres dias.”

Atualmente é melhor se usar luz eletrica do que gás, porque a ultima vez que comprei querozene foi a 2\$000 o litro, e dizem que agora está por 3\$000.”

O reporter deixou a sombra aprazível da varanda de dona Maria Ivete, e voltou para a cidade, pensando tristemente naqueles lares, que passam noites e noites ao escuro, porque ainda não foi feito o que a situação exige **RACIONAMENTO DA VENDAGEM POR ATACADO DO QUEROZENE E REPRESSÃO AOS AÇAMBARCADORES SEM CRITERIO**, a-fim-de que não falte claridade nos casebres dos mais pobres habitantes de nossa cidade (Si o inverno não for rigoroso, nunca mais haverá falta de sururú em Alagôas. *Jornal de Alagoas* – Maceió – Quarta-feira, 13 maio 1942. IHGAL).

Percebe-se, pois, as dificuldades enfrentadas pela população e sua busca constante por querosene, necessitando muitas vezes deslocar-se de um bairro a outro da capital, para conseguir comprar o produto. Em alguns casos, não encontrando o item desejado, os moradores são obrigados a permanecer no breu até aquisição de uma nova remessa. Além disso, observa-se que a população mais vulnerável financeiramente é a que mais sofre com o período de escassez e encarecimento, pois com as especulações dos açambarcadores, os preços tendem a disparar de uma compra para outra, como nos evidencia em sua entrevista a senhora Maria Ivete dos Santos. Ao final da reportagem, o periódico deixa claro seu posicionamento quanto a situação enfrentada pela população maceioense, faz-se necessário, controlar as vendas do querosene, para que o produto não falte nos lares, além de punição aqueles que buscavam lucros exacerbados com o momento vivido.

Entretanto, a publicação acaba por não mencionar o fato de que apenas alguns bairros da capital recebiam fornecimento elétrico, como o centro da cidade e a zona portuária. Contudo, outros bairros, mais distantes e conseqüentemente mais carentes, não. O que impelia essa população a buscar pelo querosene, apesar da constante mudança de preço. Caso contrário ficaria a luz de velas ou na penumbra total. Apesar da capital ter recebido iluminação elétrica em finais do século XIX, o abastecimento elétrico em todos os seus bairros deu-se, pois, de

forma gradual ao longo das décadas de 1940-1950 (Disponível em: Maceió foi uma das primeiras capitais do país a ser iluminada por energia elétrica – *História de Alagoas*. Acesso em: 25 jun. 2025; Bairros de Maceió: Um site premiado. Acesso em: 25 jun. 2025).

Entre 1942 e 1943, a título de exemplo, tem-se ao menos quatro cinemas funcionando em Maceió: Cine Rex, Cinearte, Cine Ideal e Roial Cine. De modo geral, com exhibições a tarde e à noite, contando com matinês para o público infante juvenil, com variação de preços para cada faixa etária e distintos horários de exhibições. Nos idos da guerra, alguns cinemas mostraram mudanças quanto a sua programação, trazendo mesmo o cine jornal, após exibição do filme em cartaz. O cine jornal, constituía-se com informes relativos ao desenrolar do conflito bélico. Outro ponto evidenciado pelas empresas é aquilo que eles nomeiam como “censura livre”, no qual as produções audiovisuais disponíveis, poderiam ser assistidas por qualquer pessoa, sem levar em consideração a idade do espectador. O termo por si só constitui ambiguidade, pois se é censura, não é livre, e se livre não é censura.

No que tange aos cinemas, o jornal *O Semeador* tem uma posição dualista, pois se de um lado, divulga os cinemas da capital evidenciando sua programação, de outra aponta para seus riscos a população juvenil. Aos 13 de agosto de 1942, por exemplo, traz uma nota quanto a influência desses espaços na vida dos jovens e crianças. Na nota, alude aos riscos inerentes as fitas de vídeo, abordando inicialmente sobre a extensão do mal, que alicia esses jovens a especularem uma vida utópica, permeada apenas de riquezas e facilidades, na total ausência de responsabilidades. Criando-se assim, uma mentalidade paranoica e irreal a estes, visto que a vida real é diferente daquela gravada em estúdios. Quanto aos cartazes, enfatiza: “quando não de todo imorais, que fariam corar de pejo os próprios muros em que se ostentam” (*O Semeador* – Maceió – Quinta-feira, 13 ago. 1942. Ano XXIX, número 143). Apontando, ainda, para os jovens rapazes e moças, com as cenas tentadoras que se reproduzem nas sessões, com a máxima de felicidades e prazeres e a mínima de comprometimento. Chamando, pois, a atenção dos pais para com seus filhos e o tipo de material cultural consumido.

Nessa acepção, observa-se a crítica enfática do periódico de cunho religioso no espaço doméstico de seus fiéis, numa busca pela manutenção das famílias e da moralidade, expondo aquilo que representasse o mal ou mesmo a devassidão. Em publicação do mês anterior, o referido jornal já havia abordado sobre a temática. Numa nota sobre a crise do matrimônio no Brasil, elucidando entre as causas para o declínio, o papel desempenhado pelo cinema e a atuação das jovens no mercado de trabalho (*O Semeador* – Maceió – Sexta-feira, 10 jul. 1942. Ano XXIX, número 120. IHGAL). Segundo este, o cinema ridicularizava o matrimônio, comprometendo assim o seu prestígio. Quanto as moças, as críticas recaem sobre sua atuação

fora do espaço doméstico, competindo a vagas de trabalho antes destinadas aos homens, gradualmente provedores de seus lares. Em contrapartida ao pensamento do referido jornal, têm-se as notas publicadas pelo *Jornal de Alagoas* e *Gazeta de Alagoas*, nas quais há o enaltecimento e o reforço da necessidade feminina no esforço da guerra (*Gazeta de Alagoas – Maceió – Sábado, 21 ago. 1943. Nota: Mulheres no esforço de guerra. APA*). Da sua participação nos serviços públicos de comunicação como telefonistas e datilógrafas, aos trabalhos em fábricas e usinas, remetendo também às modificações relacionadas ao vestuário, preconizado em decorrência do conflito e consoante ao padrão de uniformes norte-americanos (Publicação de jornal integrada às notícias dos *Diários Associados*, anexa ao *Jornal de Alagoas*, entre o período de abr. a jun. 1942. APA).

Em julho de 1942, a Associação Pré-Universitária Alagoana, realiza a Semana Aninazista. À época existia apenas o curso superior de Direito, criado pela Faculdade de Direito de Alagoas, em 1931. O encontro decorreu na residência de um militar norte-americano aqui instalado, contando com a presença de diretores institucionais, professores, estudantes e jornalistas locais. A reunião tratava a respeito da luta contra o nipo-nazifascismo, além de reafirmar os elos de amizade entre o Brasil e os Estados Unidos, deixando em voga à consciência democrática de ambas as nações (A's 20 horas, o sinal de alarme. *Jornal de Alagoas, Maceió – Sábado, 11 jul. 1942. IHGAL*). Fato no mínimo irônico, visto que o Brasil vivia um período ditatorial implantado por Vargas desde 1930.

Nota-se que a situação internacional, acarreta diversas demandas nacionais e locais, não sendo isenta qualquer possibilidade bélica. Nesse aspecto, além das observações e anotações militares, temos medidas a serem executadas nesta capital, como por exemplo, a execução de blecautes e a construção rodoviária, ligando as duas bases aéreas (Inaugurada a rodovia ligando as duas bases aéreas de Maceió. *Jornal de Alagoas – Maceió – Domingo, 7 mar. 1943. IHGAL*).

Em se tratando dessas relações de coleguismo, cabe citar que nesse período, Maceió contava com duas bases aeronavais, localizadas nos bairros Vergel do Lago e Tabuleiro do Martins, permitindo assim a cooperação entre soldados norte-americanos e brasileiros, em suas funções de vigiar e patrulhar o território contra possíveis invasões inimigas (Conceição, 2015; Pedrosa, 2004; Tenório, 2017; *Revista do Instituto Histórico e Geográfico de Alagoas*, v. XXXIII, Maceió, 1977, p. 45-66). Numa assim denominada, iniciativa da Panair do Brasil S. A., em parceria com o governo brasileiro e o estado alagoano, em março de 1943, tem-se a inauguração da rodovia que liga as bases, num trecho que percorre 22km, permitindo e facilitando a conexão entre ambas (Inaugurada a rodovia ligando as duas bases aéreas de Maceió. *Jornal de Alagoas – Maceió – Domingo, 07 mar. 1943. IHGAL*).

Por outro lado, foi bem sensível a cooperação da força naval americana no nosso Estado. Construíra vários pavilhões no Tabuleiro do Martins, origem do nosso atual Aeroporto dos Palmares, para o aquartelamento de uma unidade de dirigíveis, os famosos “blimps”, para patrulhamento do litoral e cobertura de informes e notícias, munido de moderna aparelhagem de rádio escuta e transmissão (*Revista do Instituto Histórico e Geográfico de Alagoas*, v. XXXIII, Maceió, 1977. p. 50).

Devido a sua vasta área, a patrulha do litoral não limitava-se ao contingente de soldados destacados para tal atribuição, para além destes, houve a participação efetiva e imprescindível dos pescadores locais, que conheciam bem a região. Estes foram mobilizados pela Marinha, através da Capitania dos Portos, com a missão de observar e comunicar todo movimento suspeito no mar. Para além de suas participações na vigilância da região, estes auxiliaram no socorro aos naufragos, como no torpedeamento do navio Itapagé, em setembro de 1943 (Pedrosa, 2004; *Revista do Instituto Histórico e Geográfico de Alagoas*, v. XXXIII, Maceió, 1977, p. 45-66).

O ataque a navios nacionais em agosto de 1942, ao largo das costas baiana e sergipana, gerou diversas reações populares por todo o país. Em poucos dias afundou-se sete embarcações, sendo seis delas nacionais: Baependí, Araraquara, Aníbal Benévolo, Itagiba, Arará, Jacira e o sueco Hammaren (Cruz, 2012; Pedreira, 2021). Com o torpedeamento dos navios, vários corpos (entre eles mulheres e crianças) boiaram e amontoaram-se nas praias, o que gerou terror e espanto na população, pois centenas de brasileiros morreram nos afundamentos dos mercantes (Agressão, 1943; Cruz, 2012).

Os torpedeamentos geraram grande revolta no seio popular, de modo que diversas autoridades políticas e militares locais manifestaram sua revolta ao ultraje nazista. O prefeito de Maceió, Abdon Arroxelas assim declarou: “Só pode causar indignação a todos os brasileiros que verdadeiramente amam seu país. Finalmente, devemos reagir á altura de todas essas ofensas”. O coronel Xavier de Oliveira, comandante da Força Policial manifestou: “Com o maior espirito de revolta diante de um atentado tão covarde á nossa soberania. Pode o povo confiar na ação enérgica e patriótica do Governo da Republica, que, certamente, tomará as providencias necessárias para desagravo da nossa bandeira duramente ultrajada.” Outros senhores, como o comandante do 20º B.C., o gerente da “Costeira” e da “Nordeste” na capital também se manifestaram contra a ação nazista (Extraordinárias manifestações populares. *Jornal de Alagoas* – Maceió – Terça-feira, 18 ago. 1942. IHGAL).

No meio alagoano, um verdadeiro espírito mobilizatório emergiu a constatação dos ataques. No centro da cidade, casas comerciais de estrangeiros tiveram suas placas arrancadas

no momento de exaltação patriótica, tal qual o clamor popular que toma as ruas. Aos 18 de agosto de 1942, realizou-se na capital um grande comício na Praça Deodoro: estudantes e populares compareceram em avultado número para manifestar seu repúdio ao nazifascismo. Após concluir o comício, a população saiu em passeata pelas principais ruas da cidade, cantando o hino nacional (Impressionante demonstração de civismo. *Jornal de Alagoas* – Maceió – Quarta-feira, 19 ago. 1942. IHGAL. Extraordinárias manifestações populares. *Jornal de Alagoas* – Maceió – Terça-feira, 18 ago. 1942. IHGAL). O *Jornal de Alagoas* assim descreve o momento:

Dando uma demonstração inequívoca do seu espírito democrático e testemunhando, de maneira definitiva, o seu sentimento de repulsa contra tôdas as fôrças da opressão, o povo de Maceió, em sua quasi totalidade compareceu, ontem, ás ruas da capital, para levantar o seu grito de protesto em face dos covardes atentados nazi-fascistasá soberania de nossa pátria.

Foi, em verdade, um dia de civismo. Um dia de afirmação de fé na liberdade humana. Um dia de proclamação dos direitos coletivos, enfim, um dia de brasilidade (Impressionante demonstração de civismo. *Jornal de Alagoas*, Maceió – Quarta-feira, 19 ago. 1942. IHGAL).

Diversos logradouros da cidade serviram como ponto de parada para se fazer ouvir os oradores, como por exemplo, no Colégio Alagoano, na praça da Catedral, na Força Policial e mesmo defronte ao estabelecimento comercial do Jornal de Alagoas. Houve também o envio de telegramas ao Presidente Vargas, como forma de solidariedade diante do tenebroso momento. E para demonstrar seu apoio as causas nacionais, o comércio local fechou suas portas no segundo horário (Impressionante demonstração de civismo. *Jornal de Alagoas*, Maceió – Quarta-feira, 19 ago. 1942. IHGAL). Nessa mesma data, 18 de agosto de 1942, houve a inauguração da estação transmissora “Rosa da Fonseca”. Cantaram no presente momento os artistas Ciro Monteiro e Odete Amaral.

Os jornais, constituíam a época, principal elo comunicador entre os informes oficiais e a população maceioense, uma vez que no aludido período, não havia o funcionamento regular de estação de rádio no Estado. Entre as décadas de 1920-1930, houve algumas tentativas de implementação, contudo sua real efetivação deu-se apenas no pós guerra, em 1948, durante o governo de Silvestre Pércles de Góis Monteiro, tanto que fora apelidada de “A Caçula das Américas”. Alagoas era o único estado brasileiro que não possuía uma estação radiofônica (Ribeiro, 2016, p. 8). A supracitada estação remete ao esforço de guerra necessário ao período, sendo ligada ao incentivo a população para participação na Campanha dos Metais (Impressionante demonstração de civismo. *Jornal de Alagoas*, Maceió – Quarta-feira, 19 ago. 1942. IHGAL).

Durante a Segunda Guerra Mundial, entre 1939 e 1945, funcionou em Maceió a Rádio Esforço de Guerra, sob o comando do Tenente Sabóia. A emissora atuou em campanhas para recolhimento de material para a fabricação de artefatos bélicos, como alumínio, prata e cobre, que eram enviados para as tropas aliadas (Ribeiro, 2016, p. 8).

Constata-se, pois, a atuação dos meios de comunicação na capital alagoana, em especial, os informes jornalísticos, responsáveis por manter a população informada quanto as demandas e necessidades da guerra.

Quanto às represálias as casas comerciais em Maceió, há um pronunciamento no mínimo curioso. O senhor Antonio Gerbast, italiano e a muito residente na capital alagoana, faz uma publicação no *Jornal de Alagoas*, para expressar seus sentimentos quanto aos acontecimentos e afirmar que nada tem com os ataques às embarcações nacionais, que ao contrário muito ama o país, a ponto de ser naturalizado e ter-se casado com uma brasileira, tendo filhos com a mesma. Diante do período elencado, é possível supor a influência que este senhor possuía no meio político e social local, conseguindo espaço no periódico para defender-se abertamente e negar qualquer tipo de relação com o Eixo (Impressionante demonstração de civismo. *Jornal de Alagoas*, Maceió – Quarta-feira, 19 ago. 1942. IHGAL).

Um ponto que chama atenção na matéria é como sua nota é posta pela edição do jornal, sendo está classificada como uma “secção livre, sem responsabilidade e nem solidariedade da redação”. Observa-se, que apesar de ceder espaço na matéria do dia, o jornal busca destacar que nada tem com o que foi escrito pelo senhor Gerbast, talvez como uma forma de evitar vinculações do jornal brasileiro com estrangeiros, e para que o mesmo pudesse preservar sua imparcialidade jornalística (Impressionante demonstração de civismo. *Jornal de Alagoas*, Maceió – Quarta-feira, 19 ago. 1942. IHGAL).

A guerra marítima que teve como palco o litoral nordestino se mostrou terrível, próxima e assustadora. Frente aos ataques realizados, diversos grupos sociais se mobilizaram em solidariedade aos náufragos, assim como cobrando uma atitude incisiva do governo federal.

A destruição dos navios [...] põe em xeque as últimas resistências dos defensores da neutralidade. Vargas, até então mantido a uma certa distância dos acontecimentos, vê-se na obrigação de reagir. A 22 de agosto, o Gabinete se reúne e decide reconhecer a existência de um estado de beligerância com a Alemanha e Itália. Tal tomada de posição havia sido precedida, na véspera, de correspondência expedida pelo Itamaraty a Berlim e a Roma, em que o Brasil declara que, em virtude dos múltiplos ataques sofridos pelos navios mercantes e de passageiros brasileiros, existe “uma situação de beligerância, que somos forçados a reconhecer na defesa da nossa dignidade, da nossa soberania e da nossa segurança e a da

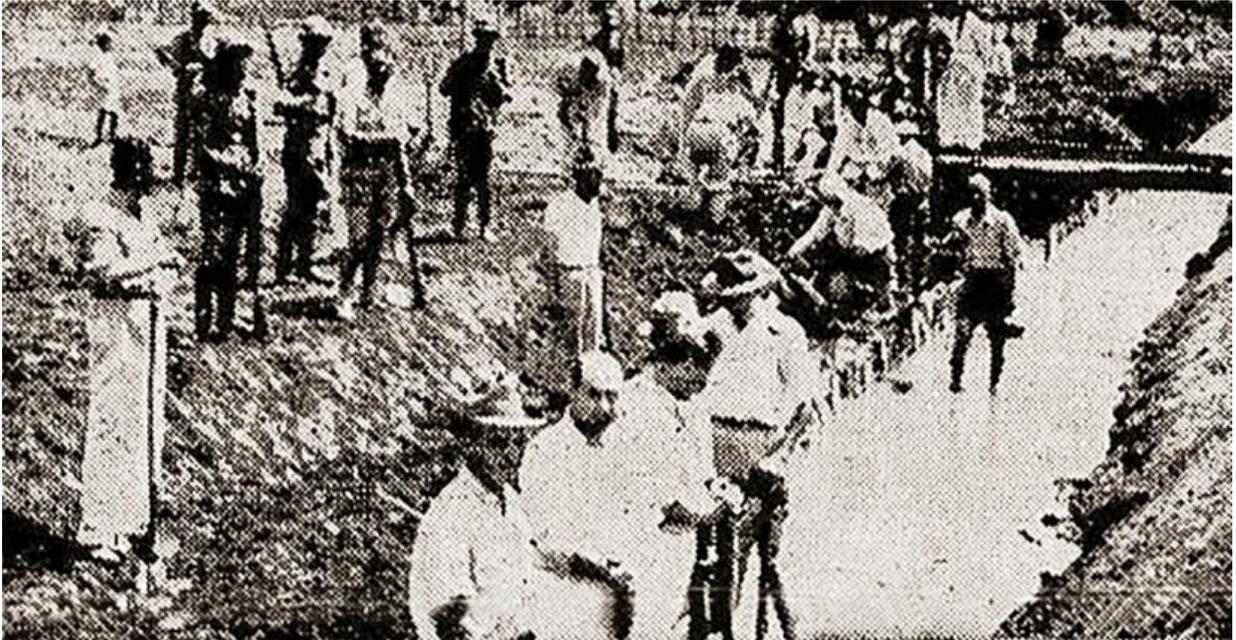
América. A 31 de agosto, a beligerância se transforma em estado de guerra entre o Brasil, a Alemanha e a Itália (Seitenfus, 2003, p. 298-299).

Entre as ações desenvolvidas ao longo da administração de Ismar de Góis Monteiro, destacam-se aquelas relacionadas à Segurança e Ordem Pública, de modo que houve grande apreensão de armas, sendo que “no intuito de colocar Alagoas em perfeita ordem, a Secretaria do Interior promoveu a campanha do desarmamento em todo o Estado, sem exceção, apreendendo, em apenas quatro meses, nada menos de 18.587 armas” (Ordem e Trabalho: Síntese das realizações do governo Ismar de Góes Monteiro (1941-1943). Divulgação n. 1. Departamento Estadual de Imprensa e Propaganda. Maceió, 1943, p. 9). Armas essas distribuídas entre rifles, pistolas (de diversos tipos), revólveres, facas, punhais, trinchas e espingardas diversas. Em consonância a esse aspecto evidencia-se, também, o combate ao quinta-colunismo.

O combate aos “quinta-colunas” e aos inimigos do regime vem sendo feito com muita energia por parte das autoridades alagoanas. Basta acentuar que Alagoas foi o primeiro Estado no Brasil a empregar súditos dos países do Eixo em trabalhos forçados, logo após o afundamento dos nossos navios. Foram, ainda, promovidas pela Secretaria do Interior, e realizadas por todo o interior do Estado, conferências sobre sabotagem, afim de prevenir as populações contra as atividades solertes dos agentes totalitários (Ordem e Trabalho: Síntese das realizações do governo Ismar de Góes Monteiro (1941-1943). Divulgação n. 1. Departamento Estadual de Imprensa e Propaganda. Maceió, 1943, p. 10).

Entre as referências sobre os serviços forçados pelos considerados súditos do Eixo em Alagoas, tem-se os registros jornalísticos (e fotográficos) publicados pela *Gazeta de Alagoas* e também pelo *web site História de Alagoas*, sendo o último uma página *on-line* dedicada a tratar sobre as diversas histórias do estado alagoano.

Figura 7 - Estrangeiros presos e submetidos a trabalhos forçados no Canal de Bebedouro



Fonte: Disponível em: Ari Pitombo, getulista e líder trabalhista – *História de Alagoas*. Acesso em: 16 jun. 2025.

Em se tratando do alojamento desses sujeitos, não há maiores informes, não se sabendo se ficavam recolhidos na delegacia, penitenciária ou em outro espaço específico. Em estudo realizado por Pezarro, no país houve a existência de alguns campos de concentração, nos quais os prisioneiros de nacionalidades estrangeiras ficaram detidos durante a guerra. Essas colônias de internamento estavam espalhadas por todas as regiões brasileiras. Outra medida empreendida pelo governo, a época, remete ao deslocamento de indivíduos estrangeiros de zonas litorâneas para o interior do estado em que residia. Na região Nordeste, cita a existência nos estados da Bahia, Pernambuco, Paraíba e Rio Grande do Norte, os prisioneiros em grande maioria eram alemães (Perazzo, 2009, p. 97-100). Quanto ao estado alagoano não há citações quanto a este tipo de internamento social, o que nos leva a algumas possibilidades, como a ausência de unidades prisionais dessa natureza, sendo os presos recolhidos e alocados juntamente aos nacionais; ausência de registros específicos quanto ao período; bem como a falta de estudo de caso sobre a temática, o que impele um novo olhar quanto às unidades correcionais a época, buscando-se dados inerentes na pasta de Segurança Pública Estadual e do Exército.

Figura 8 - Alagoas contra a quinta-coluna – os chamados “súditos do Eixo” trabalhando no canal da malária



Fonte: Alagoas integrada no Estado Nacional e no esforço de guerra. *Gazeta de Alagoas* – Maceió – quarta-feira, 10 nov. 1943. APA.

O emprego de tal situação remete aos esforços do estado alagoano para seu alinhamento com o Estado Novo como evidencia a ampla matéria publicada pela *Gazeta de Alagoas*, em comemoração ao aniversário de instauração do novo regime no país. Na notícia é possível vislumbrar algumas medidas tomadas pelo Interventor Federal Ismar de Góis Monteiro, durante seus primeiros anos na administração do estado alagoano, assim como aqueles que fazem parte do seu governo, tendo destaque os senhores Ari Boto Pitombo e Esperidião Lopes de Farias. O primeiro enquanto Secretário do Interior, Educação e Saúde e o segundo a cargo da Secretaria de Estado dos Negócios da Fazenda e da Produção, assumindo também o posto de interventor interino quando da ausência do major Ismar de Góis Monteiro.

Com os aplausos do povo e fazendo com que Alagoas desse o primeiro exemplo, s. excia. adotou a medida de empregar nos trabalhos forçados do Serviço de Malaria, logo em seguida aos covardes afundamentos de navios mercantes nacionais, súditos

do “Eixo”, consciente de que qualquer concessão a tais elementos importa numa traição ao Brasil.

As providencias contra a espionagem e a sabotagem desdobram-se frequentemente, visando a extinção total da ameaça.

Assim, reprimindo a criminalidade, através um trabalho contínuo de saneamento social, estabelecendo para todos a garantia de seus direitos, o dr. Ari Pitombo, vem exercendo, num esforço e dedicação notavel, as diretrizes do governo Ismar de Góes Monteiro, de confiança coletiva, de recuperação economica e moral (Alagoas integrada no Estado Nacional e no esforço de guerra. *Gazeta de Alagoas* – Maceió – quarta-feira, 10 nov. 1943. APA).

A atuação do senhor Ari Pitombo é marcante e esteve ligada às diversas prisões e apreensões de armas e materiais integralistas por todo o estado. Em se tratando das prisões, há registros quanto a detenção de dois prováveis espiões nazistas, o ex-vice cônsul alemão instalado na capital, Theodore Frederico Hendel e o agricultor Eduardo Floering (Presos em Alagôas dois espiões nazistas. *Jornal de Alagoas* – Maceió – Quinta-feira, 30 abr. 1942. IHGAL). Quanto aos integralistas, há também registros de averiguação, prisão e apreensão de materiais produzidos.

Em uma campanha de carater social, de verdadeira higiene moral contra os inimigos da ordem estabelecida, funcionarios da Delegacia de Ordem Política e Social, sob a orientação do dr. Ari Pitombo, varejaram, na tarde de ontem, as residencias dos srs. dr. Mário Marroquim, dr. Afranio Lages, Joaquim Araujo, Carloman Carneiro e Pedro Alves, tendo encontrado, na residencia do primeiro, dr. Mário Marroquim, “camisas verdes”, casquetes e fotografias, que foram levadas á Secretaria do Interior, tendo, ainda, na casa do sr. Pedro Alves, encontrado e apreendido uma faca de ponta.

O dr. Mário Marroquim acha-se preso para as devidas averiguações. (Preso o dr. Mário Marroquim. *Jornal de Alagoas*, Maceió – Sexta-feira, 19 de junho de 1942. IHGAL).

Entre as ações elencadas, consta também as perseguições e prisões aos chamados açambarcadores, comerciantes locais que buscavam lucros exacerbados com a situação decorrente da guerra. Frequentemente havia averiguações nos preços dos produtos, para confirmação se o tabelamento estava ou não sendo cumprindo. Entre os locais visitados estava o mercado público da cidade, comércios em geral e padarias. Marca desse período a carestia e escassez de diversos gêneros, em especial os alimentícios, como carne, pão, feijão e frutas diversas (Defendendo a bolsa do povo contra a exploração. *A Notícia*. Maceió – Sábado, 25 jul. 1942. Ano IX, NUM 135. IHGAL).

Outro ponto que se destaca remete ao controle estatístico pelo Estado, criando novos serviços, como por exemplo, o Serviço de Estatística Militar, criado pelo decreto lei nº 2.748, de 22 de abril de 1942, que “tem como atribuições a realização de pesquisas e elaborações

estatísticas no campo das atividades civis que interessarem ou estiverem vinculadas à Defesa Nacional.” Neste sentido, busca-se elucidar o quantitativo de materiais e profissionais, como por exemplo, o levantamento de estoque de material de engenharia e veterinário; agências, fábricas, oficinas de peças e acessórios para automóveis; relação de fábricas existentes; profissionais (engenheiros civis, eletricitas, químicos, mecânicos, metalurgistas, geógrafos); bem como estoque de material químico e farmacêutico, entre outros (Diegues Júnior, Manuel. *Relatório do Interventor de Alagoas Ismar de Góes Monteiro*. Maceió: Imprensa Oficial, 1942. p. 25-26. IHGAL). O serviço instituído busca um maior controle de dados junto ao Estado, de modo que este tem acesso aos materiais disponíveis e profissionais capacitados conforme sua área de atuação. De acordo com a necessidade bélica, muito provavelmente os materiais arrecadados e utilizados, bem como a prestação de serviços dos supracitados profissionais, uma vez que estes estariam fornecendo serviços estimados a Pátria.

No quesito Saúde Pública, teve-se a criação de novas instalações e serviços. Decorre desse período também o desenvolvimento da Campanha Antivenérea, na qual houve cooperação entre o D. N. S. e o estado alagoano. Por parte do D. N. S., havia: orientação técnico administrativa, fornecimento de parte do material modelo impresso e medicamentos específicos. Quanto ao Estado de Alagoas, este deveria adotar e cumprir as normas expedidas pelo D. N. S., fornecer o restante do material impresso e ter profissionais especializados no setor inerente a necessidade (Ordem e Trabalho: Síntese das realizações do governo Ismar de Góes Monteiro (1941-1943). Divulgação n. 1. Departamento Estadual de Imprensa e Propaganda. Maceió, 1943, p. 14-15). Faz-se necessário saber:

Na atual emergência de guerra, o problema das doenças venéreas, em especial nas áreas onde se encontram efetivos militares, nomeadamente portos de mar, assume uma posição de excepcional importância e relêvo, devendo ser atacado, simultaneamente, nas populações civis e nas unidades militares, com finalidades ligadas aos altos interesses da defesa nacional. A primeira parte referente às populações civis, cabe à organização sanitária estadual (Ordem e Trabalho: Síntese das realizações do governo Ismar de Góes Monteiro (1941-1943). Divulgação n. 1. Departamento Estadual de Imprensa e Propaganda. Maceió, 1943, p. 14-15).

A fragilidade na prestação de serviços como saneamento básico e água encanada é ratificada pelo Interventor em relatório enviado ao Presidente Vargas, sendo inclusive tomada medidas quanto a saúde pública, visto que “outra providência do mais vivo interesse foi empreendida: a vacinação sistemática da população de Maceió contra as infecções tifoide e paratifoide. Não ha por onde esconder o elevado propósito dessa medida, considerando-se sobretudo a ausência de esgotos e o serviço precário de abastecimento d’água na Capital”

(Reportagens Retrospectivas - *Relatório referente ao ano de 1942*. Ismar de Góes Monteiro, p. 37. IHGAL). Verifica-se, assim, que apesar do empenho, as necessidades básicas da cidade e em maior escala do Estado, clamavam por resoluções, ganhando maior visibilidade ao ingressar na guerra.

A guerra traz mudanças políticas e sociais, nas quais o Estado aplica medidas cautelares para manter a ordem e segurança. Nesse contexto, além de buscar diminuir os números da violência em Alagoas, busca tratar também da zona portuária, que se configura como um espaço amplo e diverso, com uma grande circulação de pessoas e mercadorias, número esse acrescido em decorrência do estado belicoso. Para tanto, tem-se uma movimentação maior dentro da zona portuária e nas suas imediações. É o que ocorre, por exemplo com a movimentação de efetivos militares nessas aéreas (Pedrosa, 1998).

A zona portuária é escalonada também como uma área de atividades noturnas em seu entorno, como o funcionamento de mercearias, lojas, bares, cafés e restaurantes, assim como área de prostituição, no chamado baixo meretrício. Decorrente disso, o Estado busca orientar e cuidar dessa população, sendo o assunto das doenças venéreas tratado com emergência devido à situação especial, configurando pois, como de interesse da defesa nacional, visto que atingia tanto os civis como os efetivos militares ali destacados para resguardar o território e a segurança nacional.

Se de um lado as notícias abordavam a temática crescente e presente da guerra em Maceió, de outro, problemas de cunho estrutural mostravam-se mais pertinentes e contraditórios diante das novas demandas ocasionadas pelo conflito global. Entre eles de cunho econômico e urbanístico. Em alusão ao primeiro tinha-se uma economia pautada na agricultura, sem grandes recursos pecuniários para investimento no desenvolvimento industrial (A Administração de Alagoas em 1943. *Relatório apresentado ao Excelentíssimo Senhor Presidente da República, Doutor Getúlio Vargas, pelo Interventor Federal Ismar de Góes Monteiro*. Maceió, Imprensa Oficial, 1944. APA). De tal maneira que o Estado recebeu contribuições financeiras da chamada “Comissão Brasileiro-Americana”, que correspondiam a empréstimos por parte dos EUA, tanto que fora utilizado na compra de sementes e/ou mudas, ampliação de espaços para plantio, tendo, pois, aumentado a produção e distribuição de diversos cereais e grãos a agricultores alagoanos. No que se refere ao segundo, uma contradição ainda mais peculiar quanto a guerra e as necessidades da cidade, a falta de saneamento básico, sendo este anunciado em julho de 1942, com início das atividades para breve (Será iniciado o saneamento de Maceió. *Jornal de Alagoas* – Maceió – Sexta-feira, 17 jul. 1942. IHGAL).

A partir da análise dos periódicos locais, tem-se acesso a uma difusão ampla de

informações sobre a guerra, seu desenrolar na Europa e suas implicações no país. Através dos relatórios oficiais da administração estadual temos uma relação de hierarquia, submissão e empenho, com diversos dados sobre as ações implementadas pelo Estado. Já nos livros de memória militar vislumbra-se uma percepção mais técnica e oficial, diferentemente do que se observa nos livros de memória literária, uma vez que estes possuem uma carga emocional forte, pessoal e subjetiva. A título de exemplo, temos dois grandes escritores nordestinos que abordam o período Vargas de modo diverso, são eles: o baiano Jorge Amado e o alagoano Graciliano Ramos (Amado, 1968; Ramos, 2000). A análise das obras nos permite uma visão mais ampliada quanto as diretrizes do Estado Novo e suas ações na conjuntura do país ante os redimensionamentos provenientes do período ditatorial brasileiro e da beligerância internacional.

Ademais a essas produções, tem-se a obra *Ninho de cobras*, do poeta, escritor e jornalista maceioense Lêdo Ivo. O romance aborda uma série de acontecimentos violentos na capital alagoana, durante a década de 1940, remetendo por vezes ao período bélico, assim como retratando personagens e lugares da cidade, numa narrativa minuciosa e envolvente (Ivo, 1980). No próximo tópico, abordaremos quanto a realização e recorrência dos exercícios de defesa passiva antiáerea, os populares blecautes.

4.2 “Apaguem suas luzes ao sinal de alarme”⁴

Ao longo do conflito bélico vários redimensionamentos ocorreram no seio das sociedades que deste participaram. No escopo que se desenvolve durante o biênio estudado, várias situações modificaram-se e algumas novas foram implementadas no cotidiano civil, como por exemplo, os exercícios de defesa passiva antiaérea. Sendo estes o

[...] conjunto de medidas de caráter defensivo, antecipadamente previstas e organizadas, destinadas seja a salvaguardar o moral e a vida da população civil, seja a limitar ao mínimo os efeitos materiais causados pelos ataques aéreos, seja ainda – a evitar a desorganização da vida normal do país (Pereira, 1942, p. 13).

Nesse aspecto, as populações que residiam em alguma capital (tanto a federal como as estaduais) e zonas litorâneas, sentiram o desenrolar dos treinamentos mais corriqueiramente. No caso alagoano, vários exercícios foram realizados em sua capital, Maceió.

O decreto lei nº 4.098, de 06 de fevereiro de 1942, promulgado pelo presidente Vargas,

⁴Apaguem suas luzes ao sinal de alarme. Jornal de Alagoas – Maceió – Sexta-feira, 10 jul. 1942. IHGAL.

trata sobre os encargos necessários à defesa da Pátria, com os serviços de defesa passiva anti-aérea. Neste sentido, tem-se consonância entre o decreto lei e o livro *Alerta! Catecismo da Defesa Passiva Civil Anti-aérea*, do coronel Orozimbo Martins Pereira, publicado no mesmo ano. A obra elucida de forma minuciosa medidas de segurança, que devem ser adotadas em possíveis casos de ataque a integridade do país e seus concidadãos. Vale salientar, que em um dos seus anexos, consta o referido decreto com seu texto na íntegra. Organizado em quatro partes, o exemplar supracitado aborda diversos pontos quanto a defesa individual e coletiva dos indivíduos, assim como aos órgãos governamentais competentes, da esfera federal a municipal e suas designações.

Diversas situações são propostas no manual, instruções de vigilância, ataques aéreos, uso adequado de máscaras e vestuário em ataques químicos, do socorro aos feridos, incêndios, bombas, da construção civil, abrigos, evacuação populacional, um verdadeiro catecismo de como proceder em cada possibilidade de ataque, seja este no período diurno ou noturno. O manual traz ainda alguns modelos de cartazes para propaganda, com diversas gravuras para uma melhor ilustração ao público. Os tópicos possuem uma riqueza de detalhes e procedimentos inerentes a sua necessidade e execução. No caso dos blecautes, por exemplo, tem-se uma definição objetiva e concisa quanto a sua prática e encargos, assim como as medidas governamentais interligadas.

O “black-out” consiste no escurecimento das cidades, das povoações e das residências particulares, originado – seja pela extinção de todas as luzes, seja pelas medidas tomadas previamente para velar a iluminação, de modo que as cidades, povoações, etc., não possam ser distinguidas pelos bombardeadores inimigos. [...] Tanto a organização como a execução do “black-out” – compete – de um lado, aos Órgãos Governamentais e, de outro – aos cidadãos, os quais, como nas demais medidas de defesa passiva – tem, não só o dever, como também todo o interesse em cooperar com esses órgãos, pois que se trata de reduzir ao mínimo as possibilidades de êxito dos bombardeios aéreos levados a efeito pelo adversário. Cada cidadão, em particular, não deverá perder de vista que – paralelamente à defesa dos bens morais e materiais da nação, trata-se da proteção da sua e da vida da sua mãe, da sua esposa, dos seus filhos, dos seus parentes e dos seus amigos (Pereira, 1942, p. 58).

Após explicar a configuração de um blecaute e sua necessidade, o autor alude a sua execução, uma vez que não cabe apenas ao governo, mas também a população sua devida participação e compromisso para com o momento emergente. Zelar pelo seu exercício e conseqüentemente a sua segurança física, apelando não apenas aos sentimentos patrióticos dos cidadãos, mas também a elos de fraternidade e moralidade, cuidando do seu bem estar e da sua família.

Dentro do recorte temporal estudado, verifica-se que as primeiras notícias abordando o

tema, como orientações gerais a população e sua execução, deu-se no período de neutralidade brasileira. Em abril de 1942, o Ministro da Guerra, General Eurico Gaspar Dutra realiza uma breve visita a Maceió, acompanhado pelos generais João Batista Mascarenhas de Moraes e Dermeval Peixoto. Recepcionados pelo interventor e outras autoridades militares, a comitiva passara em revista ao 20º B. C., seguindo depois viagem a Aracaju, de onde retornariam ao Recife (Chegará, hoje, a Maceió, o Minist. da Guerra. *Jornal de Alagoas* – Maceió – Quarta-feira, 29 abr. 1942. IHGAL).

Em posterior visita à cidade, o General Demerval Peixoto concede entrevista ao periódico *Jornal de Alagoas*, e nesta traz importantes apontamentos sobre a situação emergente da guerra no país. Sua viagem constitui inspeção militar e para tal, este e sua comitiva fazem diversas observações sobre o Estado e suas necessidades. Para além da reunião com o interventor federal, também visita o porto, a base aérea e o quartel do 20º Batalhão de Caçadores alocados na cidade. Outro fato importante e destacado pelo comandante militar são suas observações aos prédios da cidade, em suas palavras: “Visitei, também, diversos edifícios desta cidade, que poderão servir para aquartelamento de tropas, que por ventura sejam enviadas para este Estado, si a situação internacional o exigir”, continua dizendo, “na visita que fiz, ao sr. interventor [...] entrei em entendimentos com o mesmo e também com o sr. Prefeito, a respeito do “black-out” e exercícios de defesa passiva antiaérea, que dentro em breve, serão realizados nesta cidade” (Viajam, hoje, para Palmares, o General Dermeval Peixoto e o Interventor Federal. *Jornal de Alagoas* – Maceió – Sábado, 16 maio 1942. IHGAL).

Observa-se, pois, a preparação militar e em especial a civil para tal situação. Como mencionado anteriormente, o rompimento brasileiro com os países do Eixo, deu-se em duas vertentes: a primeira em janeiro de 1942, no campo comercial e diplomático e a segunda, no campo beligerante, após os ataques aos navios nacionais no mês de agosto. Para tanto, antes mesmo da declaração oficial de guerra, já havia por parte da ala militar, certa movimentação para a guerra, contando-se com uma possível invasão inimiga, fosse pelo ar ou por mar.

Entre as matérias jornalísticas publicadas ao longo do segundo semestre de 1942, têm-se algumas referentes à execução dos blecautes. Aos 09 de julho de 1942, por exemplo, o *Jornal de Alagoas* divulga a seguinte manchete: “Defesa Passiva Anti-Aérea”, a nota alude aos treinamentos que ocorrerão na cidade de Maceió, para tanto a população deverá proceder de acordo com as orientações governamentais difundidas. De modo detalhado, a notícia traz uma descrição completa de como advir. Do sinal de alarme, indicando o início do treinamento até a sua finalização, todos os indivíduos devem participar, cuidando para que tudo ocorra de modo ordeiro.

DEFESA PASSIVA ANTI-AÉREA

A cidade recebeu, com entusiasmo, as instruções para a orientação do povo

Várias cidades do Brasil já tiveram oportunidade de assistir aos exercícios de sua defesa passiva anti-aérea e, particularmente no Nordeste, esses exercícios têm sido mais frequentes, pois se destinam a uma melhor orientação da nossa gente.

No sul do país também se realizam os exercícios de defesa passiva anti-aérea, sendo digno de nota que em São Paulo as mulheres estão sendo reclamadas nesses exercícios, segundo os últimos despachos telegráficos (DEFESA passiva anti-aérea. *Jornal de Alagoas* – Maceió – Quinta-feira, 9 jul. 1942. IHGAL).

O documento em questão contempla uma gama de informações importantes quanto aos exercícios de defesa passiva antiaérea a serem realizados. De início trata-se de ratificar que o treinamento defensivo não ocorre de maneira isolada pelo país, ao contrário, outras localidades e capitais tanto nordestinas como sulistas, aderiram a necessidade emanada pela guerra. Capitais, como Rio de Janeiro, São Paulo, Aracaju, Teresina, Salvador e Natal aderiram aos exercícios.

Outras demandas são levantadas pela ocasião, como a inserção do público feminino no mercado de trabalho, antes limitado ao espaço doméstico, este ganha cada vez mais espaço em atividades remuneradas exteriores ao lar (Cytrynowicz, 2002). Dentro desse aspecto, têm-se alterações relacionadas até mesmo ao vestuário feminino, com uniformes pensados para proporcionar praticidade e conforto nos novos setores de trabalho, sejam fábricas, fazendas ou escritórios. Em publicação das mídias integradas do *Diários Associados*, temos modelos desses uniformes e a sugestão de uso conforme cada atividade. O modelo padrão fora desenvolvido e aprovado pelas autoridades norte-americanas, com tecido em algodão, raiom ou lã, poderiam variar de material conforme o clima. As cores variavam entre algumas tonalidades de azul, percebe-se assim que, “as sobrinhas de Tio Sam estão prontas para colaborar com os homens na Defesa da América” (Publicação de jornal integrada às notícias do *Diários Associados*, anexa ao *Jornal de Alagoas*, entre o período de abr. a jun. 1942. APA).

A sinalização sonora de início e fim do exercício se dará pelos sinos das igrejas, apitos das fábricas, do quartel alocado na cidade e embarcações atracadas no porto, o que demonstra cooperação entre as instituições, sejam públicas, privadas e/ou religiosas. As informações que se seguem trazem instruções à população civil em geral, sejam pedestres e/ou condutores de veículos motorizados ou tração animal, além do funcionamento e operação dos serviços públicos no Estado, como fornecimento elétrico, água, telefone, hospitais, porto, delegacia e outros (Defesa Passiva Anti-aérea. *Jornal de Alagoas* – Maceió – Quinta-feira, 9 jul. 1942. IHGAL).

As instruções consistem no abrigo da população; os pedestres, por exemplo, devem buscar o local mais próximo e seguro possível para se refugiarem, sejam igrejas, prédios públicos, comércios ou mesmo lances de escadas. Em casos de locais descampados, o mais seguro é debruçar-se ao chão (Defesa Passiva Anti-aérea. *Jornal de Alagoas* – Maceió – Quinta-feira, 9 jul. 1942. IHGAL).

Em se tratando de veículos motorizados, estes devem ser estacionados do lado direito da via, sejam ruas ou estradas, de modo que não interfiram o tráfego. Ao tratar de veículos maiores, como os bondes, por exemplo, deixa claro que estes não podem parar e/ou serem estacionados em pontes, cruzamentos ou curvas; esses pontos devem permanecer livres, sem interferências. Salienta, ainda, que os passageiros devem aguardar sua parada total, para somente então desembarcar, de forma organizada e pacata. Motoristas e passageiros deverão seguir as instruções assinaladas aos pedestres e buscar abrigo imediato (Defesa Passiva Anti-aérea. *Jornal de Alagoas* – Maceió – Quinta-feira, 9 jul. 1942. IHGAL).

No caso dos condutores, de preferência manterem-se próximos aos seus veículos, para uma eventual necessidade de removê-lo daquele ponto. Em caso de pessoas feridas, orienta aos motoristas auxiliarem no socorro e conduzi-las ao posto de socorro mais próximo, agindo, pois, com “caridade e humanidade”. Quanto aos veículos de tração animal, a orientação que se segue é atrelar os animais em postes, árvores ou gradis, contanto que permaneçam próximos ao seu dono (Defesa Passiva Anti-aérea. *Jornal de Alagoas* – Maceió – Quinta-feira, 9 jul. 1942. IHGAL).

As luzes dos veículos devem ficar apagadas, para assim não comprometer sua localização. Pessoas em espaços coletivos, como cinemas, teatros, escolas e outros, devem manter-se abrigadas, para evitar confusão e desordem, o mais seguro é manter-se no local até o encerramento do ataque (Defesa Passiva Anti-aérea. *Jornal de Alagoas* – Maceió – Quinta-feira, 9 jul. 1942. IHGAL).

O tópico quanto às luzes, prorroga-se ao tratar das residências particulares e coletivas, em todas, as luzes devem ser apagadas e se possível for colocar papel preto nas vidraças. Orienta-se ainda para hotéis, pensões, colégios e outras residências coletivas que “a chave geral da luz deverá ser desligada de modo a evitar-se que alguém isoladamente possa acender qualquer lâmpada” (Defesa Passiva Anti-aérea. *Jornal de Alagoas* – Maceió – Quinta-feira, 9 jul. 1942. IHGAL).

Para além do medo no contexto social, com os chamados quintas-colunas e suas possíveis atuações, essas observações levam-nos a vislumbrar outras situações hipotéticas, como no caso de algum morador desatento e/ou pouco informado, quanto às datas e informes

estabelecidos, para a realização dos blecautes, de ir até a chave geral e iluminar o ambiente, afinal de contas, nem todos os indivíduos eram instruídos, a ponto de saber ler ou tinham acesso diário aos jornais, sejam por condições financeiras, tempo disponível e/ou interesse leitor. Além daqueles possíveis indivíduos céticos, que duvidavam da real situação de guerra no país. Isso nos leva a evidenciar que os periódicos eram os maiores e oficiais meios de comunicação entre o governo e a população.

Em setembro de 1942, há o lançamento preliminar do levantamento estatístico quanto à movimentação de hóspedes em hotéis e pensões da capital, sendo prorrogado depois para os municípios do interior (Diegues Júnior, Manuel. *Relatório do Interventor de Alagoas Ismar de Góes Monteiro*. Maceió: Imprensa Oficial, 1942. p. 59. IHGAL). Tal iniciativa foi tomada após os ataques aos mercantes nacionais no mês anterior, o que elucida uma provável busca por monitorar aqueles que entravam e saíam das hospedarias, em viagens frequentes ou pelo interior do estado. O interesse em tais dados remete ao receio criado pela guerra, numa acepção de inimigos estarem infiltrados pelo país, colhendo e repassando informações importantes. As viagens e suas conseqüentes instalações em estalagens seriam, pois, para observar o território e suas áreas, como limites geográficos, zonas desprotegidas, dados populacionais, estrutura urbana e rural, postos de atendimento, rotas possíveis, entre outros. Consta desse período, também, instruções à adoção de medidas restritivas quanto a comunicação postal-telegráfica, por parte dos agentes municipais relacionados ao Serviço de Estatística no Estado (Diegues Júnior, Manuel. *Relatório do Interventor de Alagoas Ismar de Góes Monteiro*. Maceió: Imprensa Oficial, 1942. p. 58. IHGAL).

Ao tratar sobre o funcionamento dos serviços públicos do Estado, temos uma abordagem longa e detalhada de como emanará. Os serviços relacionados à saúde e segurança continuaram funcionando de modo vigilante, como os prontos socorros e hospitais, contando com aparelhagem, profissionais da área e transporte para socorro imediato (ambulâncias). A Delegacia de Trânsito estará a cargo de fiscalizar o bom funcionamento do tráfego, assim como assegurar a execução das medidas de segurança, inerentes ao bem-estar dos pedestres, condutores e adequada circulação/estacionamento dos veículos motorizados e/ou de tração animal como regulamenta a nota emitida (Defesa Passiva Anti-aérea. *Jornal de Alagoas* – Maceió – Quinta-feira, 9 jul. 1942. IHGAL).

Quanto ao Corpo de Bombeiros, há uma ressalva no mínimo curiosa: a cidade de Maceió não conta com serviços dessa natureza, sendo então, em caso de incêndio, necessitar do suporte da população para apagar as chamas. “Na falta de Corpo de Bombeiros ou de qualquer fração desta Corporação, o povo tomará a si tal serviço com baldes d’água” (Defesa Passiva Anti-

aérea. *Jornal de Alagoas* – Maceió – Quinta-feira, 9 jul. 1942. IHGAL). A falta de um posto do Corpo de Bombeiros local, nos levar a apontar as reais necessidades da capital alagoana, que com a guerra tornam-se cada vez mais evidentes.

Já a Polícia Militar, com seu contingente em estado de prontidão, ficará no auxílio ao policiamento de trânsito (orientação e remoção de acidentes), assim como para apagar incêndios, além de atuarem para tratar de sinistros. Os serviços relacionados à eletricidade, transporte coletivo (bondes), serviço telefônico, radiofônico e navegação aérea sofrerão interrupções e/ou limitações no seu funcionamento. No que condizem às luzes, reforçasse o posicionamento de manter os estabelecimentos (públicos e privados) e residências às escuras. Já nas ligações telefônicas, estas devem ser limitadas para casos de emergência médica (prestação de socorro), uma vez que os demais ramais deverão estar disponíveis para situações oficiais (Defesa Passiva Anti-aérea. *Jornal de Alagoas* – Maceió – Quinta-feira, 9 jul. 1942. IHGAL).

A princípio, os serviços que continuaram a funcionar foram os de abastecimento de água e o serviço portuário, como se aponta “[...] faróis, faroletes, boias iluminativas de navegação marítimas, nos primeiros exercícios de ataque aéreo não serão apagados”. No panorama apresentado verifica-se a inserção do Estado no plano nacional e suas diretrizes inerentes a guerra. Em publicação do dia seguinte, 10 de julho de 1942, há ratificação da realização dos exercícios na cidade e outras cidades do país.

Maceió assistirá, amanhã, o primeiro exercício de defesa passiva anti-aérea fato que constitui, para nós, motivo de contentamento, uma vez que, preparada a população, de posse das instruções necessárias, nenhum sobressalto poderá nos trazer quaisquer imprevistos. [...] Não se trata, portanto, de guerra, mas apenas servirão como medida preparatória, tendente a prevenir a população e orientá-la no caso de necessidade. Como ontem salientamos, em várias cidades do Brasil eles vem sendo realizados com êxito, e estamos certos e confiantes que os alagoanos dão mostras do seu acendrado civismo e da sua inteligência, características que nos honraram no passado, continuam no presente e se ampliarão cada vez mais no futuro com os belos exemplos. Várias cidades do Brasil já tiveram oportunidade de assistir aos exercícios de sua defesa passiva anti-aérea e, particularmente no Nordeste, esses exercícios têm sido mais frequentes, pois se destinam a uma melhor orientação da nossa gente. (Apaguem suas luzes ao sinal de alarme. *Jornal de Alagoas*, Maceió – Sexta-feira, 10 jul. 1942. IHGAL).

Em publicação posterior à nota quanto as multas para aqueles que descumprissem as medidas governamentais estabelecidas pelo decreto lei nº 4.098. As multas variavam conforme o tipo e reincidência do infrator, podendo o valor da mesma ser duplicado. Segue abaixo um trecho da divulgação:

MULTA AOS QUE NÃO CUMPRIREM AS DETERMINAÇÕES

Apesar do apelo amigo feito pelo comandante da Guarnição Federal ao povo ordeiro de Maceió, é mistêr lembrar que em recente decreto do Governo Federal, foi estabelecido aos seus diferentes artigos, o seguinte:

Artigo 1: O serviço de Defesa Passiva Anti-Aérea é encargo necessário á defesa da Pátria, que deve ser cumprido em todo territorio Nacional na forma e sob as penas comitadas nesta lei. A êle estão sujeitos os brasileiros e estrangeiros residentes ou em transito no país, de ambos os sexos, maiores de 16 anos, quaisquer que sejam as suas convições religiosas, filosoficas ou politicas, e bem assim as pessoas juridicas de direito publico e de direito privado.

O artigo 10, tratando das multas e outras penalidades define o seguinte:

As pessôas que em tempo de paz não cumprirem as determinações o encargo relativos aos serviços de DEFESA PASSIVA ANTI-AEREA são passíveis das seguintes penas:

– Multa de 10\$000 a 100\$000 e o dobro nas reincidencias, por não recolher-se ao abrigo ou refugio.

– Multa de 100\$000 a 1;000\$000 e o dobro nas reincidencias, por não atender o sinal de alarme, não extinguir as luzes acionar ou por em movimento o veiculo de qualquer natureza, durante o alarme aéreo. (A's 20 horas, o sinal de alarme. *Jornal de Alagoas* – Maceió – Sábado, 11 jul. 1942. IHGAL).

Para além da obrigatoriedade da participação popular no treinamento, aponta para o uso limitado dos veículos, visto que buscasse extinguir sua circulação e consequentemente o barulho emanado por estes durante os exercícios, assim como ratifica para o apagamento de todas as luzes. Quanto ao uso telefônico traz uma nova determinação:

FUNCIONAMENTO DOS TELEFONES

Só as linhas dos serviços publicos funcionarão durante o alarme aéreo, sendo vedado fazer chamadas particulares. Neste sentido a Cia. Força e Luz Nordeste do Brasil tem determinações para registrar todos os numeros dos aparelhos que funcionarem durante o alarme aéreo e levá-los ao conhecimento do Comando da Guarnição para os devidos fins. (A's 20 horas, o sinal de alarme. *Jornal de Alagoas* – Maceió – Sábado, 11 jul. 1942. IHGAL).

Somente as linhas relacionadas aos serviços públicos manter-se-iam funcionando, para caso de emergência ou necessidade da administração pública. Chamadas de cunho particular estavam proibidas. Cabendo ainda à empresa responsável pelo fornecimento elétrico, registrar todos os números dos aparelhos que efetuarem ligações durante o exercício e repassar a informação para o comando militar responsável (A's 20 horas, o sinal de alarme. *Jornal de Alagoas* – Maceió – Sábado, 11 jul. 1942. IHGAL). Essas observações remetem ao temor que informações sobre os exercícios fossem repassadas aos inimigos.

No que tange a realização dos blecautes em Maceió durante 1942, dois deles são noticiados pelos periódicos, o primeiro executado aos 11 de julho e o segundo aos 06 de agosto do mesmo ano. No caso do primeiro, efetivado às 20h, no qual apagaram-se as luzes do perímetro urbano e suburbano, durante 30 minutos e contou-se com o sobrevoo de uma aeronave da FAB enquanto suposto avião “inimigo”, para trazer mais realismo ao exercício, este acompanhado diretamente por diversas autoridades militares alocadas no bairro Farol, para

uma melhor percepção da cidade e a efetiva participação popular (Êxito do 1º “black-out”. *Jornal de Alagoas* – Maceió – Domingo, 12 jul. 1942. IHGAL). Quanto ao segundo *blackout*, os jornais anunciam apenas o dia, sem aludir ao horário, necessitando a população estar atenta ao som dos apitos e sirenes, como assinalado abaixo.

Terá lugar, na noite de hoje o segundo exercício de defesa passiva anti-aerea. Conforme já foi noticiado pela imprensa desta capital, a hora não será anunciada, devendo os habitantes desta cidade se prepararem para, a qualquer momento, obedecer às instruções já amplamente divulgadas e que abaixo reproduzimos para governo de nossa população. No momento do sinal de alarme, as instruções devem ser terminantemente obedecidas. Como da vez anterior, um aparelho da FAB sobrevoará a cidade. O Comandante da Guarnição Federal, por nosso intermédio, avisa a todos que serão multadas as pessoas que transgridirem as instruções referentes ao “black-out”. (“Um ato de genuína brasilidade”. *Jornal de Alagoas* – Maceió – Quinta-feira, 6 ago. 1942. IHGAL).

Ao final do informe sobre o exercício motorizado, há uma observação quanto aqueles indivíduos que não obedecem às recomendações militares, ficando em evidência sua consecutiva punição, com uma multa. O que nos leva a verificar prováveis casos de descumprimento às solicitações, numa acepção limitada da guerra.

No dia seguinte, 07 de agosto de 1942, há uma nova publicação quanto à execução e êxito do treinamento, assim como a participação do povo maceioense.

Dado o sinal de alarme as luzes foram imediatamente apagadas e todas as pessoas trataram de abrigar-se, acatando as ordens emanadas pelos poderes publicos competentes e pelo comando da guarnição federal aqui sediada. Durante todo o tempo que durou o apaga-luzes as ruas de nossa capital foram patrulhadas por soldados do 20º Batalhão de Caçadores e da Fôrça Policial do Estado. O povo maceioense já perfeitamente ambientado com esses exercicios comportou-se irrepreensível não sendo registrado a menor falta ás instruções emitidas pelas autoridades. Esses exercicios têm por fim preparar o nosso publico para uma eventualidade belica que se nos possa deparar. O segundo exercício de defesa passiva anti-aerea revestiu-se de êxito invulgar (“Índio Caeté”, um outro avião para o Brasil. *Jornal de Alagoas* – Maceió – Sexta-feira, 07 ago. 1942. IHGAL).

Como assinalado, ao longo da guerra, os *blackouts* tornaram-se constantes, tanto que diversas regiões brasileiras aderiram ao treinamento defensivo, como maneira de se certificar que os cidadãos estavam preparados, caso uma invasão inimiga se consolidasse. Em alguns lugares, passou-se do treinamento eventual para uma medida efetiva e corriqueira. No caso da então capital brasileira, temos as seguintes orientações de segurança,

[...] estava proibido aos moradores da orla marítima manter as janelas iluminadas durante a noite. A intenção era impedir que o inimigo tivesse referências na hora de atacar. Rondas policiais fiscalizavam se a determinação estava sendo cumprida. [...] As precauções eram tantas que os prédios que estavam sendo construídos na zona litorânea da cidade, num momento em que os empreendimentos imobiliários ali proliferavam, passaram a contar obrigatoriamente com abrigos antiaéreos subterrâneos (Sander, 2011, p. 262).

O relato acima refere-se à simulação de um ataque a cidade do Rio de Janeiro, sendo esta acompanhada por suas devidas e respectivas autoridades militares. Verifica-se, a entonação quanto ao total escurecimento, assim como a criação de abrigos antiaéreos. Ambos assuntos discutidos e referidos a outras localidades, com consequentes publicações jornalísticas.

Na cidade de Pindamonhangaba-SP, os *blackouts* ocorriam todas as noites, uma vez que a mesma contava com uma guarnição do Exército na localidade. Estes duravam, em média, de 10 a 30 minutos, sendo que “se em alguma residência uma só lâmpada permanecesse acesa, os aviões passavam em voo rasante e jogavam sobre o telhado pesados sacos de areia” (Filho, 1995, p. 57). Em Aracaju, a orientação corresponde a:

[...] ordens estritas de não cortarem os extensos manguezais que rodeavam o município [...]. Esse documento da marinha mais parecia uma postura ambiental, mas se constituía em uma medida defensiva. Era importante manter as barreiras naturais (terrenos pantanosos, áreas alagadiças, mangues denso e mata fechada) para dificultar o acesso à capital sergipana, caso tropas inimigas desembarcassem nas praias locais (Cruz, 2012, p. 164).

Em se tratando do Morro de São Paulo, pequena vila baiana, o cotidiano fora alterado drasticamente, de forma que os habitantes passaram a conviver com o breu noturno, o que impactou diretamente seu modo de sobrevivência, visto que sua economia local dependia da pesca noturna. Com as novas restrições impostas pela guerra, não se pesca mais durante a noite ou, mesmo, pela madrugada como outrora, agora somente com a luz do sol e, mesmo com esta, muitos temem se afastar para mar aberto, afinal submarinos inimigos sondam os mares brasileiros. A rotina de vida e labuta dos moradores é gradativamente modificada, chegando, por vezes, a faltar gêneros de primeira necessidade nos lares. Isso somado ao medo e desconfiança perpetrados pelo conflito bélico; afinal, até o vizinho mais próximo poderia ser um quinta-coluna, um inimigo disfarçado. É preciso, pois, cuidado e atenção (Moutinho, 2002).

No caso alagoano, para além do apaga luzes, tem-se a discussão sobre a criação de abrigos antiaéreos na capital, bem como a simulação de bombardeios aéreos (Durante uma hora, na tarde de ontem, Maceió viveu momentos de guerra. *Jornal de Alagoas* – Maceió – Domingo, 17 jan. 1943. IHGAL). Tanto que o diretor do S. D. P. A. Ae., Melo Motta fez algumas

declarações quanto aos blecautes e abrigos, evidenciando que: “Estão em organização outras comissões e já está sendo estudado o problema dos abrigos anti-aéreos. Em breve a população conhecerá a melhor solução dada ao caso” (Abrigos anti-aéreos para a nossa capital. *Jornal de Alagoas* – Maceió – Quarta-feira, 30 set. 1942. APA).

As notícias da guerra circulavam rápida e cotidianamente pelas ruas de Maceió, ganhando as praças, bodegas, bares e cafês, no chamado “boca a boca”. Com esse fluxo de informes, um exacerbado número de boatos percorria a cidade. Para controlar tal situação, o senhor Ari Pitombo, Secretário do Interior, tomou algumas medidas, como assinala Tenório:

Ficaram célebres suas constantes *blitzen* nas quais eram tomadas milhares de facas peixeiras, revólveres, rifles e punhais, desestimulando, com prisão, os infratores. Pitombo agiu com dureza contra os criminosos, e para combater os constantes boatos que se espalhavam todos os dias pela cidade, visando à autoridade do interventor, criou a Galeria dos Boateiros, no centro de Maceió, onde se imaginava ficar a central de boatos, próximo ao Bar Colombo e ao Diário Oficial. Os boateiros, apanhados com a mão na massa, eram presos; tinham suas cabeças raspadas e suas fotos emolduradas na Galeria, para curiosidade e delírio dos passantes da rua principal do comércio maceioense (Tenório, 2007, p. 103).

Ações como essas visavam a manutenção da ordem e a busca por diminuir os índices da violência local, tópico recorrente e estigma da localidade. No caso dos boatos, havia a tentativa de controlar especulações e maledicências, ou mesmo questionamentos fora do molde estadonovista, afinal de contas suas características consistem no seu poder coercitivo, de cunho controlador, autoritário e centralizador, com sua efetiva censura. Tanto que, após os torpedeamentos em agosto de 1942 e a subsequente reação mobilizatória, o governo emitiu um aviso direcionado a todos os brasileiros, para não se repetirem as manifestações coletivas e aguardar obediente e tranquilamente as providências “que houver por bem determinar” o Chefe da Nação. Caso tenha-se uma atitude contrária, estaria, pois, em demonstração atos de desobediência e indisciplina as recomendações governamentais (Com armas ou sem armas, saberemos lutar. *Jornal de Alagoas* – Maceió – Sábado, 22 ago. 1942. IHGAL). Observa-se, assim, o poderio coercitivo e manipulador da ditadura Varguista, que ora demonstra apreço pela mobilização popular, uma vez que condiz com o posicionamento do governo e, no momento seguinte evidencia suas imposições e limites à população, devendo esta aguardar e obedecer.

Ao longo de 1943, outros exercícios ocorreram na capital alagoana. Aquele ocorrido aos 16 de janeiro de 1943, contou com a simulação de um bombardeio aéreo na capital, o exercício ocorreu à tarde e contou com ampla participação popular, tanto que além das autoridades militares e policiais presentes, contou-se com jornalistas e/ou representantes dos periódicos: *Jornal de Alagoas*, *Gazeta de Alagoas*, *O Semeador* e *A Notícia*. Todos presentes

na 1ª Delegacia para acompanhar de perto o treinamento civil-militar. *O Jornal de Alagoas* assinala:

A's 14,30 horas, o Posto de Direção do Serviço de Defesa Passiva Anti-Aérea, recebendo comunicação, do Posto de Comando da Defesa Ativa Anti-Aérea, de que aviões inimigos se aproximavam da Capital, vindos do mar, aprestou-se em tomar as providencias iniciais de reação ao ataque e, imediatamente, ouve-se o sinal de alarme. As sirenes anunciam á população que há um bombardeio ameaçando a cidade. O perigo é grave. Diversos aparelhos procuram localizar os objetivos previamente visados. Mas a resistência é grande. Apenas um avião consegue atravessar a barragem do fogo anti-aéreo.

Tôdas as ruas já estão desertas. Somente os policiais e soldados do Exército permanecem nas artérias. Fazem o possível para que nenhum transeunte fique desabrigado. Param os bondes e automoveis. Ainda se escuta o ruído das sirenes. Enquanto isso, o avião incursor atira bombas indiscriminadamente. O ataque concentra-se nos trechos mais importantes de Maceió (Durante uma hora, na tarde de ontem, Maceió viveu momentos de guerra. *Jornal de Alagoas* – Maceió – Domingo, 17 jan. 1943. IHGAL).

Além da ocorrência do exercício, aponta para algumas mudanças quanto ao corpo de serviço atuante, como no caso do Corpo de Bombeiros, que não existia na capital, contudo faz-se uma formação (mesmo que provisória) para suprir a necessidade do momento. O Corpo em questão é composto por policiais, guardas civis e trabalhadores da Companhia das Águas (empresa responsável pelo abastecimento de água na cidade). (Durante uma hora, na tarde de ontem, Maceió viveu momentos de guerra. *Jornal de Alagoas* – Maceió – Domingo, 17 jan. 1943. IHGAL). O referido jornal traz detalhes quanto ao treinamento e ao fim deste, realiza uma enquete com algumas autoridades presentes, como o Interventor Ismar de Góis Monteiro, que assim se manifesta:

– “A minha impressão acêrca do exercicio que teve lugar ha poucos minutos é excelente. E’ bem verdade que podemos notar alguns senões, mas isto se torna facilmente compreendido, dada a falta de educação e preparo do povo para colaborar eficientemente em trabalhos de tão larga envergadura.

Naturalmente em outros exercicios que serão realizados oportunamente os habitantes de nossa cidade poderão demonstrar perfeita compreensão das ordens emanadas, quanto ao modo pelo qual se deverão portar durante os ataques aereos.

Frizo que a Diretoria da Defesa Passiva Anti-Aérea merece os mais calorosos elogios pela eficiencia dos seus departamentos.” (Durante uma hora, na tarde de ontem, Maceió viveu momentos de guerra. *Jornal de Alagoas* – Maceió – Domingo, 17 jan. 1943. IHGAL).

Como evidencia o Interventor, algumas questões ocorreram durante o exercício, o que não implicou gravemente em seu desempenho. O diretor do S. D. P. A. Ae., Lourival de Melo Motta, declarou:

– “O exercício realizado, hoje, satisfaz plenamente á Defesa Passiva Anti-Aérea, apesar de se terem observado pequenas falhas, que serão facilmente sanadas nas proximos alarmes, quando uma maior área da cidade será submetida a “bombardeio” (Durante uma hora, na tarde de ontem, Maceió viveu momentos de guerra. *Jornal de Alagoas* – Maceió – Domingo, 17 jan. 1943. IHGAL).

Entre os presentes, no momento da enquete, estava o engenheiro Aloisio Freitas Melro, piloto do avião que “bombardeou” a cidade de Maceió. Este assim expressa sua percepção quanto ao treinamento:

– “Conforme me foi possível observar, os serviços de defesa foram bem organizados. As ruas estiveram limpas, o que vem evitar elevado numero de mortos e feridos em caso de um bombardeio real. Entretanto, os quintais permaneciam cheios de curiosos, que procuravam seguir com a vista as evoluções do avião que pilotava.” (Durante uma hora, na tarde de ontem, Maceió viveu momentos de guerra. *Jornal de Alagoas* – Maceió – Domingo, 17 jan. 1943. IHGAL).

As observações remetem a situação experienciada, assim como a atuação popular que é um tanto quanto curiosa. Pois se de um lado as ruas estavam desertas (como solicitavam as autoridades), de outro, os quintais das casas estavam cheios, o que evidencia a curiosidade das pessoas com o transcorrer dos exercícios, que sendo numa situação real, teria deixado muitos mortos, visto que não se abrigaram adequadamente. É provável que a ausência de populares nas ruas se dê justamente pelo fato de equipes policiais e militares estarem de prontidão e, já no espaço doméstico sentem-se à vontade para (tentar) “bisbilhotar” a evolução dos acontecimentos nos céus da cidade.

Aos 19 de junho de 1943, o *Jornal de Alagoas* noticia a ocorrência de um blecaute na noite anterior, tendo este durado duas horas e contado com o apoio popular e a presença de militares. Parte destes últimos alocados no posto de observação, instalado no alto do Farol da cidade. O jornalista Bercelino Maia, também presente no referido posto, descreve a execução do *blackout*:

A's 20 horas de ontem, toda Maceió ficou em “black-out”.
19 sirenes, colocadas em diferentes pontos da capital, deram o sinal de “perigo”. Imediatamente, foram mobilizados os serviços da Diretoria Regional de Defesa Civil Anti-Aérea que se distribuíram no centro da cidade e pelos bairros, de acordo com as instruções para os casos dessa natureza.
Patrulhas do 20º B. C., do 22º B. C., do II 4º RAM, do NPOR, da Força Policial e da Guarda Civil começaram, então, a percorrer as ruas executando as ordens recebidas das autoridades responsáveis pela nossa segurança contra bombardeios.
O exercício, que logrou o mais completo êxito, teve a duração de duas horas, como, aliás, aconteceu em todas as capitais do país.
[...] Daquele local podemos observar todas as fases do “black-out”. Ao toque das sirenes, iniciou-se, quasi a um só tempo, o escurecimento das ruas. Apenas no Trapiche da Barra e em algumas artérias de Jaraguá é que o “apaga-luzes” demorou

cêrca de quatro minutos. No centro da cidade somente a Great-Western e uma fundição da rua das Verduras tardaram um pouco a desligar a corrente. Si a cidade não permaneceu em total, absoluta escuridão, isto se deve á intensidade do luar. (Durante duas horas, Maceió esteve sob rigoroso <<black-out>>. *Jornal de Alagoas* – Maceió – Sábado, 19 jun. 1943. IHGAL).

Em se tratando da atuação popular, traz observações interessantes, pois se de um lado a conduta popular é elogiada, de outro destaca para a ocorrência de uma prisão durante o treinamento.

A CONDUTA DO POVO

Merece registro especial o comportamento da população durante todo o “black-out”. Nas casas de residencia, as familias obedeceram rigorosamente ás instruções, e os que se achavam nas ruas procuraram, incontinenti, abrigar-se nos lugares mais próximos, deitando-se de bruços como se estivessem em verdade sob o fogo da aviação inimiga. Um ou outro é que foram chamados á atenção, logo assumindo a conduta devida.

UMA PRISÃO

A unica alteração que temos a assinalar é a atitude do dr. Eduardo Paranhos, residente em Mangabeiras, não querendo, quando solicitado a procurar abrigar-se, nas imediações da praça Sinimbu, atender ao que lhe pediam as autoridades.

Em vista disso, o dr. Eduardo Paranhos foi detido na Delegacia, sendo posto em liberdade após o exercicio. (Durante duas horas, Maceió esteve sob rigoroso <<black-out>>. *Jornal de Alagoas* – Maceió – Sábado, 19 jun. 1943. IHGAL).

A ocorrência de uma prisão durante o exercicio defensivo assinala um fato interessante para o período estudado, afinal vive-se uma ditadura, de modo que há estipulações sobre a população. Neste sentido, o relato de um descumprimento aponta para algumas possibilidades, como um possível cansaço por parte dos maceioenses quanto à recorrência dos exercicios, uma vez que estes acontecem desde o ano anterior; a não assimilação total às condições governamentais como se faz pensar as notas jornalísticas publicadas, ou ainda a incredulidade de alguns indivíduos de que aqueles exercicios fossem de fato necessários à segurança pessoal e/ou coletiva. Em suma, diversas hipóteses são postuladas a partir de uma negativa dentro do molde arbitrário estadonovista.

Outro tópico assinalado pelos periódicos consiste no “toque de recolher”, sendo estas imposições quanto à circulação de pessoas e veículos após horário determinado pelas autoridades policiais e militares. As primeiras referências remetem pós agosto de 1942, quando dos atentados aos navios mercantes nacionais. Entre as resoluções constantes na portaria, evidencia-se a necessidade de autorização da polícia para a realização de comícios ou passeatas. Os estabelecimentos como bares, cafés e botequins deverão encerrar todas as suas atividades às 22h, assim como “as diversões de toda espécie terminarão” nesse mesmo horário. Continua que “qualquer elemento que tentar fazer depredações e espalhar boatos alarmantes, será imediatamente recolhido á Penitenciaria.” Finaliza apelando aos sentimentos de bondade e

hospitalidade dos filhos desta terra na contribuição necessária as autoridades locais (Com armas ou sem armas, saberemos lutar. *Jornal de Alagoas* – Maceió – Sábado, 22 ago. 1942. IHGAL).

Em algumas zonas da capital, durante a ocorrência dos blecautes, fora proibido a circulação de veículos, de modo geral por dois motivos: o primeiro referente à necessidade de economizar gasolina, visto que o item esteve escasso durante parte do período bélico. (Unanimidade de pensamento entre Colombia e E. Unidos. *A Notícia* – Maceió – Sábado, 18 jul. 1942. Ano IX, NUM 131. IHGAL); o segundo devido os receios de ataques aéreos e/ou marítimos. Para tanto, em algumas ruas da cidade, era vedado seu tráfego com os faróis acesos, em especial, logradouros próximos à orla marítima, como por exemplo, a Avenida Jangadeiros Alagoanos, Rua Sá e Albuquerque, Praça Deodoro e todo o bairro do Farol. Nestes e outros trechos próximos à praia, não era permitido a utilização de luzes (mesmo se tratasse de transporte coletivo, como bondes) para não evidenciar a localização do veículo e, por conseguinte, da cidade (Vão produzir mais os campos de Alagôas. *Jornal de Alagoas* – Maceió – Sexta-feira, 18 set. 1942. IHGAL). Até mesmo a vendagem de produtos, como a aguardente, passou por alterações, sendo vedada sua comercialização após as 19h, tanto na capital como cidades do interior (Expulsos pelas forças soviéticas. *A Notícia* – Maceió – Terça-feira, 14 jul. 1942. Ano IX, NUM 128. IHGAL). É provável que a medida fosse uma estratégia de manter a população em suas residências, sem perambular pelas ruas após o horário fixado. Ou ainda evitar possíveis reuniões para discutir assuntos relativos ao momento bélico, evitando-se, pois, discussões ou desordens de qualquer natureza.

A título de curiosidade, vale citar que o Corpo de Bombeiros de Alagoas fora criado somente ao final da Segunda Guerra Mundial, em 1947, a pedido do então governador, Silvestre Péricles de Góis Monteiro. Dentre os estados da região Nordeste, este fora o último a estabelecer um Corpo de Bombeiros. Para melhor compreender esta ausência, faz-se necessário um estudo mais detalhado, verificando, pois, as demandas e políticas públicas inerentes (Disponível em: [História \(cbm.al.gov.br\)](http://historia.cbm.al.gov.br). Acesso em: 10 set. 2024; Corpo de Bombeiros Militar do Estado de Alagoas – Wikipédia, a enciclopédia livre (wikipedia.org). Acesso em: 01 set. 2024). Tal curiosidade nos leva a refletir quanto a um grande incêndio na capital, noticiado em setembro de 1942. O dia decorria de forma natural, sem maiores novidades pelo comércio, quando se ouve uma explosão, pouco tempo depois, gritos são emanados pelas ruas. O incêndio inicia-se, o fogo consome numa absurda voracidade a Ferragem Durval Guimarães, situada no prédio 405, deixando um rastro de fumaça e medo. A população assustada foge em pânico. Logo que acionado o alarme e devido à falta da Corporação competente, três turmas de outras unidades foram acionadas ao local, uma do 20º B. C., uma da Força Policial e outra da Guarda

Civil. As turmas, em questão, debelam as chamas, tendo apenas na ocasião um soldado levemente ferido. O que resta da loja comercial são as cinzas. Seu proprietário e funcionário são presos e recolhidos à Delegacia para prestarem depoimento (Para a defesa da população de Alagoas. *Jornal de Alagoas* – Maceió – Quarta-feira, 16 set. 1942. APA). A condução dos indivíduos à delegacia para prestar depoimento leva-nos a algumas suposições sobre o ocorrido: seria o incêndio alguma espécie de atentado a cidade, para promover o medo da população? Que tipos de materiais eram armazenados na referida loja? Todos legalizados? Afinal, em minutos tudo virou cinza. O proprietário seria um espião ou quinta-coluna disfarçado? Vale lembrar que no mês anterior, o país passara por muitas perdas mercantes em poucos dias e todo cuidado dispendido era necessário para manter a tranquilidade e ordem. Consta desse período, o receio de sabotadores infiltrados no meio social.

Para além do fator político e econômico, a guerra possui nuances socio-culturais. Entre essas, encontram-se sentimentos inquietantes no meio comum, por exemplo, raiva, medo, especulação, incerteza. Medo da fome, da morte e do próprio mar; incerteza do futuro; boatos amplamente disseminados juntamente com a raiva e desconfiança de outrem, afinal é preciso ser e estar constantemente atento e vigilante. Percebe-se, pois, que pensar a Segunda Guerra Mundial no Brasil, mais precisamente seus efeitos na capital alagoana, consiste em verificar suas singularidades. É lançar um novo olhar para aquele tempo e espaço, analisando as relações humanas e a conduta dos seus indivíduos perante as modificações no seu dia a dia. Da escassez de produtos básicos ao escurecimento das ruas, a guerra se fez presente em Maceió.

4.3. O carnaval em tempos de guerra

O Carnaval é designado enquanto uma festa popular, que ocorre antes da Quaresma (período de 40 dias antes da Páscoa). Essa tradição remota a tempos imemoriais, e alguns estudiosos assinalam para sua relação greco-romana, estando pois, atrelado a um rito pagão, referente ao período de colheita. A festividade acabou se vinculando ao calendário religioso da Igreja Católica. No Brasil, sua chegada ocorreu com os colonizadores portugueses, a partir do século XVII. A festa evoluiu ganhando novas formas, costumes e espaços. O carnaval brasileiro como o conhecemos hoje em dia, começou a tomar forma no século XIX, com os bailes carnavalescos, clubes e sociedades (Arantes, 2013; Almeida, 2003).

No caso de Maceió, ao longo do século XX, a festividade vai ganhando novas incorporações e participações, num escopo de desenvolvimento urbano e social que a cidade estende-se. As brincadeiras eram diversas, como o entrudo, troça e o corso e foram os

precursores dos grandes clubes fundeados na capital alagoana (Disponível em: Os antigos Carnavais de Maceió – *História de Alagoas*. Acesso em: 30 jun. 2025).

Havendo mesmo uma fase pré-carnavalesca, na qual contava-se com ensaios dos blocos e clubes, com a presença da imprensa que publicava notas animadoras, em busca de angariar fundos para a festa. Essa fase se encerrava com um banho de mar a fantasia, na Avenida da Paz (Disponível em: Os antigos Carnavais de Maceió – *História de Alagoas*. Acesso em: 30 jun. 2025). Assim assinala o *web site História de Alagoas*:

Segundo os mais velhos, o primeiro clube a aparecer foi o “Morcego”, com seus figurantes fantasiados do respeitável vampiro. A seguir, o maceioense passou a contar com uma série interminável de conjuntos destinados a animar o nosso tríduo momesco: “Cavaleiro dos Montes”, “Cara Dura”, “Marítimos”, “Vou Botar Fora”, “As Onze Mil Virgens”, “Vulcão”, “Pás Douradas”, “Sai da Frente”, “Caboclinhos” e “As Moreninhas”, entre outros (Disponível em: Os antigos Carnavais de Maceió – *História de Alagoas*. Acesso em: 30 jun. 2025).

A cidade contava então com diversos blocos carnavalescos. O “Cavaleiro dos Montes”, por exemplo, aparece em outros trabalhos sobre o carnaval maceioense (Almeida, 2003). Sendo este idealizado e criado por Benedito dos Santos (engraxate e carnavalesco), popularmente conhecido como Rás Gonguila, que comandava o bloco, saindo da parte alta da cidade para o centro, ao som de clarim para anunciar ao povo sua passagem (Disponível em: Prefeitura de Maceió | Rás Gonguila: o rei dos carnavais maceioenses... Acesso em: 30 abr. 2025; Os antigos Carnavais de Maceió – *História de Alagoas*. Acesso em: 30 jun. 2025).

O carnaval de rua, por assim dizer, contava-se com os confetes e serpentinas, sendo comercializados também máscaras, fantasias e demais adornos, como o lança perfume, todos estes de fácil aquisição nas lojas da capital, sendo o último encontrado também em bares, restaurantes, tabacarias e farmácias (Disponível em: Os antigos Carnavais de Maceió – *História de Alagoas*. Acesso em: 30 jun. 2025).

O curso remetia aos desfiles de carros antigos, em geral enfeitados, com seus foliões fantasiados percorrendo as ruas da cidade. O “Moleque Namorador” também ganha as ruas, sendo este um bloco de bairro que perpassa ao centro da cidade. Entre os frevos criados, um destaca-se como hino, o *Sururu da Nega*, de autoria de Pedro Nunes e Aristóbulo Cardoso. Aludindo a elementos próprios do estado como a lagoa Mundaú, a pesca de peixes e sururu, caracterizando também espaços da cidade, com seus bairros, que são da sua gente e folia, criticando ainda a falta de um porto marítimo à época, bem como a extração do petróleo (Disponível em: Os antigos Carnavais de Maceió – *História de Alagoas*. Acesso em: 30 jun. 2025).

Figura 9 - O curso em Maceió – rumo ao banho de mar à fantasia na Avenida da Paz



Fonte: Disponível em: Os antigos Carnavais de Maceió – *História de Alagoas*. Acesso em: 30 jun. 2025.

Para além dos blocos de rua, a cidade contava com grandes bailes de gala, ocorrendo em clubes da cidade. Vale citar o clube Fênix Alagoana que realizava a festa em salões e recebia a elite local para comemoração, em geral com suas famílias. Nestas celebrações, os indivíduos trajavam vestes a rigor, como fraque, cartola, luvas e bengalas e no caso das senhoras roupas de pele animal, leques e joias valiosas, num vestuário completamente distinto daqueles utilizados nos bloquinhos de rua (Disponível em: Os antigos Carnavais de Maceió – *História de Alagoas*. Acesso em: 30 jun. 2025).

Essa nova modalidade de se “brincar” o carnaval, evidencia uma distinção social e econômica da sociedade alagoana, de maneira que nem todos tinham acesso as festividades em salões luxuosos ou que careciam ser associados de clubes para participação. Já nos blocos de rua, toda a população tinha acesso e liberdade para participar, se assim o quisesse. Entretanto, esta pesquisa não se propõe a discutir a divisão das classes sociais, mas sim evidenciar o carnaval durante o período bélico, mais precisamente durante o biênio 1942-1943, quando a cidade de Maceió (e o Brasil como um todo) passou por acentuadas modificações devido à Segunda Guerra Mundial. Vale citar que poucos trabalhos se propõe a discutir sobre Alagoas na década de 1940, provavelmente pela escassez de fontes e/ou acesso a produção da época, visto a ditadura implementada no país e que controlava e/ou censurava a elaboração.

Durante o ano de 1942, várias notas foram publicadas em alusão ao carnaval daquele ano, em especial referindo-se e divulgando-se o VI Grande Concurso do Passo, em Maceió. O concurso residia numa parada carnavalesca, caracterizando-se pela disputa do passo entre os concorrentes inscritos. Entre eles, Cavaleiros dos Montes, Cara-dura Filho, Bravos do Nordeste e Bambas do Morro. Desde janeiro daquele ano, havia manifestações contrárias a realização do carnaval (Conceição, 2015, p. 61). Contudo e mesmo assim, o carnaval de 1942 realizou-se. Já no ano seguinte, com a efetiva entrada do país na guerra, a problemática da festividade ganhou novos enfoques.

Durante o período elencado, as manifestações culturais sofreram algumas alterações ou foram centros de discussões. A realização de festas populares contrastava com a mobilização nacional motivada pelo conflito. Neste sentido, o carnaval configurou o epicentro do antagonismo social, pois, “o controle e a regulamentação em torno do samba e do Carnaval se manifestaram das mais variadas formas, da mudança temática nas letras das músicas à disciplinarização e “militarização” dos enredos e dos desfiles” (Moutinho, 2002, p. 55). O país ingressara na guerra e novas demandas surgiram nesse ínterim, como a Batalha da Produção, o tabelamento de preços, a carestia e escassez de alimentos, bem como os blecautes e torpedeamentos dos navios nacionais, que gerou bastante tensão entre a população, em especial as litorâneas.

Neste sentido, em janeiro de 1943, o *Jornal de Alagoas*, propõe uma enquete a respeito da realização ou não do carnaval do ano corrente. A parte que foi possível acessar, remete a uma parcela de indivíduos que em geral estão ligados a administração pública local (jornalistas, comerciantes, intelectuais, funcionários públicos), dando suas opiniões quanto a festa popular. É provável que a outra parte da enquete exista, contudo, com possíveis implicações, como fora da sequência ou numa parte do periódico indisponível à pesquisa, devido seu estado de conservação. Entretanto, através do que foi possível captar, foi-nos viável traçar parte dessa acentuada discussão, que ganhou as páginas do jornal e teve as mais diferentes opiniões.

O senhor Lauro Montenegro, Chefe da Secção do Fomento Agrícola assim declarou:

Suprimir o carnaval de 1943? Só a idéia dessa possibilidade desperta tôdas as melancolias que há tanto tempo dormitam em meu espirito. Penso que o Carnaval não enfraquece os nossos sentimentos patrióticos e humanos. As grandes distrações não são incompatíveis com as grandes preocupações, desde que apareçam nos momentos próprios. As nossas festas tradicionais estão de tal maneira perdendo o seu antigo esplendor, que não devemos concorrer para que a unica que ainda se conserva com o mais forte característico nacional seja ameaçada de desaparecimento, mesmo temporário. De mim confesso, que se estivesse na linha de frente pediria licença, por três dias, ao meu comandante para passar o Carnaval no Brasil, ainda com a condição de ser destacado, em regressando, aos feitos mais audaciosos. Já se vê, que sou pelo

Carnaval, principalmente com black-out (Assim falou Lauro Montenegro: “penso que o Carnaval não enfraquece os nossos sentimentos patrióticos e humanos”. *Jornal De Alagoas* – Maceió – quarta-feira, 20 jan. 1943. IHGAL).

As declarações do aludido senhor, remete a seu espírito folião e também humano, na concepção de que é preciso, por um momento que seja, desconectar-se da investida bélica e aproveitar a festividade. Outros senhores, também compartilhavam dessa opinião. Como é o caso de Barreto Falcão, Diretor Geral do Departamento das Municipalidades e Assistência ao Cooperativismo. Indagado acerca da festa, declara:

Estamos em guerra, é bem verdade, mas o conflito ainda está relativamente longe de nós, e por isso não acho que exista inconveniência na realização desta festa popular. O Carnaval constituirá até uma prova de confiança moral em nós mesmos e outrossim servirá para nos deixar mais leves de espírito sem que isso nos faça esquecer a gravidade do momento internacional (Assim falou Lauro Montenegro: “penso que o Carnaval não enfraquece os nossos sentimentos patrióticos e humanos”. *Jornal De Alagoas* – Maceió – quarta-feira, 20 jan. 1943. IHGAL).

Provavelmente a referência da guerra estar distante, esteja vinculada a uma concepção limitada do conflito bélico, estando pois, ligado ao espaço geográfico, em suma as trincheiras europeias. Contudo, vale salientar para os redimensionamentos ocorridos no meio político e social, que afetaram diretamente o país como um todo e no caso alagoano não foi diferente, como por exemplo, a realização de treinamento militar aos seus civis, a carestia exacerbada, a chegada de efetivos militares na região, entre outras medidas que se estenderam gradativamente.

Alves Mata, funcionário público também se posiciona, de modo que assegura: “Quando se sofre uma dor imensa qualquer antídoto é aconselhável, mesmo que seja por poucos minutos” (Assim falou Lauro Montenegro: “penso que o Carnaval não enfraquece os nossos sentimentos patrióticos e humanos”. *Jornal De Alagoas* – Maceió – quarta-feira, 20 jan. 1943. IHGAL). Outro que manifesta seu apoio a realização da festa, é o senhor Otacilio Maia, Agente do Loide Brasileiro, que enfatiza: “Como folião aposentado não concordo com o “acionamento” do Carnaval, ou melhor bailes apenas. Ou tudo ou nada” (Assim falou Lauro Montenegro: “penso que o Carnaval não enfraquece os nossos sentimentos patrióticos e humanos”. *Jornal De Alagoas* – Maceió – quarta-feira, 20 jan. 1943. IHGAL).

O termo racionamento condiz com a situação vivida, posto que no período elencado, a população era impelida a racionar alimentos, gases (querosene, gasolina), e até mesmo sua circulação pelas ruas da cidade. O Estado buscava, pois, expandir seu controle sobre a população, estendendo-se pelas manifestações populares.

Já o intelectual De Araújo Costa, se pronuncia contra a festa popular. Segundo este:

A meu ver, não deve haver Carnaval. E' preciso convencermo-nos de que estamos em guerra. E' preciso lembrarmo-nos de que centenas de combatentes nossos aliados e irmãos, estão sofrendo horrores na linha de batalha, lutando em prol da liberdade e da democracia, o que equivale dizer, lutando em favor dos nossos lares, das nossas famílias e pela segurança de nossas instituições. Falar-se em carnaval nessa hora agonica para os destinos dos povos, que numa luta de gigante, dão o seu sangue pela vitoria dos nossos sagrados ideais democraticos, falar-se em carnaval, repito, nesse momento doloroso em que milhares de creancinhas morrem de fome ou perecem vitimas das balas assassinas do nipo-nazi-fascismo, é francamente, não ter consciencia nem espirito defraternidade (Assim falou Lauro Montenegro: “penso que o Carnaval não enfraquece os nossos sentimentos patrióticos e humanos”. *Jornal De Alagoas – Maceió – quarta-feira, 20 jan. 1943. IHGAL*).

A opinião do referido intelectual nos leva a verificar a preocupação que se forma quanto a guerra e as agruras dos combatentes, pois segundo seu ponto de vista, o momento vivido não condiz com festas, nem celebrações. Ademais, enfatiza a luta pelos ideais democráticos por quais se luta, entretanto esquece de mencionar, o fato que o Brasil vive uma ditadura a mais de uma década. Esquecimento, medo ou o não poder verbalizar o que se pensa verdadeiramente sobre a questão política interna.

Ganhando as páginas do dia seguinte, o periódico continua reportando sua enquete. Tanto que, José Dionisio Sobrinho, Presidente da Associação Comercial, expressou sua opinião:

Quem for “contra” é porque nunca teve oportunidade de assistir o Carnaval do Nordeste. Em verdade, eu não sou folião mas gosto de ver a massa se divertir e não encontro motivos para que o povo deixe de brincar, principalmente agora, que nós precisamos de diversões que nos façam esquecer os horrores da guerra. Eu sou pelo Carnaval (“Não é justo que se façam bailes elegantes e se proibam as reuniões de rua” – disse André Papini. *Jornal de Alagoas – Maceió – quinta-feira, 21 jan. 1943. IHGAL*).

Muitos se juntam a esta opinião quanto a realização do carnaval de 1943, sendo um modo do povo se divertir e extravasar a tensão do período. O jornalista André Papini, também se manifesta:

Si deve haver Carnaval? Podendo haver, acho que deve haver, isto é, si as condições de momento não exigirem o sacrificio da mais popular de todas as festas, entendo que o Carnaval deve não apenas ser permitido como estimulado. O que não me parece de nenhum modo justo é que se façam bailes elegantes e se proibam as reuniões de rua matando, assim, no Carnaval, o que ele tem de mais profundo ser para todos. Entre nós, por exemplo, que seria o Carnaval sem o “Bota Fôra” e os “Cavaleiros dosMontes”? (“Não é justo que se façam bailes elegantes e se proibam as reuniões de rua” – disse André Papini. *Jornal de Alagoas – Maceió – quinta-feira, 21 jan. 1943. IHGAL*).

O jornalista Papini elucida a respeito de um ponto importante: as populações mais carentes não devem ser impedidas da prática festiva, já que seus estardantes e comemorações se dão pelas ruas da cidade. Os bailes de gala ao contrário, são limitados à elite local e numa concepção de justiça, se houvesse os bailes de salão, deveria também haver o carnaval de rua, com seus cortejos e blocos, para que o povo não fosse afetado. Manoel Diegues Júnior, Diretor do Departamento Estadual de Estatística, externou seu ponto de vista:

Sou francamente pelo carnaval em todos os tempos e agora também. Não me parece haver inconveniente na sua realização êste ano. O necessário é saber como comemorá-lo, isto é, o modo de realizarmos. Se é possível o carnaval nos bailes dos clubes elegantes, portanto para uma parte da sociedade, também deve haver o carnaval para outra parte, a que não frequenta os clubes granfinos. O que me parece se deva fazer é a restrição dos brinquedos, num mais um sacrificio nosso ao esforço de guerra que empreendemos. Não deixemos de festejar o carnaval mas modifiquemos, a maneira de fazê-lo. Assim, ao envez de a população consumir lança-perfume serpentina, confetti, etc. – elementos êstes para cuja confecção entram produtos indispensáveis ao preparo bélico do país (e éter, o papel, a celulose, etc.) e os quais não deveremos desperdiçar – seria conveniente a organização de bailes públicos de caráter popular, que se realizariam paralelamente às festas dos clubes elegantes. Por outro lado deve-se permitir amplamente e “passo”, bem assim a saída dos clubes carnavalescos – o “Pás”, o “Vou Botar Fóra”, o “Cavaleiros”, etc. Haveria alegria sempre juízo da nossa colaboração ao esforço da guerra. Fariamos o sacrificio de esquecer o lança-perfume, a serpentina, o confeti. Mesmo no carnaval, como se vê poderemos dar a nossa colaboração á defesa do Brasil. Seria uma oportunidade para, ao lado do trabalho em prol do esforço de guerra que realizamos entusiasticamente, anteciparmos a perspectiva alegre da vitória que há de nos sorrir um dia (“Não é justo que se façam bailes elegantes e se proibam as reuniões de rua” – disse André Papini. *Jornal de Alagoas* – Maceió – quinta-feira, 21 jan. 1943. IHGAL).

Em seu posicionamento defende a realização do carnaval atrelado a modificações na comemoração, sem a utilização de confetes e serperntinas, pois nestes produtos, vai-se elementos necessários ao esforço da guerra. Outro ponto elencado remete a organização de bailes públicos para a população que não pode frequentar os luxuosos bailes em clubes privativos. Como o jornalista Papini aponta para a população que sai às ruas em busca de diversão e brincadeiras, e estes não podem ser impedidos de vivenciar o momento. Esta população que sai às ruas, em grande medida são os trabalhadores das fábricas e usinas que movimentam a economia local. Parte daqueles que apoiam a realização do carnaval, o fazem a partir de algumas ressalvas, como a citada acima.

Outros sujeitos, entretanto, deixam claro seu posicionamento quanto a não realização da festividade popular, sendo, pois, condizente com as ações empreendidas pelo Estado nacional, que visava um maior controle da população, intensificado pelo conflito bélico. Segmentos sociais mais conservadores também evidenciam sua oposição a festa, como a Igreja Católica. A instituição religiosa demonstra seu posicionamento em nota publicada no mês de janeiro de

1943. Nesta, refere-se ao momento vivido como de luta, em que os nossos irmãos aliados derramam seu sangue em prol da liberdade, que também é uma causa nossa. Neste sentido, considera que em qualquer época o carnaval é “desvario, com o seu cortejo de infelicidades” e, na situação em que se encontra o mundo é uma demonstração clara da quebra de solidariedade aos nossos confrades (Contra o Carnaval. *O Semeador* – Maceió – Sexta-feira, 22 jan. 1943. Ano XXX, n. 10. IHGAL).

A alegria do carnaval contrastava com os tempos de guerra. Ademais, o Estado buscava exercer seu papel sobre as manifestações populares, não à toa, algumas ressalvas foram impelidas ao longo de todo o conflito bélico (como em 1945 com a não utilização de máscaras ou fantasias que não desse para identificar o folião). Em geral, os atos coletivos que não contavam com sua organização direta eram vistos como perigosos e demandavam cuidados (Conceição, 2015, p. 64). Entretanto, apesar das ressalvas e de opiniões contrárias a realização do Carnaval de 1943, este ocorreu na capital alagoana. Em publicação posterior, *O Semeador*, anuncia que no Rio de Janeiro (então capital federal) o mesmo ocorreu como “meio carnaval”, sem o grande esplendor de outrora, com seus imensos carros alegóricos. O que o periódico assinala como uma mostra da compreensão carioca quanto ao momento de guerra (Meio Carnaval. *O Semeador* – Maceió – Sexta-feria, 12 mar. 1943. Ano XXX, n. 42. IHGAL).

Apesar do discurso de que o momento não condizia com festas, os próprios soldados em combate no *front*, não abriam mão em seus poucos momentos de descontração de se lembrarem de algumas manifestações populares, como o Carnaval e o Natal. Outro ponto evidenciado, remete aos EUA, posto que este organizava grandes *shows* para seus combatentes, que após se divertirem, partiam para o combate (Conceição, 2015, p. 64).

Verifica-se, portanto, que as implicações quanto a festividade no Brasil esteve atrelada ao exercício regulador da máquina estatal, que buscou estender seu poder de atuação às massas em festa, não apenas no aspecto de segurança pública emanado, mas como dominador das ações sociais, no escopo disseminado pela ideia de ordem necessária à Nação em guerra.

As implicações da Segunda Guerra Mundial em Alagoas são observadas em sua conjuntura política, econômica e social, de maneira que impele significativas modificações ao modo de vida da população, em especial a costeira. Lançar um novo olhar sobre o espaço alagoano é dá voz a uma história pouco contada.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Jamais cessaremos de explorar, e o fim de nossas explorações será a volta ao ponto de partida, vendo o lugar pela primeira vez (T. S. Eliot., apud Gerodetti & Cornejo, 2006, p. 16).

Muito se tem produzido acerca da Segunda Guerra Mundial (1939-1945) ao longo desses quase 80 anos do seu término. As produções abrangem artigos, resenhas, livros, revistas, filmes, documentários, entre outras produções, o que assinala uma grande diversidade de material e diferentes observações e análises do conflito. Parte da produção remete ao *front* europeu, com as invasões e tomadas de territórios, evidenciando os avanços dos soldados e suas intempéries nos campos de batalhas. Há também estudos quanto aos campos de extermínio e de concentração, a dinâmica cotidiana nos guetos, relações diplomáticas e internacionais, bem como a atuação militar em outros continentes. Nesse escopo, seria humanamente impossível analisar e discutir cada produção e autor, visto a gama de dados e informações inerentes.

Partindo do macro para o micro, é possível vislumbrar outras nuances da guerra. O estado de beligerância no qual o globo esteve imerso, assinalou significativas modificações na conjuntura política, econômica e social dos países que deste participaram, incluindo-se, pois, o Brasil e nesta análise mais precisamente o estado alagoano, em sua capital Maceió. Ao longo de 1930-40, o país passa por redimensionamentos inerentes a sua política interna e externa, o que infere na chegada de Vargas ao poder, bem como a inserção brasileira na Segunda Guerra Mundial ao lado dos Aliados. Poucos trabalhos assinalam para a historiografia alagoana durante a década de 1940, o que remete a forte atuação do DIP e DEIP no estado, em seu papel controlador e censor implementados com a ditadura Varguista.

Neste sentido, muito se tem a discutir quanto às singularidades da guerra na capital alagoana, visto as diversas alterações cotidianas a partir da beligerância. Neste estudo analisamos o biênio 1942-1943, período no qual houve ataques ao mar territorial brasileiro (com o afundamento de sete embarcações entre Bahia e Sergipe em poucos dias) e posteriormente declaração no estado de guerra aos países do Eixo. Tanto que o Presidente Vargas, se manifesta: “o mar é um símbolo de liberdade; e o povo que não defende os seus mares não é digno de viver” (Agressão, 1943). Marca desse período a ampla publicização da guerra e novas diretrizes implementadas pela administração do Interventor Federal Ismar de Góis Monteiro.

Com os tensionamentos aflorados, a sociedade civil enfrenta modificações marcantes no seu seio, como a falta de gêneros de primeira necessidade, carne, pão, feijão, sururu, gasolina, querosene; o preço dos itens eleva-se absurdamente, dificultando e interferindo o

consumo das famílias, de maneira especial os mais carentes financeiramente. Por outro lado, os especuladores, também chamados açambarcadores passam a atuar fortemente na busca desenfreada por lucro, consta deste período denúncias a estabelecimentos e prisões de comerciantes. Outro ponto destacado remete a publicização e ocorrência na capital de diversos exercícios de defesa passiva, com a finalidade de treinar a população, caso um ataque marítimo e/ou aéreo ocorresse na cidade. O apaga-luzes, ou blecautes eram amplamente divulgados pela imprensa local, a fim de que a população se preparasse adequadamente, contando-se com a forte atuação do setor policial e militar. Para além desses, a população é conclamada a participar da Batalha da Produção, com a finalidade de arrecadar materiais necessários à indústria bélica, entre eles aumento na produção e extração da borracha, no caso alagoano através da mangabeira (árvore componente da flora local e encontrada em diversas localidades do estado).

No escopo das modificações, podemos citar o “toque de recolher” por assim dizer, no qual a população era instruída a manter-se fora das ruas, após o horário estabelecido pelas autoridades, a medida visava manter a ordem, após os torpedeamentos de agosto de 1942. Aliás a palavra ordem é recorrente e muito solicitada ao povo durante todo o conflito bélico, tanto que em um dos relatórios produzidos pela interventoria alagoana, o mesmo ganha o título de “Ordem e Trabalho”, remetendo a disciplina e alinhamento do Estado ao plano nacional do Estado Novo.

No que condiz a pasta de segurança pública, muitas prisões e apreensões foram realizadas, referindo-se a diferentes sujeitos como os açambarcadores, os estrangeiros classificados como eixistas, os quinta-colunas e os integralistas. Em se tratando do segundo tópico, merece destaque a campanha de apreensão de armas empreendida pela administração estadual, resultando no recolhimento de centenas de armas de fogo, numa busca de minimizar os altos índices de violência, inerentes à capital e cidades do interior. Bem como, o dispêndio de cuidados à zona portuária, tanto em se tratando da circulação de pessoas e automóveis após horário fixado ou durante os blecautes (as recomendações remetiam a manter os faróis apagados, caso algum automóvel tivesse a necessidade de passar por alguma rua ou avenida da região praiana), como medidas referentes à saúde dos militares ali destacados e da população em geral (em especial profissionais do sexo), de modo a minimizar a transmissão de doenças venéreas, assim como realizar o tratamento adequado em caso de contaminações.

Ao longo de 1943, outras situações foram sentidas pela população, como a discussão quanto a realização ou não de festas populares, como o Carnaval. A enquete proposta por um periódico local, ganhou as páginas e variadas opiniões, intensificando as demandas geradas pela

guerra e suas intervenções. O referido ano é assinalado também pelo torpedeamento do navio Itapagé, aos 26 de setembro, nas imediações de Maceió. O ataque nazista deixou vários mortos e feridos, entre eles mulheres e crianças, evidenciando uma guerra próxima e nefasta. Os torpedeamentos a embarcações nacionais, em seu mar territorial, geraram grandes perdas ao país, tanto em se tratando de bens materiais, como nas centenas de vidas humanas que tiveram como sepultura o mar, como assinalou Meireles em seu poema *Balada do soldado Batista*. Segue um trecho abaixo:

[...] Era das águas, vinha das águas.
O primeiro torpedo atinge e precipita
o primeiro navio: o do soldado Batista.

[...] Era das águas, vinha das águas, foi-se nas águas...
Os jornais já trazem, o rádio já grita:
só eles não sabem! – Morreu no mar o soldado Batista.
(Meireles, 2015, p. 76-77).

Discutir os meandros da guerra no Brasil faz-se necessário para compreender sua participação durante o maior e mais letal conflito bélico já estudado, observando suas especificidades e modificações no tempo e espaço brasileiro. Assinalando, pois, seu contexto e relações internacionais e diplomáticas com outros países, bem como a composição e envio de um corpo expedicionário para combater na Europa. No campo interno, o esforço remetia a diversas campanhas em prol da guerra, como na economia de produtos e serviços pela população, assim como arrecadação e aumento da produção de matérias primas (metais, borracha, algodão). Vale ressaltar, também, a movimentação militar no país, neste caso de modo especial no Nordeste, para observação e defesa do território, contando-se com a contribuição imprescindível de moradores e pescadores locais. Em se tratando do Estado alagoano, mais precisamente de sua Capital, Maceió, nos permite lançar o olhar sobre uma história pouco contada e debatida pelos pesquisadores, evidenciando-se, assim, a necessidade de novos estudos e mais debates quanto ao período, permitindo vislumbrar as singularidades e efeitos da guerra no cotidiano alagoano, afinal, a guerra que outrora se fazia distante, chegou.

REFERÊNCIAS

- ALBUQUERQUE, Isabel Loureiro de. **História de Alagoas**. 2. ed. Maceió: Sergasa, 2000.
- ALMEIDA, Leda Maria de. **Alagoas: gênese, identidade e ensino**. Maceió: Edufal, 2011.
- ALMEIDA, Luiz Sávio de (Org.); Otávio Cabral; Zezito Araújo. **O negro e a construção do Carnaval no Nordeste**. Maceió: Edufal, 2003.
- ALTAVILA, Jayme de. **História da civilização das Alagoas**. 7. ed. Maceió: Edufal, 1978, 200 p.
- AMADO, Jorge. **Os subterrâneos da liberdade: I – Os ásperos tempos**. 14. ed., São Paulo: Livraria Martins, 1968.
- AMADO, Jorge. **Os subterrâneos da liberdade: II – Agonia da noite**. Ilustrações: Renina Katz, capa: Clóvis Graciano, relato do autor: Carlos Scliar. 14. ed. São Paulo: Livraria Martins, 1968.
- AMADO, Jorge. **Os subterrâneos da liberdade: III – A luz no túnel**. Ilustrações: Renina Katz, capa: Clóvis Graciano, relato do autor: Carlos Scliar. 14. ed. São Paulo: Livraria Martins, 1968.
- ANDRADE, Carlos Drummond de. **A rosa do povo**. 21. edição. Rio de Janeiro/São Paulo: Record, 2000.
- ARANTES, Nélio. Pequena história do Carnaval no Brasil. **Revista Portal de Divulgação**, n.29. Ano III. Fev.2013, ISSN 2178-3454. www.portaldoenvelhecimento.org.br/revista. Disponível em: Pequena história do Carnaval no Brasil. Acesso em: 27 maio 2025.
- ARÓSTEGUI, Julio. Sociedade e tempo. A teoria da História. In: **A pesquisa histórica: teoria e método**. Bauru, SP: Edusc, 2006, p. 253-301.
- AVELAR, Romeu de. **General Góis Monteiro, o comandante de um destino**. 2. ed. Maceió: Graciliano Ramos; Fapeal, 2023.
- BARROS, José D' Assunção. **O Projeto de Pesquisa em História: da escolha do tema ao quadro teórico**. 7. ed. Petrópolis: Vozes, 2011.
- BARROS, Maria Luiza Pérola Dantas. Segunda Guerra, cultura e cotidiano: os torpedeamentos na costa brasileira em 1942 e o caso de Nelson de Rubina. **Boletim Historiar**, n. 16, jul./ago. 2016, p. 16-25. ISSN2357-9145.
- BERTONHA, João Fábio. **A Primeira Guerra Mundial: o conflito que mudou o mundo (1914-1918)**. Maringá: Eduem, 2011.
- BERTONHA, João Fábio. **A Segunda Guerra Mundial**. 3. ed. São Paulo: Saraiva, 2005.
- BLOCH, Marc. **Apologia da História, ou O ofício do historiador**. Rio de Janeiro: Zahar, 2002.

BONET, Fernanda dos Santos. **O discurso oficial brasileiro durante a II Guerra Mundial**. Vestígios do passado: a história e suas fontes. ANPUH, Rio Grande do Sul, 2008. Disponível em: http://eeh2008.anpuhrs.org.br/resources/content/anais/1209067969_ARQUIVO_OdiscursooficialbrasileiroduranteaIIGuerraMundial.pdf. Acesso em: 5 abr. 2017.

BURKE, Peter. **A escola dos Annales (1929-1989): a revolução francesa da historiografia**. São Paulo: Unesp, 2010.

BURKE, Peter. **O que é História Cultural?** Rio de Janeiro: Zahar, 2005.

CAMÕES FILHO. **O canto do vento: a história de prisioneiros alemães nos campos de concentração brasileiros**. São Paulo: Scritta, 1995.

CANSANÇÃO, Elza. **E foi assim que a cobra fumou**. Rio de Janeiro: Imago, 1987.

CAPELATO, Maria Helena Rolim. **A imprensa na história do Brasil**. São Paulo: Contexto/EDUSP, 1988.

CARDOSO, Ciro Flamarion; VAINFAS, Ronaldo. **Domínios da história: ensaios de teoria e metodologia**. Campus, 1997.

CARONE, Edgard. **A Terceira República (1937-1945)**. 2. ed. São Paulo: Difel, 1982.

CARVALHO, Cícero Pércles de. **Formação Histórica de Alagoas**. 6. ed. Maceió: Edufal, 2021.

CAVALCANTE, Regina Barbosa Lopes. **A preservação do cemitério Nossa Senhora da Piedade como patrimônio para Maceió/AL**. 2013. Dissertação (Mestrado em Arquitetura e Urbanismo) – Universidade Federal de Alagoas, Maceió, 2013.

CHIARETTI, Marco. **A Segunda Guerra Mundial**. São Paulo: Ática, 1995.

CLAUSEWITZ – o conceito guerra. **Brasil Escola**. Disponível em: <https://brasilecola.uol.com.br/guerras/o-conceito-guerra-clausewitz.htm#:~:text=Clausewitz%20ficou%20conhecido%20por%20uma,da%20pol%C3%ADtica%20por%20outros%20meios%E2%80%9D>. Acesso em: 10 jun. 2023.

CODATO, Adriano. **Estado, elites, ideologia e instituições: o Estado Novo no Brasil, de novo**. Porto Alegre: PUCRS, 2008.

COGGIOLA, Osvaldo (Org.). **Segunda Guerra Mundial: um balanço histórico**. São Paulo: Xamã – USP, 1995.

CONCEICAO, Sérgio Lima. **Em guerra que cobra fuma, alagoano é convocado**. Dissertação (Mestrado em História) Maceió: Universidade Federal de Alagoas, 2015.

COSTA, Craveiro. **Maceió: Catavento**, São Paulo, 2001.

COSTA, Octavio. **Cinquenta anos depois da volta**. 3 ed. Rio de Janeiro: Expressão e Cultura, 1995.

COSTA, Ricardo da. Para que serve a História? Para nada... **SINAIS – Revista Eletrônica. Ciências Sociais**. Vitória: CCHN, UFES, Edição n. 03, v. 1, p. 43-70, junho. 2008.

COUTINHO, Lourival. **O General Góes depõe...** 2. ed. Rio de Janeiro: Coelho Branco, 1956.

CRUZ, Luiz Antônio Pinto. **“A guerra já chegou entre nós”!** O cotidiano de Aracaju durante a guerra submarina (1942 – 1945). Dissertação (Mestrado em História). Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2012.

CRUZ, Luiz Antônio Pinto; ARAS, Lina Maria Brandão de. **O livro agressão e as imagens beligerantes no litoral sergipano durante a guerra submarina (1942)**. ANPUH- Rio, 2014. Disponível em: http://www.encontro2014.rj.anpuh.org/resources/anais/28/1400554386_ARQUIVO_OLIVRO_AGRESSAOEASIMAGENSBELIGERANTESNOLITORALSERGIPANODURANTEAGUERRASUBMARINA.pdf. Acesso em: 05 jul. 2019.

CRUZ, Luiz Antônio Pinto; ARAS, Lina Maria Brandão de. Submarinos alemães ou norte-americanos nos malafogados de Sergipe (1942-1945)? **Revista Navigator**, 2013. Disponível em: http://www.revistanavigator.com.br/navig17/dossie/N17_dossie5.pdf. Acesso em: 04 jun. 2019.

CYTRYNOWICZ, Roney. **Guerra sem Guerra: a mobilização e o cotidiano em São Paulo durante a Segunda Guerra Mundial**. 2. ed. São Paulo: Geração, 2002.

CYTRYNOWICZ, Roney. **Memória da barbárie: a história do genocídio dos judeus na Segunda Guerra Mundial**. São Paulo: Nova Stella, 1990.

D’ALESSIO, Marcia Mansor; CAPELATO, Maria Helena. **Nazismo: política, cultura e holocausto**. São Paulo: Atual, 2004.

DECININO, Ronaldo. **Litoral brasileiro: costa tem grande importância e deve ser preservada**. Disponível em: <https://educacao.uol.com.br/disciplinas/geografia/litoral-brasileiro-costa-tem-grande-importancia-e-deve-ser-preserveda.htm>. Acesso em: 09 jul. 2019.

A DEFESA de Alagoas na segunda guerra mundial. **História de Alagoas**. Disponível em: <http://www.historiadealagoas.com.br/a-defesa-de-alagoas-na-2a-guerra-mundial.html>, Acesso em: 10 maio 2018.

DELUMEAU, Jean. **História do medo no ocidente 1300-1800: uma cidade sitiada**. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

DUARTE, Paulo de Queiroz. **O Nordeste na II Guerra Mundial: antecedentes e ocupação**. Rio de Janeiro: Record, 1971.

A ERA Vargas: dos anos 20 a 1945. **CPDOC**. Disponível em: <https://cpdoc.fgv.br/producao/dossies/AEraVargas1/anos37-45/AGuerraNoBrasil/ConferenciasInteramericanas>. Acesso em: 22 jun. 2019.

FAMÍLIAS na política alagoana no século XX(III): Góis Monteiro. **História de Alagoas**.

Disponível em: <https://www.historiadealagoas.com.br/familias-na-politica-alagoana-do-seculo-xx-iii-gois-monteiro.html>. Acesso em: 23 abr. 2019.

FAUSTO, Boris (Dir.). **História Geral da Civilização Brasileira** (tomo III). Sociedade e Política (1930-1964). São Paulo: Difel, 1981.

FERRAZ, Francisco César Alves. **A guerra que não acabou: a reintegração social dos veteranos da Força Expedicionária Brasileira (1945-2000)**. Londrina: Eduel, 2012.

FONTES, Gigliele Pereira. **Maceió na Guerra: Política, Cotidiano e a Força Expedicionária Brasileira na capital alagoana (1940-1945)**. Trabalho de conclusão de curso. UFAL, Delmiro Gouveia, 2019.

FURET, François. **Dicionário crítico da Revolução Francesa**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1989.

GAMA, Arthur Oscar Saldanha da. **A Marinha do Brasil na Segunda Guerra Mundial**. Rio de Janeiro: CAPEMI, 1982.

GERODETTI, João Emilio; CORNEJO, Carlos. **Navios e portos do Brasil: nos cartões-postais e álbuns de lembranças**. São Paulo: Solaris, 2006.

GUSMÃO, Carlos de. **Bôca da Grota: reminiscências**. Maceió: Gazeta de Alagoas, 1970.

HELLER, Agnes. **O cotidiano e a história**. 13. ed. Rio de Janeiro: Paz & Terra, 2024.

HENRIQUES NETO, Anysio. **A cobra fumou na Itália: os alicerces do cotidiano dos pracinhas brasileiros no front**. Periódico Multidisciplinar do Centro de Ensino Superior de Juiz de Fora, CES, ISSN 1983-1625, Capav. 23, n. 1, 2009, p. 89-102. Disponível em: COBRA FUMOU NA ITÁLIA: OS ALICERCES DO COTIDIANO DOS PRACINHAS BRASILEIROS NO FRONT | Neto | CES Revista. Acesso em: 05 set. 2018.

HEYMANN, Luciana. **O legado do Estado Novo**. Rio de Janeiro: CPDOC, 2007.

HOBBSAWM, Eric. **A Era dos Extremos: o breve século XX (1914 – 1991)**. 2. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

HOLANDA, Aurélio Buarque de. **Dois mundos**. Maceió: Imprensa Oficial Graciliano Ramos, Maceió, 2022, p. 125-126.

HOLANDA, Sérgio Buarque de (Dir.). **História Geral da Civilização Brasileira** (tomo III). Economia e Cultura (1930-1964). 3. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1995.

HOLANDA, Sergio Buarque de. **Raízes do Brasil**. 26. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

IVO, Lêdo. **Ninho de cobras: uma história mal contada**. 2ª ed. Rio de Janeiro: Record, 1980.

JAMBO, Arnaldo. **Sururu: O Mytilus Mundahuensis**. In: Arte popular de Alagoas. Maceió: Grafítex, 2000. 220p.

- JAMBO, Arnaldo. **Um tempo de Maceió**. Recife: Catavento, 1998.
- LAURINDO, Ana Cláudia. **200 anos de Alagoas: análise socioantropológica**. Maceió: CBA, 2017.
- LEVINE, Karen. **A mala de Hana: uma história real**. São Paulo: Melhoramentos, 2007.
- LIMA, Mario de Carvalho. **Sururu Apimentado**. Apontamentos para a história política de Alagoas. Maceió: Edufal, 1979.
- LIMA JÚNIOR, Félix. **Maceió de outrora**. Apresentação de Théo Brandão. Volume I. Maceió, Arquivo Público de Alagoas, 1976.
- LIMA JÚNIOR, Félix. **Memórias de minha rua**. Maceió, Grafitex, 1981.
- MAXIMIANO, Cesar Campiani. **Barbudos, sujos e fatigados: soldados brasileiros na Segunda Guerra Mundial**. São Paulo: Grua, 2010.
- MAYNARD, Dilton Cândido Santos. **Ao pé do ouvido: Sergipe, o Estado Novo e a criação da Rádio Aperipê**. São Cristóvão: UFS, 2014.
- MEIRELES, Cecília. **Mar absoluto e outros poemas**. 2. ed. São Paulo: Global, 2015.
- MONTEIRO, Ismar de Góis. **FGV**. Disponível em: <http://www.fgv.br/cpdoc/acervo/dicionarios/verbete-biografico/monteiro-ismar-de-gois>. Acesso em: 13 maio 2019.
- MORAES, Marechal J. B. de. **A FEB pelo seu comandante**. São Paulo: Instituto Progresso, 1947.
- OS MORTOS na segunda guerra – civis e militares. **Segunda guerra**. Disponível em: <https://segundaguerra.net/os-mortos-na-segunda-guerra-mundial/>. Acesso em: 23 abr. 2019.
- MOURA, Gerson. **Relações exteriores do Brasil: 1939-1950: mudanças na natureza das relações Brasil-Estados Unidos durante e após a Segunda Guerra Mundial**. Brasília: FUNAG, 2012.
- MOUTINHO, Augusto Cesar Machado. **A Bahia na guerra: o medo e a sobrevivência em Morro de São Paulo durante a Segunda Guerra Mundial**. Dissertação (Mestrado em História) - Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2002.
- NAUFRÁGIO Itagapé. **Naufrágios do Brasil**. Disponível em: <https://www.naufragiosdobrasil.com.br/naufitapage.htm>. Acesso em: 20 jun. 2017.
- OLIVEIRA, Dennison de. **Aliança Brasil-EUA: nova história do Brasil na Segunda Guerra Mundial**. Curitiba: Juruá, 2015.
- OLIVEIRA, Dennison de. **Extermine o inimigo: blindados brasileiros na Segunda Guerra Mundial**. Curitiba: Juruá, 2015.

OLIVEIRA, Dennison de. **Os soldados alemães de Vargas**. Curitiba: Juruá, 2009.

OLIVEIRA, Dennison de. **Os soldados brasileiros de Hitler**. Curitiba: Juruá, 2011.

A PARTICIPAÇÃO militar do Brasil na Segunda Guerra Mundial. **Ahimb**. Disponível em: <http://www.ahimb.org.br/confliext17.htm>. Acesso em: 10 maio 2018.

PEDREIRA, Flávia de Sá. **Chiclete eu misturo com banana**: Carnaval e cotidiano de guerra em Natal (1920-1945). Natal: EDUFRN, 2005.

PEDREIRA, Flávia de Sá (Org.). **Nordeste do Brasil na II Guerra Mundial**. 2. ed. João Pessoa: Ideia, 2021.

PEDROSA, J. F. Maya. **A Marinha para os alagoanos**. Maceió: Nomeriano, 2004.

PEDROSA, J. F. Maya. **O enigma dos submarinos** – Nordeste do Brasil, 1942. Maceió: Catavento, 2001.

PEDROSA, José Fernando de Maya. **Histórias do velho Jaraguá**. Maceió: Talento, 1998, p. 221.

PEIXOTO, Alzira Vargas do Amaral. **Getúlio Vargas, meu pai**. Porto Alegre: Globo, 1960.

PERAZZO, Priscila Ferreira. **Prisioneiros da guerra**: os “súditos do Eixo” nos campos de concentração brasileiros (1942-1945). São Paulo: Humanitas, Fapesp, 2009.

PEREIRA, Durval Lourenço. **Operação Brasil**: o ataque alemão que mudou o curso da Segunda Guerra Mundial. São Paulo: Contexto, 2015.

PINSKY, Carla Bassanezi (Org) **Fontes históricas**. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2010.

PORTO, Otávio Arruda. **Arqueologia marítima/subaquática da 2ª Guerra Mundial**: sua aplicabilidade no Brasil. 2013. Dissertação (Mestrado em Arqueologia) - Universidade Federal de Sergipe, Salvador, 2013.

PRACINHAS na Segunda Guerra. **Gazeta do povo**. Disponível em: <http://www.gazetadopovo.com.br/vida-e-cidadania/especiais/pracinhas-na-segunda-g.ueira/index.jpp>. Acesso em: 10 maio 2018.

RÁDIO Auriverde. **Adoro cinema**. Disponível em: <http://www.adorocinema.com/filmes/filme-243507/>. Acesso em: 08 jul. 2019.

RAMOS, Graciliano. **Memórias do cárcere**. 1892-1953. Rio de Janeiro, São Paulo: Record, 2000. V. I e II.

RÁS, Gonguila: o rei dos carnavais maceioenses. Disponível em: Prefeitura de Maceió | Rás Gonguila: o rei dos carnavais maceioenses... Acesso em: 30 abr. 2025).

Revista do Instituto Histórico e Geográfico de Alagoas. V. 47, Maceió, 2009.

Revista do Instituto Histórico e Geográfico de Alagoas. V. XXXIII, Maceió, 1977.

RIBEIRO, José Wagner; LIMA, Sheyla Crystina de Albuquerque. O Rádio no Brasil: Do Cenário Nacional às Rádios Comunitárias em Alagoas. **Encontro Nordeste de História da Mídia**. ALCAR (Associação Brasileira de Pesquisadores de História da Mídia). Universidade Federal de Alagoas - 04 e 05 de agosto de 2016. Maceió – AL.

ROBATTO, Sonia. **Pé de guerra**: memórias de uma menina na guerra da Bahia. 2.ed. São Paulo: 34, 2009.

SANDER, Roberto. **O Brasil na mira de Hitler**: a história do afundamento de navios brasileiros pelos nazistas. Rio de Janeiro: Objetiva, 2011.

SANT'ANA, Moacir Medeiros de. **História da imprensa em Alagoas (1831-1981)**. Maceió, Arquivo Público de Alagoas, 1987, 238p.

SANTOS, Alcides Borges dos. **Maceió**: crônica fotográfica de uma cidade – (1900-1925). 2021. Trabalho de Conclusão de Curso (História) - Universidade Federal de Alagoas, Maceió, 2021.

SANTOS, Anderson David Gomes dos; NORMANDE, Naara Lima. Rádio pública e política: depoimentos sobre a Rádio Difusora de Alagoas. **VII Encontro Nacional de História da mídia**. 19 a 21 de agosto de 2009, Fortaleza – CE.

SANTOS, Fabiane dos. A construção do inimigo: é tempo de guerra, medo e silêncio. **Revista Santa Catarina em História**. Florianópolis, UFSC. Brasil, v.1, n.2, 2007.

SANTOS NETO, Martinho Guedes dos. **Nos domínios da política estatal**: o poder desterritorializado e as bases de sustentação política de Getúlio Vargas (1930-1934). 2014. Tese (Doutorado em História) - Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2014.

SEGUNDA Guerra Mundial: do dia D até a vitória. 6.ed. **Revista Aventuras na História**, maio 2005, São Paulo: Abril.

SEITENFUS, Ricardo Antônio Silva. **O Brasil de Getúlio Vargas e a formação dos blocos, 1930-1942**: o processo de envolvimento brasileiro na II Guerra Mundial. São Paulo: Nacional; Brasília: INL, Fundação Nacional Pró-Memória, 1985.

SEITENFUS, Ricardo. **O Brasil vai à guerra**: o processo de envolvimento brasileiro na Segunda Guerra Mundial. 3. ed. Barueri: Manole, 2003.

SILVA, Magnum Marcelo Virtuoso da. **Ascensão e queda do populismo em Alagoas – O Impeachment de Muniz Falcão**. 2022. Trabalho de Conclusão de Curso (História) – Universidade Federal de Alagoas, Maceió, 2022.

SILVEIRA, Joel. **A feijoada que derrubou o governo**. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.

SOARES, Luiz Carlos; VAINFAS, Ronaldo. “Nova história militar”. *In*: CARDOSO, Ciro Flamarion; VAINFAS, Ronaldo (Org.) **Novos domínios da História**. Rio de Janeiro: Elsevier, 2012. p. 113-132.

TENÓRIO, Douglas Apratto; LESSA, Golbery Luiz. **O ciclo do algodão e as vilas operárias**. Maceió: Sebrae, 2013.

TENÓRIO, Douglas Apratto. **A metamorfose das oligarquias**. Curitiba: HD Livros, 1997, 144p.

TENÓRIO, Douglas Apratto. **A tragédia do populismo: o impeachment de Muniz Falcão**. 2. ed. Maceió: Edufal, 2007.

TENÓRIO, Douglas Apratto. Horrores da guerra: o afundamento de navios. *In*: SIMÕES, Leonardo (coord.). **Alagoas 200 anos**. Maceió, 2017.

TENÓRIO, Douglas Apratto; DANTAS, Cármen Lúcia com ensaio de BELCHIOR, Elycio de Oliveira. **Redescobrimo o passado: cartofilia alagoana**. Recife: Fundação Joaquim Nabuco; Massangana, 2008, 118 p.

TICIANELLI. A defesa de Alagoas na 2ª guerra. **História de Alagoas**. Disponível em: <http://www.historiadealagoas.com.br/a-defesa-de-alagoas-na-2a-guerra-mundial.html>. Acesso em: 27 set. 2016.

TICIANELLI. **Os antigos carnavais de Maceió**. Disponível em: Os antigos Carnavais de Maceió – História de Alagoas. Acesso em 30 jun. 2025.

SITES:

cidades.ibge.gov.br/brasil/al/panorama. Acesso: 26 fev. 2024.

COMPANHIA Nacional de Navegação. Disponível em: https://pt.wikipedia.org/wiki/companhia_nacional_de_navega%C3%A7%C3%A3o_costeira. Acesso em: 04 dez. 2024.

Corpo de Bombeiros Militar do Estado de Alagoas – Wikipédia, a enciclopédia livre (wikipedia.org). Acesso em: 01 set. 2024.

Gerenciamento costeiro | IMA - Instituto do meio Ambiente. Acesso em: 27 fev. 2024.

Getulio Vargas (fgv.br). Acesso em: 28 ago. 2024.

História (cbm.al.gov.br). Acesso em: 10 set. 2024.

História – Prefeitura de Marechal Deodoro. Acesso em: 08 jul. 2024.

História do transporte urbano por bondes em Maceió – História de Alagoas. Acesso em: 12 maio 2025.

<https://cpdoc.fgv.br/producao/dossies/AEraVargas1/anos30-37/RelacoesInternacionais/BoaVizinhanca>. Acesso em: 22 jun. 2019).

<https://educacao.uol.com.br/disciplinas/geografia/litoral-brasileiro-costa-tem-grande-importancia-e-deve-ser-preservada.htm>. Acesso em: 09 jul.2019.

<https://segundaguerra.net/os-mortos-na-segunda-guerra-mundial/>. Acesso em: 23 abr. 2019.

<https://www.suapesquisa.com/segundaguerra/curiosidades.htm>> Acesso em: 23 abr. 2019.

IBGE | Cidades@ | Alagoas | Maceió | História & Fotos. Acesso em 05: ago. 2024.

ISMAR de Góis Monteiro. FGV. Disponível em: <http://www.fgv.br/cpdoc/acervo/dicionarios/verbete-biografico/monteiro-ismar-de-gois>. Acesso em: 13 maio 2019.

Maceió – Wikipédia, a enciclopédia livre (wikipedia.org). Acesso em: 05 ago. 2024.

MONTEIRO, Ismar de Góis. FGV. Disponível em: <http://www.fgv.br/cpdoc/acervo/dicionarios/verbete-biografico/monteiro-ismar-de-gois>. Acesso em: 13 maio 2019.

ARQUIVOS:

Arquivo Público de Alagoas (APA):

“**Aqui está Alagoas**” (Oração gratulatória proferida pelo Cônego Cicero de Vasconcelos na missa votiva em comemoração ao primeiro aniversário de governo do Interventor Ismar de Góes Monteiro). Maceió,1942.

A Administração de Alagoas em 1943. Relatório apresentado ao Excelentíssimo Senhor Presidente da República, Doutor Getulio Vargas, pelo Interventor Federal Ismar de Góes Monteiro. Maceió, Imprensa Oficial, 1944.

As atividades da Prefeitura de Maceió em 1939. Relatório apresentado ao Departamento Administrativo do Estado pelo Prefeito Eustáquio Gomes de Melo, com documentos subsidiários. Maceió, 1940.

Sinopse Estatística do Estado de Alagoas, n. 4. (Separata, com acréscimos, do “Anuário Estatístico do Brasil”, Ano V – 1939/1940 organizada com a colaboração do Departamento Estadual de Estatística). Serviço Gráfico do I.B.G.E., Rio de Janeiro, 1942.

Associação dos Ex-combatentes do Brasil – Secção Alagoas

Fundação Biblioteca Nacional (Hemeroteca Digital Brasileira).

Instituto Histórico e Geográfico de Alagoas (IHGAL):

JÚNIOR, Manuel Diégues. **Relatório do Interventor de Alagoas Ismar de Góes Monteiro**. Maceió: Imprensa Oficial, 1942.

JÚNIOR, Manuel Diégues. **Relatório do Interventor de Alagoas Ismar de Góes Monteiro**. Maceió: Imprensa Oficial, 1943.

Ordem e Trabalho: Síntese das realizações do governo Ismar de Góes Monteiro (1941- 1943). Divulgação n. 1. Departamento Estadual de Imprensa e Propaganda. Maceió, 1943.

RELATÓRIO do Interventor de Alagoas Ismar de Góes Monteiro. Maceió: Imprensa Oficial, 1941.

Revista do Instituto Histórico e Geográfico de Alagoas. Volume XXXIII, Maceió, 1977.

Revista do Instituto Histórico e Geográfico de Alagoas. Volume 47, Maceió, 2009.

FONTES:

IMPRESSAS/DIGITAIS

Agressão – documentário dos fatos que levaram o Brasil à Guerra. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, 1943.

PEREIRA, Orozimbo Martins. **Alerta! Catecismo da Defesa Passiva Civil Anti-aérea**. Imprensa Nacional, Rio de Janeiro, 1942.

JORNAIS (1942-1943)

Jornal de Alagoas (AL)

Gazeta de Alagoas (AL)

A Notícia (AL)

O Semeador (AL)

Diário de Notícias (RJ)

Diário da Noite (RJ)

ANEXOS

ANEXO 1 - LISTA DO ITAPAGÉ⁵

Nº	TRIPULANTES	ATIVIDADE	ESTADO
1	Capitão Antônio da Barra	Comandante	SALVO
2	Erasmo Berger	Imediato	Desaparecido
3	Claudio da Silveira Cruz	Piloto	Desaparecido
4	Clovis Fradique de Carvalho	2º piloto	SALVO
5	Valter Olimpico Marins	3º piloto	SALVO
6	Cinesio Guilherme de oliveira	1º radio	SALVO
7	José Freitas santos	2º radio	SALVO
8	Ernesto Pedreira Francisco de Castro	Medico	SALVO
9	Jose Rafael Veiga da Serra	Enfermeiro	SALVO
10	Eugenio Sampaio de Oliveira	Mestre	Desaparecido
11	Francisco Cintra	Carpinteiro	Desaparecido
12	Amaro Clementino Chagas	Marinheiro	SALVO
13	Vicente Ramos da Silva	Marinheiro	Desaparecido
14	Emiliano Bastos de Oliveira	Marinheiro	Desaparecido
15	Duarte de Oliveira Canario	Marinheiro	SALVO
16	Antonio Alves de Oliveira	Marinheiro	SALVO
17	Luiz Pires	Marinheiro	SALVO
18	Joao Correia de Cerqueira	Marinheiro	Desaparecido
19	Manuel Tomaz da Costa	Marinheiro	SALVO
20	Manuel Rosario Bulhoes	Convés	SALVO
21	Mario Jose de Aquino	Convés	SALVO
22	Domingos Silva Santos	Convés	Desaparecido
23	Wilson Domingos Santos	Convés	SALVO
24	Joao Marques do Nascimento	Convés	SALVO
25	Marcos Evangelista da França	Convés	SALVO
26	Jose Freitas	Convés	SALVO
27	Jose Francisco da Rocha	Convés	Desaparecido
28	Alberto Otto	Maquinista	Desaparecido
29	Joao Soares Pinho	Maquinista	SALVO
30	Joao Tomaz de Oliveira Barros	Maquinista	Desaparecido
31	Demetrio dos Reis Carvalho	Maquinista	SALVO
32	Manuel Acrisio Alves	Maquinista	SALVO
33	Rubens de Castro Gordilho	Maquinista	Desaparecido
34	Deraldo Ladislau de Azevedo	Maquinista	SALVO
35	Joao Francisco dos Santos	Maquinista	SALVO
36	Joao Batista de Sousa	Mecânico	SALVO
37	Tiago Assiz Tobias	Eletricista	SALVO
38	Francisco Domingos de Sousa	Caldeirinha	SALVO
39	Joaquim Gomes de Queiroz	Foguistas	SALVO
40	Jose Pereira Barros	Foguistas	SALVO

⁵No litoral de Alagoas foi torpedeado o navio "Itapagé". Diário de Notícias. Rio de Janeiro-RJ, 2 out. 1943, p. 7. Fundação Biblioteca Nacional (Hemeroteca Digital Brasileira).

41	Avelino Alves Moreira	Foguistas	SALVO
42	Epifanio Celestino de Lima	Foguistas	SALVO
43	Pedro Pereira de Castro	Foguistas	SALVO
44	Prezidio Jose dos Santos	Foguistas	SALVO
45	Joao Roque Salamin	Foguistas	SALVO
46	AndreJulio da Silva	Carvoeiro	SALVO
47	Antonio Alves de Sousa	Carvoeiro	SALVO
48	Jorge Alves de Oliveira	Carvoeiro	SALVO
49	Lourival Jose da Silva	Carvoeiro	SALVO
50	Antonio Nauta	1º comissário	Desaparecido
51	Jose Candido de Meneses	2º comissário	SALVO
52	Joao Batista Santiago	Cozinheiro	SALVO
53	Sabino Luiz da Silva	Cozinheiro	Desaparecido
54	Jose Bonifacio de Meneses	Cozinheiro	SALVO
55	Antonio Pais do Monte	Cozinheiro	SALVO
56	Severino Alves de Melo	Taifeiro	Desaparecido
57	Joao Galdino Lopes	Padeiro	SALVO
58	Antonio Figueiroa	Botiquineiro	SALVO
59	Joao Góis	1º copeiro	SALVO
60	Claudio Monteiro Soares	Lavador	SALVO
61	Felipe Marron Nieto	Taifeiro	Desaparecido
62	Adalberto Alves de Oliveira	Taifeiro	SALVO
63	Armando Vitor de Sousa	Taifeiro	SALVO
64	Otaviano Teixeira de Araujo	Taifeiro	Desaparecido
65	Francisco Eudocio de Albuquerque	Taifeiro	SALVO
66	Antonio Laurentino da Silva	Taifeiro	Desaparecido
67	Joao Leandro da Silva	Taifeiro	SALVO
68	Jose Monteiro da Silva	Taifeiro	SALVO
69	Luiz Gonzaga Lopes	Taifeiro	SALVO
70	Joao Ferreira da Silva	Lavador	SALVO
	PASSAGEIROS	ATIVIDADE	ESTADO
71	Artur Lopes Bandeira	Militar	
72	Alberto da Silva Pontes	Militar	
73	Flavio Cunha de Faria	F/ público	
74	Catarina Manes de Faria	Doméstica	
75	Sérgio de Faria	Doméstica	
76	Fernando de Faria	Doméstico	
77	Severino Francisco de Paula	Militar	
78	Odilon Sousa Bandeira	F/ público	
79	Luiz Honorato da Silva	Mecânico	
80	Jenura Honorato da Silva	Doméstica	
81	Newton Honorato da Silva	Doméstico	
82	Jose Honorato da Silva	Doméstica	
83	Neusa Honorato da Silva	Doméstica	

84	Matheus RiddelWillar	Engenheiro	Desaparecido
85	Joaquim Gomes	Eletricista	
86	Natanael Miguel da Silva	Marítimo	
87	Severilo Martins da Silva	Marítimo	
88	Cerilino F. Castelo Branco	Marítimo	
89	Antonio Martins Luz	Marítimo	
90	Catarino Ricardo	Marítimo	
91	Fiel Correia de Araujo	Marítimo	
92	Armando Benedito do Nascimento	Operário	
93	Maria Bezerra de Lira	Doméstica	
94	Jose Francisco da Costa	Trabalhador	
95	Estelita Pereira de Barros	Doméstica	
96	Wilson Pereira de Barros	Doméstica	Desaparecido
97	Roub Pereira de Barros	Doméstica	Desaparecido
98	Antonio Francisco da Silva	Agricultor	
99	Alfredo Pacífico de Queiroz	Enfermeiro	
100	Albacassis E. da Silva	Trabalhador	
101	Joao da Silva e Sousa	Militar	
102	Tales Silva	Militar	
103	Altino Francisco Anegues	Marítimo	
104	Inácio Jose ribeiro de Sousa	Comércio	
105	Jose Pedro da Costa	Barbeiro	Desaparecido

Organizado por Gigliele Pereira Fontes.

ANEXO 2 – ALAGOAS INTEGRADA NO ESTADO NACIONAL E NO ESFORÇO DA GUERRA

SEGUNDA SECCAO 8 PAGINAS

GAZETA DE ALAGOAS

MACEIÓ — Quarta-Feira, 10 de Novembro de 1943

SEGUNDA SECCAO 8 PAGINAS

Alagoas integrada no Estado Nacional e no esforço de guerra

Segurança coletiva e Combate ao nazi-fascismo

Um dos temas mais importantes da actualidade administrativa do dr. Ari Pitombo, Secretário do Interior, Educação e Saúde, é a segurança do Estado Nacional, em especial a segurança da vida da pátria.



DR. ARI PITOMBO, SECRETÁRIO DO INTERIOR, EDUCACAO E SAUDE

Com esse "desideratum", o dr. Ari Pitombo tem podido exercer — não se limitando aos seus próprios attribuições de república e suas forças negativas, como nos exercidas das atribuições intervenientes no seu alto cargo — um programa amplo de actividades relacionadas com a segurança e o bem-estar colectivo.

Combustão e crime, abastecimento, e dentro d'isto, o sector de abastecimento de alimentos, todas as providencias contemidas e profiláticas dos consumos, evitando-se os excessos de mal e transtornos a favor, para os efeitos da justiça e punição da lei, com a aplicação das responsabilidades, harmonias e equidades, em quanto a segurança oficial e, muitas vezes, na sua contigencia.

A apreensão de armas, amonestações são em suas diligencias, foi outra providencia planejada e de benéficas resultados da campanha repressora.

As medidas estabelecidas pelo dr. Ari Pitombo, desde seu ingresso no importante posto que ocupa, utilizaram-se de toda a força dos recursos da lei, das regras de governo e medidas de segurança, para a segurança da vida da pátria, visando o engrandecimento da terra comum.

REFORMA NO SERVIÇO POLICIAL

Completada a tarefa mais importante de uma grande, qual fôr a campanha radical contra o crime, estendeu-se a acção repressora para a segurança da vida da pátria, visando o engrandecimento da terra comum.

Como parte de período para uma eficiente campanha ao crime...

Tranças de uma administração honesta e construtiva



MAJOR ISMAR DE GOES MONTEIRO, INTERVENTOR FEDERAL

Comemorando-se, nesta data, a passagem de mais um aniversário da instauração do Estado Nacional, não podemos deixar de apresentar ao publico alagoano, em ampla reportagem, desta edição, as mais importantes realizações do governo do major Ismar de Goes Monteiro, integrado nas directrizes do novo regime e no esforço de guerra do país, empenhado neste conflito para derrotar a Alemanha nazista que tenta, inutilmente, escravizar o mundo.

O que caracteriza o governo Ismar de Goes Monteiro é essa energia, firme e decidida de atacar todos os problemas vitais, sem qualquer preferencia, em todos os sectores administrativos. O que ele mais realçando pela revitalização das nossas fontes economicas, através da Secção de Fomento Agrícola e do Departamento de Assistência ao Cooperativismo, representa, sem duvida, uma prova eloquente do progresso material que empolgou todo o Estado.

A sua intensa campanha para formar, em nossa terra, uma mentalidade cooperativista, arrastando o homem de...

Positiva revigoração das finanças publicas

Um dos organos de governo mais importantes do Estado Nacional, em especial a segurança da vida da pátria, é a segurança da vida da pátria, visando o engrandecimento da terra comum.



DR. ESPERIDIAO LOPES DE FARIAS, SECRETARIO DA FAZENDA E DA PRODUCCAO

Um dos organos de governo mais importantes do Estado Nacional, em especial a segurança da vida da pátria, é a segurança da vida da pátria, visando o engrandecimento da terra comum.

Estabelecido o plano, a título de exemplo, a reorganização dos serviços fiscaes de que resultou uma actualização da receita estatal, que já apresentou um superavit de tres milhões de cruzeiros no exercicio financeiro do ano passado.

E o que é mais importante, em toda isso, é que as finanças do Estado vão tomando maior relevancia, em maior medida das tribunas e sem o menor prejuizo para o contribuinte. Já estamos bem longe do tempo em que essas entidades se apresentavam, com graves prejuizos para a industria, o comercio e para o consumidor, em geral, quando se pretendia melhorar a receita publica, diante de novos empreendimentos de carácter industrial e industrial. Hoje, porém, outra é a preocupação do governo alagoano. Fomentar, revitalizar e organizar a produção, esse é o seu objectivo, de que resultará maiores vantagens para o consumidor.

Foi por esse motivo que o Interventor Ismar de Goes Monteiro tomou, logo no inicio de seu governo, de realizar uma completa reforma no aparelhamento fiscal que está sendo posta a prova, com grande exito. Diversos decretos, de grande importancia, foram baixados pelo Interventor Federal, em virtude dos quais foram criadas o Conselho Julgador, a Diretoria da Receita e Instancia do Código de Impostos e Taxas, que é constituída de dezesseis membros que remetem e regulamentam todas as leis tributarias de Alagoas, até então, confusas e esparças.

Depois de adotada a reforma, foi feita a necessaria reorganização do organo que teria de executar as normas reguladoras de novo aparelho fiscal e grande tem sido o êxito produzido, entre os contribuintes, pela actualização dos impostos, pela actualização da administração do Estado.

A DIRETORIA DE RECEITA

A Diretoria de Receita, directo-riamente subordinada ao Secretário de Fazenda e da Produção, é um dos departamentos de serviços publicos que controlam maior numero de repartições. A ela estão imediatamente subordinadas 6 repartições regionaes, 28 Postos de Fiscalização e 12 Coléctrias, aos quais foram dados regulamentos detalhados, de modo a serem executadas com a maior perfeição e com a maior exactidão de resultados.

De fato, não é com palavra que um chefe de Estado poderá pôr em bom ordem os negocios publicos. Mas, com dinheiro, na sua totalidade, devido aos tributos. E não será um Estado, com a sua agricultura incipiente, sem assistência ao produtor, sem a racionalização dos métodos de trabalho, que possa oferecer os indispensaveis meios ao governo para executar um vasto programa de realiza-

(Conclua na 3ª pagina)

REACAO E PUNICAO AOS EXPLORADORES DO POVO

Estabelecida a todos, indistinctamente, no effeito de sua situação, a Secretaria do Interior, que não se interessa por ser agradavel ao conceder privilegios ao cidadão, repressora e punição contra os gananciosos e aproveitadores da situação de guerra.

A repressão, a não de malfeitorias, o castigo à bolsa popular são as medidas punidas severamente, em beneficio da economia publica, principalmente das actividades produtivas, estas mais afectadas pelos aproveitadores, que lhes exploram a suor e o trabalho.

AMPARO AOS MEIORES ABANDONADOS E PRESENTES

Atualmente, o dr. Ari Pitombo realiza com o maior interesse a solução de um dos seus problemas mais capitais e presentes, qual é o dos menores abandonados e delinquentes.

Preocupado e muito interessado em solucionar a esta, também repressora e punição contra os gananciosos e aproveitadores da situação de guerra.

Como parte de período para uma eficiente campanha ao crime...

REPERTE DE 3 MILHOES DE CRUZEIROS

Estimada a receita para o exercicio de 1943 em Cr\$ 13.930.000,00, o Estado, sem aumento de impostos, arrecadou, no referido exercicio, quantia superior a 12 milhões de Cruzeiros, apenas da actual depressão economica causada pela guerra.

Como se vê, é bem expressivo o crescimento de um exercicio financeiro com o "superavit" de 3 milhões de Cruzeiros não obstante a superavariação dos factores de produção, entre os contribuintes, pela actualização dos impostos, pela actualização da administração do Estado.

REPERTE DE 3 MILHOES DE CRUZEIROS

Estimada a receita para o exercicio de 1943 em Cr\$ 13.930.000,00, o Estado, sem aumento de impostos, arrecadou, no referido exercicio, quantia superior a 12 milhões de Cruzeiros, apenas da actual depressão economica causada pela guerra.

Como se vê, é bem expressivo o crescimento de um exercicio financeiro com o "superavit" de 3 milhões de Cruzeiros não obstante a superavariação dos factores de produção, entre os contribuintes, pela actualização dos impostos, pela actualização da administração do Estado.

Alagoas integrada no Estado Nacional e no esforço de guerra. Gazeta de Alagoas – Maceió – Quarta-feira, 10 de novembro de 1943. APA.

ANEXO 3 - APAGUEM SUAS LUZES AO SINAL DE ALARME

JORNAL DE ALAGOAS

MACIÓ - SEXTA-FEIRA, 10 DE JULHO DE 1942

APAGUEM SUAS LUZES AO SINAL DE ALARME

Defesa Passiva Anti-Aérea

Pelo restabelecimento do presidente Getúlio Vargas

Um plano de defesa passiva anti-aérea, que visa ao restabelecimento do presidente Getúlio Vargas, está sendo elaborado pelo Estado de Alagoas. O plano prevê a instalação de sistemas de defesa passiva em todas as cidades do Estado, com o objetivo de evitar danos materiais e humanos em caso de ataques aéreos.

O plano foi elaborado pelo Estado de Alagoas, em conjunto com o Estado de Pernambuco, e prevê a instalação de sistemas de defesa passiva em todas as cidades do Estado, com o objetivo de evitar danos materiais e humanos em caso de ataques aéreos.

O plano prevê a instalação de sistemas de defesa passiva em todas as cidades do Estado, com o objetivo de evitar danos materiais e humanos em caso de ataques aéreos.

EXERCÍCIO DE "BLACK OUT"

Um exercício de "black out" foi realizado em Alagoas, com o objetivo de testar os sistemas de defesa passiva anti-aérea. O exercício foi realizado em todas as cidades do Estado, com o objetivo de evitar danos materiais e humanos em caso de ataques aéreos.

O exercício foi realizado em todas as cidades do Estado, com o objetivo de evitar danos materiais e humanos em caso de ataques aéreos.

O exercício foi realizado em todas as cidades do Estado, com o objetivo de evitar danos materiais e humanos em caso de ataques aéreos.

ARMAZEM DE FERRO VELHO

Antonio Almeida

Compra e vende Ferro Velho, Metais, Cabre, Bronze, Alumínio, Latão, Chumbo, Cans, Tambores, Tubos, Metais, Eixo, Saco, tudo que pertença a este ramo

RUA SA' E ALBUQUERQUE, 650 - FONE 725

Jaraguá - Mació - Alagoas

ARMAZEM DE FERRO VELHO

Antonio Almeida

Compra e vende Ferro Velho, Metais, Cabre, Bronze, Alumínio, Latão, Chumbo, Cans, Tambores, Tubos, Metais, Eixo, Saco, tudo que pertença a este ramo

RUA SA' E ALBUQUERQUE, 650 - FONE 725

Jaraguá - Mació - Alagoas

O Drama das Gerações

de Herculio FONSECA

(Para o JORNAL DE ALAGOAS)

Um drama das gerações, que trata da luta entre os jovens e os velhos, está sendo apresentado em Alagoas. O drama foi escrito por Herculio Fonseca e está sendo apresentado em todas as cidades do Estado.

O drama foi escrito por Herculio Fonseca e está sendo apresentado em todas as cidades do Estado.

O drama foi escrito por Herculio Fonseca e está sendo apresentado em todas as cidades do Estado.

Rotulagem

(De um observador social)

Reportagem feita num avião tem avião, quando este "voava" sobre terras dos maresóis. É como do alto, a gente vê sempre melhor, eis o que "observa" um Lúpi Fieber

As condições de vida dos maresóis são muito precárias. Eles vivem em condições de extrema pobreza, sem acesso a serviços básicos de saúde e educação. A situação é muito preocupante e precisa ser resolvida.

As condições de vida dos maresóis são muito precárias. Eles vivem em condições de extrema pobreza, sem acesso a serviços básicos de saúde e educação. A situação é muito preocupante e precisa ser resolvida.

As condições de vida dos maresóis são muito precárias. Eles vivem em condições de extrema pobreza, sem acesso a serviços básicos de saúde e educação. A situação é muito preocupante e precisa ser resolvida.

PHILCO

Baterias

Uma maravilha de técnica e eficiência

A B e a força de ondas ampladas

Distribuidores: Maurício & Cia. Ltda.

Departamento do Serviço Público

Concurso para provimento de carreira de Médico Clínico e outras concursos

O Departamento do Serviço Público está realizando um concurso para provimento de carreira de Médico Clínico e outras concursos. O concurso será realizado em todas as cidades do Estado.

O Departamento do Serviço Público está realizando um concurso para provimento de carreira de Médico Clínico e outras concursos. O concurso será realizado em todas as cidades do Estado.

O Departamento do Serviço Público está realizando um concurso para provimento de carreira de Médico Clínico e outras concursos. O concurso será realizado em todas as cidades do Estado.

TIPO TILBINO 1935

Tudo aparelhado, por preço de afalar, vende-se um carro V8 com porta e freio na CASA VULCO

Tudo aparelhado, por preço de afalar, vende-se um carro V8 com porta e freio na CASA VULCO. O carro é muito bom e está em excelentes condições.

Tudo aparelhado, por preço de afalar, vende-se um carro V8 com porta e freio na CASA VULCO. O carro é muito bom e está em excelentes condições.

LUIS CANUTO

Clínica Dentária

Consultório - Eletro Odontológico

Rua de Lacerda, 179 (antes da Casa Caputo)

Telefone: 111 - 111

Dr. Lages Filho

Clínica de Adultos e Crianças

Representante - Consult. Feas, Res. Falcão, Ar. Dantas

Tratamento Especializado em Doenças e Alergias

Consultório - Fone: 213 - Fone: 412

Rua de Lacerda, 179 - Fone: 111

Apague suas luzes ao sinal de alarme. Jornal de Alagoas - Mació - Sexta-feira, 10 de julho de 1942. IHGAL.

ANEXO 4 - COM ARMAS OU SEM ARMAS, SABEREMOS LUTAR

JORNAL DE ALAGOAS

MACÉIO — SÁBADO, 22 DE AGOSTO DE 1942

COM ARMAS OU SEM ARMAS, SABEREMOS LUTAR

Para a garantia da Ordem Pública

Rotary Clube de Macéio

Novos batismos de aviões para o Brasil
EXPOSITIVO DICADO DO MINISTRO SALGADO FILHO — O AMOR À PÁTRIA — A BANDEIRA DO CHEFE DO GOVERNO

Um minuto de silêncio como homenagem aos mortos brasileiros
INICIATIVA DO C. S. A. — ADESAO A CAMPANHA DO METAL

AS RESOLUÇÕES ADOPTADAS

Uma comissão de sete membros, nomeada pelo Ministério da Aeronáutica para estudar a possibilidade de adquirir novos tipos de aviões, apresentou relatório ao Sr. Ministro Salgado Filho, chefe do Governo, em 15 de agosto de 1942.

O relatório, assinado pelo Sr. Ministro Salgado Filho, chefe do Governo, em 15 de agosto de 1942, recomenda a aquisição de novos tipos de aviões, com o fim de melhorar a aviação brasileira.

Para ser realizado no Brasil, o novo tipo de avião, a ser adquirido, deve ser capaz de voar a uma velocidade de 200 km. por hora, com um alcance de 2.000 km.

O novo tipo de avião, a ser adquirido, deve ser capaz de voar a uma velocidade de 200 km. por hora, com um alcance de 2.000 km.

Em telegrama a Mário Velloso, Presidente do Conselho Nacional de Cultura, o Sr. Ministro Salgado Filho, chefe do Governo, recomenda a aquisição de novos tipos de aviões, com o fim de melhorar a aviação brasileira.

O novo tipo de avião, a ser adquirido, deve ser capaz de voar a uma velocidade de 200 km. por hora, com um alcance de 2.000 km.

AS RESOLUÇÕES ADOPTADAS

1. Que o Ministério da Aeronáutica seja autorizado a adquirir novos tipos de aviões, com o fim de melhorar a aviação brasileira.

2. Que o Ministério da Aeronáutica seja autorizado a adquirir novos tipos de aviões, com o fim de melhorar a aviação brasileira.

OS PILOTOS CIVIS E O MINISTÉRIO DA AERONÁUTICA

O Sr. Ministro Salgado Filho, chefe do Governo, em 15 de agosto de 1942, recomendou a aquisição de novos tipos de aviões, com o fim de melhorar a aviação brasileira.

O novo tipo de avião, a ser adquirido, deve ser capaz de voar a uma velocidade de 200 km. por hora, com um alcance de 2.000 km.

EVITE A CHUVA E A PREVISÃO DO TEMPO

O Sr. Ministro Salgado Filho, chefe do Governo, em 15 de agosto de 1942, recomendou a aquisição de novos tipos de aviões, com o fim de melhorar a aviação brasileira.

O novo tipo de avião, a ser adquirido, deve ser capaz de voar a uma velocidade de 200 km. por hora, com um alcance de 2.000 km.

Missa pelas almas dos brasileiros vítimas do atentado do "Eixo"
SERÁ SEGUNDA-FEIRA NA CATEDRAL — O POVO CONVINDADO A COMPARÊÇER — VOTO DE PÃO FÚNDO PEZA — UM TELEGRAMA AO PRESIDENTE DA REPÚBLICA

Com o fim de homenagear as almas dos brasileiros mortos no atentado do "Eixo", o Rotary Clube de Macéio, em conjunto com o Rotary Clube de Aracaju, realizará uma missa pelas almas dos brasileiros vítimas do atentado do "Eixo", no dia 29 de agosto, às 10 horas, na Catedral de Macéio.

Jaraguá L. Tennis Club
OFICIAL

Com o fim de promover o desenvolvimento do esporte de tênis, o Jaraguá L. Tennis Club, em conjunto com o Rotary Clube de Macéio, realizará um torneio de tênis, no dia 29 de agosto, às 10 horas, na Catedral de Macéio.

Recital de Poesia da poetisa Marilisa Pozzoli

O Sr. Ministro Salgado Filho, chefe do Governo, em 15 de agosto de 1942, recomendou a aquisição de novos tipos de aviões, com o fim de melhorar a aviação brasileira.

O novo tipo de avião, a ser adquirido, deve ser capaz de voar a uma velocidade de 200 km. por hora, com um alcance de 2.000 km.

Vinha do Rio, no "Itaquera"

O Sr. Ministro Salgado Filho, chefe do Governo, em 15 de agosto de 1942, recomendou a aquisição de novos tipos de aviões, com o fim de melhorar a aviação brasileira.

O novo tipo de avião, a ser adquirido, deve ser capaz de voar a uma velocidade de 200 km. por hora, com um alcance de 2.000 km.

BRASILEIROS

Ha necessidade de não se repetir as manifestações celebradas, no momento, em desagravo ao atentado internacional perpetrado em Macéio, no dia 15 de agosto de 1942.

Após a compra de ordem do momento, o Sr. Ministro Salgado Filho, chefe do Governo, em 15 de agosto de 1942, recomendou a aquisição de novos tipos de aviões, com o fim de melhorar a aviação brasileira.

Em franco desenvolvimento a Campanha dos Metais

Comunicações recebidas de interior sobre o movimento — Continuação a chegar contribuições — Pronto o Posto de Coleta da Praça Floriana

A campanha dos metais, em franco desenvolvimento, tem recebido numerosas contribuições de todas as partes do Estado.

AS REVELAÇÕES DE UM QUASI NAUFRÁGIO

Diante do ataque aéreo sofrido pelo Brasil, em 15 de agosto de 1942, o Sr. Ministro Salgado Filho, chefe do Governo, em 15 de agosto de 1942, recomendou a aquisição de novos tipos de aviões, com o fim de melhorar a aviação brasileira.

O novo tipo de avião, a ser adquirido, deve ser capaz de voar a uma velocidade de 200 km. por hora, com um alcance de 2.000 km.

ARMAZEM DE FERRO VELHO

Com o fim de promover o desenvolvimento do comércio de ferro velho, o Armazém de Ferro Velho, em conjunto com o Rotary Clube de Macéio, realizará um torneio de tênis, no dia 29 de agosto, às 10 horas, na Catedral de Macéio.

ARMAZEM DE FERRO VELHO

Com o fim de promover o desenvolvimento do comércio de ferro velho, o Armazém de Ferro Velho, em conjunto com o Rotary Clube de Macéio, realizará um torneio de tênis, no dia 29 de agosto, às 10 horas, na Catedral de Macéio.

ARMAZEM DE FERRO VELHO

Com o fim de promover o desenvolvimento do comércio de ferro velho, o Armazém de Ferro Velho, em conjunto com o Rotary Clube de Macéio, realizará um torneio de tênis, no dia 29 de agosto, às 10 horas, na Catedral de Macéio.

ARMAZEM DE FERRO VELHO

Com o fim de promover o desenvolvimento do comércio de ferro velho, o Armazém de Ferro Velho, em conjunto com o Rotary Clube de Macéio, realizará um torneio de tênis, no dia 29 de agosto, às 10 horas, na Catedral de Macéio.

ARMAZEM DE FERRO VELHO

Com o fim de promover o desenvolvimento do comércio de ferro velho, o Armazém de Ferro Velho, em conjunto com o Rotary Clube de Macéio, realizará um torneio de tênis, no dia 29 de agosto, às 10 horas, na Catedral de Macéio.

ARMAZEM DE FERRO VELHO

Com o fim de promover o desenvolvimento do comércio de ferro velho, o Armazém de Ferro Velho, em conjunto com o Rotary Clube de Macéio, realizará um torneio de tênis, no dia 29 de agosto, às 10 horas, na Catedral de Macéio.

ARMAZEM DE FERRO VELHO

Com o fim de promover o desenvolvimento do comércio de ferro velho, o Armazém de Ferro Velho, em conjunto com o Rotary Clube de Macéio, realizará um torneio de tênis, no dia 29 de agosto, às 10 horas, na Catedral de Macéio.

ARMAZEM DE FERRO VELHO

Com o fim de promover o desenvolvimento do comércio de ferro velho, o Armazém de Ferro Velho, em conjunto com o Rotary Clube de Macéio, realizará um torneio de tênis, no dia 29 de agosto, às 10 horas, na Catedral de Macéio.

ARMAZEM DE FERRO VELHO

Com o fim de promover o desenvolvimento do comércio de ferro velho, o Armazém de Ferro Velho, em conjunto com o Rotary Clube de Macéio, realizará um torneio de tênis, no dia 29 de agosto, às 10 horas, na Catedral de Macéio.

ARMAZEM DE FERRO VELHO

Com o fim de promover o desenvolvimento do comércio de ferro velho, o Armazém de Ferro Velho, em conjunto com o Rotary Clube de Macéio, realizará um torneio de tênis, no dia 29 de agosto, às 10 horas, na Catedral de Macéio.

ARMAZEM DE FERRO VELHO

Com o fim de promover o desenvolvimento do comércio de ferro velho, o Armazém de Ferro Velho, em conjunto com o Rotary Clube de Macéio, realizará um torneio de tênis, no dia 29 de agosto, às 10 horas, na Catedral de Macéio.

ARMAZEM DE FERRO VELHO

Com o fim de promover o desenvolvimento do comércio de ferro velho, o Armazém de Ferro Velho, em conjunto com o Rotary Clube de Macéio, realizará um torneio de tênis, no dia 29 de agosto, às 10 horas, na Catedral de Macéio.

ARMAZEM DE FERRO VELHO

Com o fim de promover o desenvolvimento do comércio de ferro velho, o Armazém de Ferro Velho, em conjunto com o Rotary Clube de Macéio, realizará um torneio de tênis, no dia 29 de agosto, às 10 horas, na Catedral de Macéio.

ARMAZEM DE FERRO VELHO

Com o fim de promover o desenvolvimento do comércio de ferro velho, o Armazém de Ferro Velho, em conjunto com o Rotary Clube de Macéio, realizará um torneio de tênis, no dia 29 de agosto, às 10 horas, na Catedral de Macéio.

ARMAZEM DE FERRO VELHO

Com o fim de promover o desenvolvimento do comércio de ferro velho, o Armazém de Ferro Velho, em conjunto com o Rotary Clube de Macéio, realizará um torneio de tênis, no dia 29 de agosto, às 10 horas, na Catedral de Macéio.

ARMAZEM DE FERRO VELHO

Com o fim de promover o desenvolvimento do comércio de ferro velho, o Armazém de Ferro Velho, em conjunto com o Rotary Clube de Macéio, realizará um torneio de tênis, no dia 29 de agosto, às 10 horas, na Catedral de Macéio.

ARMAZEM DE FERRO VELHO

Com o fim de promover o desenvolvimento do comércio de ferro velho, o Armazém de Ferro Velho, em conjunto com o Rotary Clube de Macéio, realizará um torneio de tênis, no dia 29 de agosto, às 10 horas, na Catedral de Macéio.

ARMAZEM DE FERRO VELHO

Com o fim de promover o desenvolvimento do comércio de ferro velho, o Armazém de Ferro Velho, em conjunto com o Rotary Clube de Macéio, realizará um torneio de tênis, no dia 29 de agosto, às 10 horas, na Catedral de Macéio.

ARMAZEM DE FERRO VELHO

Com o fim de promover o desenvolvimento do comércio de ferro velho, o Armazém de Ferro Velho, em conjunto com o Rotary Clube de Macéio, realizará um torneio de tênis, no dia 29 de agosto, às 10 horas, na Catedral de Macéio.

ANEXO 6 – OCUPADA PELOS INGLEZES

RESERVISTA ! O Brasil precisa dos teus serviços no Exército !
Prepara-te, pois, para atender ao primeiro chamado !

Ocupada pelos ingleses a ilha de Mayotte - Não houve resistência

Londres, 10.—Notícia-se que as forças britânicas ocuparam a ilha francesa de Mayotte, no Canal de Moçambique, no dia 2 de julho, sem encontrar resistência e sem se verificarem baixas.

Londres, 10. A ilha francesa de Mayotte ocupada pelos ingleses pertencente ao arquipélago de

Comoro, no Canal de Moçambique, tendo uma população de 97 mil pessoas. Está registrada como possessão francesa desde 1843.

A NOTICIA

Ano IX

Director JOSÉ ANTONIO SILVA

NUM 126

Maceió, Sab do 11 de Julho de 1942

Será hoje o « black - out » O que deve fazer a população

Uma nota do comando do 20 B. C. — Fiscalização geral

Hoje, como foi amplamente noticiado, terá lugar o primeiro exercício de defesa passiva anti-aerea.
O «black-out» terá início às 20 horas.

continuos e modulados), durante 4 (quatro) minutos.
— 1ª Zona: Centro da Cidade e Bairro do Bebedouro — Capitão MARIO DE CARVALHO LIMA.
— 2ª Zona: Bairro da Levada, Ponta Grossa e Trapiche da Barra — Capitão ANTONIO ALVES CORDEIRO.

exercício aos seguintes oficiais.
— 3ª Zona: Bairros do Farol e Alto do Jacutinga — Capitão GUILHERME BARCELOS BORGES.
— 4ª Zona: Bairros de Jaraguá, Pajussára, Ponta Verde e Mangabeira — Capitão DOMINGOS DA COSTA LINO SOBRINHO.

FISCALISAÇÃO GERAL
A fiscalização geral do exercício está a cargo do Major José Portugal Ramalho, que sobrevoará a cidade por ocasião do «black-out» a bordo de um avião «Waco» da F. A. B.

UMA NOTA DO COMANDO DO 20 B. C.
Do ilustre comandante do 20 B. C., tenente-coronel Manoel Cabido Fernandes, recebemos a seguinte nota:
«Para melhor orientação da população desta capital e no sentido de evitar dúvidas, aviso que, ao sinal de alarme, será cortada somente a luz das ruas, devendo ser totalmente apagadas pelas residências particulares. Quanto aos hotéis, pensões, collegios, etc., deverá ser desligada a chave geral da luz, de modo a evitar-se que algum isoladamente possa acender qualquer lampada.
De referencia ao serviço telefonico, declaro que não é permitido aos particulares fazer chamadas telefonicas durante o alarme aereo, afim de deixar as linhas livres para os serviços publicos.
Para fiscalizar a observancia dessa determinação, a Companhia Força e Luz tem recommendação no sentido de registrar todos os numeros dos aparelhos que funcionarem durante o alarme aereo e trazer-los ao conhecimento deste Comando.
Estou certo de que toda a população de Maceió dará a sua melhor cooperação para que o ensaio que se vai realizar tenha o maior exito».

FIM DE ALARME
SIRENE—Sons estabelecidos numa altura uniforme e prolongados durante 3 (tres) minutos.
SINOS—Badaladas durante 3 (tres) minutos.
SINOS—Repique durante 4 (quatro) minutos.
APITOS—Som breves diversas vezes repetidos 4 (quatro) minutos.

O emocio-nante encontro de rei como sabio Pedro, da lugoslavia e o inventor Nikola Tesla verteram lagrimas ao se encontrarem
Nova York, 10 (A. P.)— Foi cheio de emoção o encontro verificado hoje, num hotel desta cidade entre o jovem Rei Pedro, da lugoslavia, e o inventor Dr. Nikola Tesla, um anciao de 86 anos de nomeada mundial.
O rei Pedro fez questão de visitar o sabio seu contemporaneo, o ambos verteram lagrimas ao se encontrarem.
Tesla, que foi um dos auxiliares diretos de Edison, e a quem se devem a descoberta do principio do «campo magnetico rotativo» e numerosas invenções no campo do radiomagnétismo, curvando-se respeitosamente deante do monarca de 19 anos, disse-lhe:
«Majestade ! Espero viver ainda bastante, até ver o dia em que estareis restaurado em vosso velho throno, em nosso Reino, depois de exnotados alemães e italianos».

Prossegue a campanha contra o porte de armas Pistolas, rifle e peixeiros apreendidos em Muriç e no Farol
A autoridade policial de Muriç enviou a Secretaria do Interior 8 peixeiros, 2 pistolas de espoletas, 13 facas, 5 punhais, 4 espingardas, 1 bacamarte, 1 fuzil, 1 rifle de 44 mod. 1892 e 1 revolver cal. 38-50.745.
Tambem do Farol, distrito desta capital, a autoridade local, sargento José Paulino, enviou a Secretaria do Interior, para os devidos fins, 18 espingardas, 6 pistolas «Comblain», 1 Mauser e 1 revolver.
Prossegue assim a campanha da policia contra o porte de armas, medida moralisadora que tem provocado aplausos da população.

Chegou o navio brasileiro «Bagé»

Rio, 11 (A. N.)— Procedente de Lisboa de onde partiu a 21 de junho p. lido, chegou o navio brasileiro «Bagé», trazendo a seu bordo quasi 300 passageiros, em sua maioria diplomatas brasileiros na Europa ocupada.
Amanhã deverá chegar o «Siqueira Campos» trazendo 250 passageiros, na maioria diplomatas e agentes consulares brasileiros.

A ausencia de carne verde no mercado carioca

Rio, 11 (A. N.)— A população carioca de alguns dias a esta parte não vem sendo suprida de carne verde, alegando os seus fornecedores varias razoes para a ausencia no mercado carioca daquele produto. O Prefeito recebeu em seu gabinete os representantes do Sindicato do Consumo de Carne Verde, declarando-lhes que só examinará qualquer pretensão deles com referencia ao fornecimento de carne à população carioca, depois que se tenha normalizado completamente o abastecimento daquele produto à cidade.

Feriu a perna em consequencia de uma queda

O condutor da Nordeste, de nome Altino Lopes da Silva, que tem o numero 196 e residente à rua Cabo Reis, ontem, quando fazia uma viagem para Bebedouro tropeçou num entroncamento da via ferrea, caindo.
Em consequencia disso, o referido cidadão, saiu com um grande ferimento na perna direita, tendo a assistencia do Pronto Socorro comparecido ao local, providenciando no transporte da vítima para aquele hospital, onde recebeu os necessarios curativos.

Sobre a construção de abrigos anti-aer-o

Rio, 11 (A. N. Brasil)— Respondendo à uma consulta da Sociedade Americana de Proteção Antiaerea Limitada sobre se poderia construir abrigos anti-aer-o enquanto se

aguarda a regulamentação da lei que regula a materia, o Ministro da Aeronautica informou que não precisa licença especial para tais construções, e acrescenta que melhor seria submeter-se à apreciação das Prefeituras municipais, cada projeto.

SINAL DE ALARME
SIRENE—Sons alternativamente crescentes e decrescentes (sons des-

contínuos e modulados), durante 4 (quatro) minutos.
SINOS—Badaladas durante 3 (tres) minutos.
SINOS—Repique durante 4 (quatro) minutos.
APITOS—Som breves diversas vezes repetidos 4 (quatro) minutos.

FISCALISAÇÃO DO CUMPRIMENTO DAS ORDENS
Para maior eficiencia e concretisação do cumprimento das ordens foi a cidade dividida em quatro zonas, cabendo não só a responsabilidade da fiscalisação como os ensinamentos e entendimentos gerais a respeito do

Ocupada pelos ingleses a ilha de Mayotte. A Notícia – Maceió – Sábado, 11 de julho de 1942. Ano IX, num. 126. IHGAL.

ANEXO 8 - COMO FOI ATACADO E AFUNDADO O "ITAPAGÉ"



O belo paquete nacional torpedeado à altura de Lequiá da Praia, em São Miguel de Campos, submergiu em 4 minutos

Cheta de revolta e profundamento... O "Itapagé", um dos belos e modernos paquetes da Companhia Nacional de Navegação...

Salvos numerosos tripulantes e passageiros - Vários desaparecidos - A assistência do governo, das autoridades militares e da L. B. A. aos sobreviventes...

Ataque da L. B. A. - A Legião Brasileira de Assistência, tendo à frente o seu presidente...

Ataque da "batalla da borraça" foram, também, perdidos... O segundo naufrágio de "Itapagé" ocorreu na noite de 21 de outubro...

Exposição de moveis

A CASA LAGES tem recebido de Salas de Vendas de Jantar e de Banho, e moveis variados, de todas as modas...

Leilão dos Efeitos Avariados do vapor "Poty"

EDITAL DE LEILÃO PUBLICO O Doutor Arthur de Silva Juck, Juiz de Direito do Pelotas da Prefeitura Municipal de Pelotas...

- Para saber a todos que se presentes a lista de leilão vivos e a quem o leilão possa, com o prazo de dez dias, que se dá a partir da data 11 do corrente (Terça-feira)...

no local, surgiu uma figura de herói voluntário, simples e destemido: o pescador João Cipriano, que faz a vida, tempestuosa, no mar e nas lagoas de São Miguel de Campos...

Compre-se

Planos, Cortes, Maquina Sincro, Maquina de Escrer, Foga, Bateria de Alumínio e Movelis.

Farmácia Pasteur - Drograria e Farmácia Industrial

Depósito de medicamentos para bovinos, cavalos, porcos, aves e cães.

Singer Sewing Machine Company

Través de várias pessoas, recebemos queixas sobre o preço exorbitante que está sendo cobrado pelas agulhas Singer por alguns revendedores...

Atenção

COMPRI SEUS MOVEIS NA A MOBILIADORA a casa que vende mais barato e possui o melhor acervo de salas de visitas, de jantar, dormitórios e peças avulsas...

Casa Mortuaria

ENTERRAR PARA TODAS AS CLASSES SOCIAIS LUXUOSOS CARROS FUNEBRES COBERTOS FUNEBRES AV. MOREIRA LIMA - 441 - FONE - 648

Cia. de Charutos Danemann

ACABAM DE CHEGAR NOVAS REMESSAS DAS SUAS AFAMADAS MARCAS QUE SEÃO VENDIDAS EM GROSSO E A RETALHO

Luxuosa Casa de Diversões (Familiar) Direção de HEGESIPPO CALDAS. INAUGURAR-SE-A' NO DIA 7 DO CORRENTE. A'S 18.30. A' RUA DO COMERCIO N. 81, A LU... UOSA CASA DE "DIVERSOES" (FAMILIAR) SOB A ESCLARECIDA DIREÇÃO DO NOSSO PRESTIMOSO CONTRERRANEO HEGESIPPO CALDAS. ESPECIALMENTE CONTRATADA, COM EXCLUSIVIDADE, A NOVA JAZZ-BAND "GUY RANY" EXECUTARA' AS ULTIMAS NOVIDADES MUSICAIS. DIVIRTA-SE NUM AMBIENTE RIGOROSAMENTE SELECIONADO FREQUETANDO A SIDIUAMENTE A LUXUOSA CASA DE DIVERSOES COM QUE HEGESIPPO CALDAS AGR... CIU OS SEUS CONTRERRANEOS.

Como foi atacado e afundado o "Itapagé". Gazeta de Alagoas - Maceió - Domingo, 03 de outubro de 1943. Ano X, n. 224, 8 pgs. APA.

ANEXO 10 – DEFENDENDO A BOLSA DO POVO CONTRA A EXPLORAÇÃO

A NOTICIA

Ano IX

Director JOSE ANTONIO SILVA

NUM 135

Maceió, Sabado 25 de Julho de 1942

Melhorando os vencimentos do funcionalismo estadual
Natal, 24 (A. N.) — Foi concluído o projeto de decreto-lei da Interventoria, padronizando e melhorando os vencimentos do funcionalismo publico estadual.

Defendendo a bolsa do povo contra a exploração

O dr. Ari Pitombo, Secretario do Interior, no Mercado Publico, prende varios infratores

Uma galinha magra por 8\$500 e um quilo de carne com 600 gramas de osso!—Fiscalização energica sera' feita, diariamente, pelos agentes da Ordem Social—Deve ser obedecida a tabela aprovada pela Comissão de Economia Popular

Hoje pela manhã o dr. Ari Pitombo, Secretario do Interior, acompanhado de auxiliares esteve no Mercado Publico, fiscalizando a execução do novo tabelamento dos generos alimentícios já publicado na imprensa e do conhecimento de todos. A referida autoridade visitou as varias dependencias daquele proprio municipal, demorando-se em cada secção e se informando a respeito dos preços aprovados pela Comissão de Economia Popular.

A secção da carne verde e do peixe mereceu atenção especial daquella autoridade que assistiu tambem o movimento do strepsos onde muitos consumidores levam a mercadoria comprada para a necessaria fiscalização.

TAMBEM OS GALINACEOS
A vendagem dos galinaceos não estava sendo feita conforme a tabela, pois o negociante Manoel Severino, por exemplo, vendia uma galinha magra por 8\$500.

Constatada a infração foi Severino imediatamente preso e recolhido à Penitenciaria do Estado. Havia irregularidade tambem na secção da carne verde, onde foi pegado em flagrante um tahador vendendo o bife com 500 a 600 gramas de osso, num quilo!

Foram presos os infratores que são os magarefes: srs. Sebastião Guimarães, Alvaro Alves Mascarenhas, Antonio Ar-

SABÃO EM BARRAS

Na visita feita ás mercearias, o dr. Ari Pitombo testemunhou que o sr. Cosme Albuquerque, vendia sabão em barras, contrariando flagrantemente a tabela que proíbe a vendagem em barras, somente o permitindo a quilos.

Foi preso o sr. Cosme Albuquerque e levado para a Penitenciaria.

ORDENS ENERGIICAS

A fiscalização da venda dos generos de primeira necessidade continuará energica e será feita pelos agentes da Ordem Social, que têm ordens terminantes a respeito, para prender e immediata-

Concurso de titulos para a vaga de Dentista

O lte. cel. Manoel Candido Fernandes, comandante do 2º B. C., aquartelado nesta capital, comunicou-nos que as inscrições para o Concurso de titulos para preenchimento das vagas de dentista desse batalhão, de acordo com o edital já publicado pela imprensa, serão encerradas ás 16 horas do dia 26 do corrente.

LEIAM "A NOTICIA"

Na proxima semana o segundo "black-out" em Maceió

Na proxima semana, em dia que será previamente marcado, realizar-se-á o segundo exercicio de defesa passiva anti-aerea nesta capital. Não será publicada a

hora do "black-out", afim de que a população demonstre a experiencia adquirida no desenrolar do primeiro exercicio daquella natureza.

mente conduzir a prisão dos infratores, quaisquer que sejam eles. As ordens da Secretaria do Interior foram recebidas com muito agrado pela população que não podia mais estar à mercê dos exploradores e dos desalmados.

Não obedeceu a "fila", discutiu com o policial e foi preso

Ontem, ás 14 horas, registrou-se no "guichet" do Departamento dos Correios e Telegrafos, uma cena deveras desagradavel. Como é sabido, ha tempos poz-se em pratica ali o uso das "filas", afim de evitar atropellos na compra de selos, expedição de telegrammas e cartas. O sr. Luiz Campelo, engenheiro contratante de obras da Panair esteve áquella hora na referida repartição e apesar de

ser repetidamente observado pelo guarda civil de serviço naquella local, não quiz obedecer de nenhuma maneira a ordem. A coisa se acalorou e chegou ao extremo de o policial intimar aquele cidadão que foi levado para o xadrez da 1ª Delegacia Auxiliar.

Horas depois ouvido pelo dr. Sizenando Nabuco foi o sr. Campelo posto em liberdade.

Seria deshumanidade a pobre mulher ficar sem a maquina "Singer"

A Secretaria do Interior distribue Justiça, indistintamente e resolveu o caso de d. Aristéa Santos

D. Aristéa Santos, residente em Atalaia, procurou, ontem, a Secretaria do Interior, dizendo que havia comprado, ha meses, u maquina de costurar "Singer" e que por dificuldades financeiras se atrazou em seus pagamentos e o sr. Teofilo, agente de vendas daquela Companhia retirou a aludida maquina de sua residência.

D. Aristéa é pessoa muito pobre tendo, porém, já pago do negocio da maquina a quantia de 810\$000, dinheiro este adquirido com os trabalhos de costura.

Ora ficar aquella mulher sem a maquina era o mesmo que mata-la de fome. Seria uma deshumanidade. Desesperada d. Aristéa veio de Atalaia para esta capital.

O dr. Ari Pitombo, que, como é sabido de todos vem á frente da Secretaria do Interior distribuindo, indistintamente, Justiça, ouviu a pobre mulher e resolveu o seu caso.

Foram ordenadas então providencias ao sub-delegado de Policia daquela cidade no sentido de ser restituída a maquina áquella senhora ou o dinheiro que a mesma havia dado ao referido agente.

DR JOÃO VASCONCELOS

Medicina Interna—Doenças da Nutrição—Tuberculose
Consultório: Comercio, 135—Fone, 796
De 9 ás 11 e de 15 ás 17 horas
Residência: Av. Mareira e Silva, 531

LEIAM "A NOTICIA"

Vendam querosene, mas somente o freguez comprando outra mercadoria

Presoz. no Poco, dois negociantes

Os moradores pobres do distrito do Poco estavam sofrendo agora uma exploração, novo sistema de venda inaugurado ali por alguns negociantes e ao que sobemos tambem muito do agrado de alguns donos de bodegas na Levada, Ponta Grossa e Farol.

Os referidos merceiros vendiam querosene somente a quem lhes comprasse outras mercadorias. Querosene só, é que não.

O fato foi devidamente apurado e o dr. Ari Pitombo, Secretario do Interior, mandou recolher à Penitenciaria os negociantes Manoel Lins de Gusmão e Manoel Vieira do Poco, que daquela maneira procediam.

CINEARTE

Em sessão especial a exibição do filme "E as luzes brilharão outra vez"

Na tela do "Cinearte" foi projetada, hoje, ás 10 horas, em sessão especial, dedicada ás autoridades, imprensa e pessoas gratas, o grandioso filme anti-nazista — "E as luzes brilharão outra vez". Gentilmente cedidas pelos seus respectivos comandantes, tocaram antes da sessão, as bandas de musica do 2º B. C. e Força Publica.

O sr. Antonio Barreto, gerente daquela casa de diversões fez instalar um poderoso alto-falante na marquise do Cinearte.

O interventor federal, interino, os secretarios do Interior e Fazenda, comandantes do 2º B. C. e da Força Publica e outras altas autoridades assistiram á exibição do filme que é realmente uma obra digna de ser admirada.

Leiam

A NOTICIA

A visita do interventor alagoano a S. Paulo

Uma noticia do "Correio Paulista"

O "Correio Paulista" em dos mais antigos e conceituados orgãos da imprensa bandeirante, noticiando a chegada do Major Ismar de Goes Monteiro, Interventor Federal em Alagoas. O Ilustre militar e homem publico, foi festivamente recebido no Campo de Congonhas por inumeros amigos e pelos srs: tenente Alfredo Guedes de Souza Figueira, representante do sr. dr. Fernando Costa

Interventor Federal; tenente Roberto Cardoso representante do general Mauricio Cardoso, comandante da 2ª Região Militar; Silvio Cunha Bueno, representante do dr. Abelardo Vergueiro Cesar, Secretario da Justiça; Glicerio Neto, representante do dr. Coriolano de Gois, Secretario da Fazenda; Ari Junqueira, representando o dr. Acacio Nogueira, Secretario da Seguranca Publica; Julio de Oliveira Chagas Neto, representando o dr. Rodrigues Alves Sobrinho, Secretario da Educação; Plinio Teles Rudge, representando o dr. Anhaia Melo, Secretario da Viação; Anibal Andrade representando o dr. Prestes Maia, Prefeito de S. Paulo; Durval Vilalva, 1º delegado auxiliar; Tupi Caldas, diretor da Recebedoria Federal em São Paulo e outras figuras de relevo nos meios administrativos, civis e militares.

Falando rapidamente á Agencia Nacional, o major Ismar de Goes Monteiro disse que a sua viagem a São Paulo tem caráter particular. Aproveitou o ensejo da viagem onde tratou de diversos problemas do interesse para o seu Estado afim de visitar S. Paulo, devendo assistir á inauguração da Exposição de Animais e realizar, tambem, diversas visitas a estabelecimentos industriais da capital.

ANEXO 11 – COMPREENDAMOS QUE ESTAMOS NA GUERRA!

O SEMEADOR

ANO XXIX-N. 178 | DIÁRIO CATÓLICO NA ARQUIDIOCESE | Sexta-feira, 9 de Outubro de 1942 | FUNDADO EM 2 DE MARÇO DE 1915 | MACEIÓ—ALAGOAS

As Missões e a conversão dos povos

Os profetas anunciaram que as nações retornariam ao culto do verdadeiro Deus. Isaías sobretudo viu antecipadamente esta conversão e cantou-a com entusiasmo.

«Dos que serão salvos, diz o Senhor, enviarei mensageiros aos povos da África, da Líbia, da Itália e da Grécia, nos mares e nas ilhas distantes, e elas anunciarão minha glória às nações. Não de glórias irmãs, e escolherei entre eles sacerdotes e levitas».

O próprio Jesus Cristo, ao deixar a terra, diz a Seus apóstolos: «Ide, ensinai a todas as nações; ensinai-lhes a observância de tudo o que vos ordenei». «Sereis minhas testemunhas na Judéa, em Samaria e até nos confins da terra».

A Igreja Católica continuou a obra dos apóstolos. Ela cumpriu esta missão não só nos primeiros séculos, mas também na continuação dos tempos, até nossos dias.

No século V converteu Clovis e os francos, e fez da França uma filha querida da Igreja.

Na mesma época, S. Patrício, enviado pelo Papa Celestino I, tornou-se o apóstolo da Irlanda, mais tarde tão fecunda em missionários.

No século seguinte, os povos que tinham invadido o império romano sentiram por sua vez a influência da Igreja, e os Lombardos, na Itália e os Visigodos, na Espanha, abraçaram a religião católica.

Na continuação dos tempos, a Igreja difundiu por toda a parte o trabalho das Missões.

De modo que a civilização da Europa que durou um milênio é obra de suas mãos. O mesmo se afirma da formação espiritual da América.

Os russos repetem Londres, 8 (5) — Anuncia-se que as tropas russas repeliram vários contra-ataques desfechados contra a cidade de Białystok. Foram destruídas várias dezenas de tanques de guerra.

COMPREENDAMOS QUE ESTAMOS NA GUERRA!

Nós todos precisamos receber, sem constrangimento, antes com decidido espírito de obediência e de serenidade, as medidas que o poder público vem estabelecendo dentro do estado de guerra a que fomos conduzidos.

E mister, antes de tudo, que nos apercebamos de que lá não somos apenas observadores de grande conflito que, lá fora, se trava mas que para ele caminhamos sujeitos aos sacrifícios que ele também vai reclamar de nós.

Cientes de que estamos em guerra — e que não ainda não compreendemos devidamente — cabe-nos sentir sem restrições as determinações dos que têm, nesta hora difícil de nossa pátria, as ordens e responsabilidades de sua defesa.

Todos devemos sentir que os trevas que, as noites, nos envolvem, a falta de certos gêneros alimentícios, o alto do preço de varias utilidades, os tributos de guerra que obedem de ser decretados são sacrifícios que nada representam diante dos que estão fazendo certos povos que a guerra já arrastou no seu curso de logo.

Felizes seríamos nós se a nossa contribuição para a vitória da causa o que também servimos se restringisse a proibição da circulação dos automóveis de passeio, a escândalo em que vivem mergulhados as nossas cidades, a escassez de uns tantos viveres, ao custo elevado de certos objetos, ao modico tributo que o go-

verno decretou para fazer face a despeços que temos de realizar.

Porque ainda não sentimos convenientemente, com o exultado necessário, que nossa posição não é a de quem acompanha, pelo rádio ou pelos jornais, o desenvolvimento da luta mas a de quem, dessa ou daquela forma, está dentro dela, não estamos recebendo como devíamos as medidas que o poder público nos prescreve.

Ha muita gente que acha desnecessaria a escândalo das noites ruins, que se irritam porque está com o automóvel guardado, que não se conforma com a falta de xarque no mercado, que vai tomar, com absoluto constrangimento os bonus a que o governo a obrigou.

Ha quem, sentindo calor, abre a porta de casa e deixa que a luz do interior se projete para a rua, na quem pensa que a navegação costeira deve continuar a ser feita como antigamente para que não nos falte banna ou manteiga, ha quem acha desnecessaria a mobilização dos nossos soldados.

Não estamos compreendendo devidamente a nossa situação. Não estamos sentindo que seremos o povo mais feliz do mundo se os sacrifícios que tivermos de fazer forem apenas esses, que nada valem diante dos que outros estão fazendo com o sangue, o luto, a dor, a orfandade e a fome que — Deus louvado! — ainda não bateram as nossas portas.

Sociedade de São Vicente de Paulo

Considero a Sociedade de São Vicente de Paulo um completo, da Ação Católica. O que esta opera nos centros mais desenvolvidos, nos meios validos, nos laborios, nos escritorios, nas sociedades de todo genero, os confrades vicentinos realizam nos lugares onde se desventurados de sorte, la onde difficilmente chegaria esse mais eficaz. E que trabalhos, e que frutos! Quantos unidos legitimados! Quantos adultos e crianças teles criados pelo mesmo! Quantos ensinamentos de doutrina cristã! Quantos ensinamentos ensinados para o catecismo! Quantos conversões! Sim, senhores, conversões... e admiráveis. Quantos hereses que encontraram o verdadeiro caminho de felicidade e bem-dizer, e infinita misericórdia de Deus. Tudo isso, clem das lágrimas que são arrastadas, dos amares oblatos que são revigorados, do conforto, do alívio, da resignação, da paz, do amor que são semeados. Bendita Sociedade! Somente por inspiração divina Ozanam se lembrou de estabelecer como fundamento da sociedade que fundou e visita ao pobre em seu domicilio. E sem ruído, sem espinalato, sem vangloria, vai o vicentino distribuindo pelas cabanas e choças infectas, ao par do auxílio material, o pão do espirito que revigora e anima.

E senão o vicentino membro de uma das associações fundamentais da Ação Católica, estando porisso ligado a hierarquia da Igreja, o seu trabalho é não somente ação de católico, mas verdadeiro ação católica com todos os seus meritos. E desta modo que vêm procedendo os vicentinos em todas as partes do mundo. Na nossa cidade do Recife, a Sociedade cada dia mais se desenvolve, do que e indice a criação pelo Conselho Metropolitano de mais um Conselho Particular. Conferencias novas vão surgindo e novos apóstolos da caridade vão aparecendo. Bendito cruzado!

A. Maia.

que a alma cristã recebe nas visitas ao SS. Sacramento.

Na sessão de ontem, após ter prestado valiosos serviços a Obra de Adoração, D. Maria Tereza Mauricio findo o periodo de sua presidencia, passou o exercicio de presidente a sua substituta, D. Rosa Farias Avelar, da cuja piedade e dedicacão muito esperará a referida Associação.

O Bonus de guerra

O governo da Republica, erando o Bonus de guerra, convoca todos os brasileiros para uma eficaz cooperacão no preparo dos nossos recursos economicos necessarios a defesa do pais.

O Brasil precisa de organizar a sua defesa militando em pratica todos os elementos de que lançaram mãos as nações nas guerras modernas.

Ora os gastos para a realizacão de um programa de guerra, abraçando todos os setores da defesa nacional, são grandiosos.

E' justo pois, que todos cooperem na mobilizacão das forças economicas obtendo os bonus de guerra.

E' um dever de patriotismo e de conciencia crista.

Demais, o governo da Republica que cerca de seguras garantias a obtenção dos bonus de guerra, lhes dá os juros de 6 %, o que constitue um ottimo emprego de nossas economias.

Urge que todas as classes sociais, alem da contribuicão compulsoria pelo imposto de guerra, medida justa e reclamada pelas circunstancias nacionais, adquiram voluntaria e generosamente, na proporção das possibilidades de cada um, esses bonus que ficam incorporados a divida publica.

Homenagem da Colonia Polonesa do Brasil ao General Sikorski

Por intermedio dos voluntarios poloneses que partiram para a Grã-Bretania, os poloneses radicados no Brasil enviaram ao General Sikorski um pequeno escudo de cobre, ideado pela artista polonesa, Senhora Elisabeth Koszowska, com uma agua branca estilizada, cunhada em prata, vindo-se no peito de agua a imagem de Nossa Senhora de Czestochowa, padroeira da Polonia, com incrustações em ouro.

Recebendo tão significativa lembrança, o General Sikorski agradeceu por telegrama, nos seguintes termos, a comissão enviante:

«O aspirante a oficial, Cimoszko, entregou-me o escudo acompanhado de uma mensagem remetida por occasião da data nacional da Polonia, em 3 de maio, pela Colonia Polonesa radicada no Brasil».

«Peço exprimir em meu nome a todos os ofertantes, minha sincera gratidão por tão belo presente, que aceito como prova de profundo amor dos numerosos cidadãos poloneses, residentes no Brasil, que assim testemunham sua admiracão pelo soldado polonês».

(a) General Sikorski.

Hoje-se amanhã, a Associação das Mães Cristãs

Amanhã, na Catedral, será celebrada ás 7 horas, a missa mensal no altar da Sagrada Família, em homenagem das Mães Cristãs.

Findo o santo sacrificio serão feitas preces pelas familias das associadas e será dada a benção do SS. Sacramento.

Em seguida realizar-se-á a sessão ordinaria, na qual o diretor fará uma allocução sobre as familias.

Obra de Adoração Diurna

SUA SESSÃO DE ONTEM

Ontem, após o exercicio do mês do Rosario, efeitado no Catedral a sessão mensal da Obra da Adoração Diurna.

Esta associacão agregada a Adoração Perpetua da matriz de Sant'Ana no Rio de Janeiro, se destina a manter adoradores constantemente diante do SS. Sacramento.

O Revmo. Diretor lembrou a necessidade de se preencherem os quadros de pessoas adoradoras que se transferiram para outros lugares e explicou as somas de bençoes e de graças

Elixir De Guardião

Grande Purificador do Sangue indicado na SIFILIS e no REUMATISMO — O seu efeito sempre seguro positivo

FARMACIA E DROGARIA GLOBO—Rua do Comercio,158 e 126—Maceió

ANEXO 12 - CONTRA O CARNAVAL

O SEMEADOR

ANO XXX - N. 10 - DIÁRIO CATÓLICO DA ARQUIDIOCESE - Sexta-feira, 22 de Janeiro de 1943 - FUNDADO EM 2 DE MARÇO DE 1913 - MACEIÓ - ALAGOAS

A Paróquia de Santa Rita, do Alto do Jacutinga

Sua instalação e o passo da pároca

No próximo domingo, às 9 horas, na capela de Santa Rita, elevada à categoria de matriz, realizar-se-ão as cerimônias da instalação da nova pároquia...

Com o desenvolvimento que vem alcançando o bairro do Farol, cujo primitivo nome de Alto do Jacutinga...

O Revmo. Conego Cícero Vasconcelos, a quem o Exmo. Sr. Arcebispo confiou as tarefas da organização da nova pároquia...

Os habitantes da nova pároquia, estamos certos, não de todos, cooperar para que o seu primeiro pároco possa realizar os encargos que lhe são impostos...

Os habitantes da nova pároquia, bem como os fiéis em geral, são convidados a assistir às solenidades do próximo domingo.

EM todo lar católico deve haver uma assinatura de O Semeador.

CONTRA O CARNAVAL

Discute-se, no Rio, neste momento, se devere o nossa gente entregar-se, este ano, às loucuras do Carnaval...

Porque o inquerito que se processa o respeito não exclui nenhuns vozes, que dela também nos seja dado participar...

Não podemos, realmente, compreender como, integrados no bloco de nações que, nesta hora, se empenham, com todos os seus recursos...

Festa de S. Sebastião em Fernão Velho

No próximo dia 24, com grande piedade e esplendor vai celebrar-se a festa do glorioso São Sebastião.

A Congregação Marianas está promovendo os festejos do seu excelso padroeiro com verdadeiro entusiasmo.

Comeará hoje o tríduo que será pregado pelos Revmos. Conego Berchmans, e Padres Amando Gusmão e Medeiros Neto.

Estão instalados na Praça São José, dois alto-falantes para maior esplendor das solenidades.

A banda de música da Força Policial, acompanhará a procissão daquele santo.

Unidos em face da agressão Exterior

Rio, 21 A. N. - O Ministro Osvaldo Aranha, telegrafou ao sr. Joaquim Fernandez, Ministro do Exterior do Chile...

O gesto do governo Chileno, ao romper as relações diplomáticas com os países totalitários...

Em todo lar católico deve haver uma assinatura de O Semeador.

livre e em marcha para a frente. Mesmo quando quisermos fechar os olhos aos que, em terras estrangeiras dão seu sangue em honra da civilização...

Se trouxermos o caso para a região em que vivemos não poderemos pôr de lado as palavras sensatas e sobrias do Sr. Art. Piombo quando, no Rio, há poucos dias, juntara a essas considerações...

Carnaval, em qualquer época, é desvario, com o seu cortejo de infelicidades e atalados à nossa condição de povo entolido.

Carnaval, num momento como este, é quebra acintosa e agressiva da nossa solidariedade...

americana, o próprio pensamento continental, na defesa de suas mais elevadas razões de tradição e sobrevivência.

Estava realmente na própria logica dos fatos que essa Republica irmã, tão ciiosa de suas prerrogativas de nação livre...

O despacho pede ainda que seu colega seja o interprete de suas congratulações, junto aos demais membros do Governo Chileno.

A nunciar no O Semeador é ter uma bôe propaganda nos lares católicos

DR. GERBASE FILHO - EX-INTERNO DOS HOSPITAIS DO RIO - Medico da Maternidade Sampaio Marques - Assistente Técnico venerologista do Centro de Saúde da Capital

(Leiam a 4.ª pagina)

Paróquia de Santa Rita do Alto do Jacutinga

Para as solenidades da instalação da nova pároquia e posse de seu pároco, recebemos da revmo. Paróco do Catedral o convite que abaixo transcrevemos...

Maceió, 20 de Janeiro de 1943.

Exmo. Sr. Redacção de O SEMEADOR.

Por decreto de 18 do corrente, criou o Exmo. Sr. Arcebispo Metropolitano a nova Paróquia de Santa Rita, do Alto do Jacutinga...

As cerimônias de instalação da nova pároquia e da posse do pároco, realizar-se-ão no próximo domingo, dia 24, às 9 horas...

Dr. Lessa de Azevedo - Especialista em Cirurgia - Instalação modular para os casos de sua especialidade - Cirurgia geral - Vias urinarias - Parto especializado...

Dr. Lessa de Azevedo - Especialista em Cirurgia - Instalação modular para os casos de sua especialidade - Cirurgia geral - Vias urinarias - Parto especializado...

Defesa de laze sobre cirurgia - Instalação modular para os casos de sua especialidade - Cirurgia geral - Vias urinarias - Parto especializado...

Serviço de maternidade com os recursos da grande cidade - Instalação eletrotécnica - Diatermia - Ultra Violeta - Correntes Galvânicas e Farádicas - Massagens Elétricas...

Tratamento de úlceras, varizes e hemorroidas por processos elétricos - Aparelho de Raio X portátil apropriado para controle e tratamento de fraturas sem locomoção do doente.

Não confirmadas - Cairo, 21 - (S) - Notícias não confirmadas revelam que as tropas aliadas já penetraram nos subúrbios da cidade de Tripoli.

OFICINA DE PIANO - Rua da Boa-Vista 323 - Nesta oficina, executam-se quaisquer trabalhos de pianos, pianolas, órgãos etc. etc. Trabalhos garantidos e com a máxima presteza.

Elíxir De Guardião - Grande Purificador do Sangue Indicado na SIFILIS e no REUMATISMO - O seu efeito sempre seguro positivo - FARMACIA E DROGARIA GLOBO - Rua do Comercio, 158 e 126 - Maceió

